



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA  
CURSO DE MESTRADO EM FILOSOFIA

JADER CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE NETO

**FOUCAULT E A PSICANÁLISE (ENTRE 1954 E 1966):**  
aspectos e preâmbulos de uma apropriação crítica

Recife

2018

JADER CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE NETO

**FOUCAULT E A PSICANÁLISE (ENTRE 1954 E 1966):**  
aspectos e preâmbulos de uma apropriação crítica

Dissertação apresentada como requisito avaliativo obrigatório à obtenção do título de mestre em Filosofia, pela Universidade Federal de Pernambuco.

**Área do concentração:** Ciências Humanas  
– Filosofia.

**Orientador:** Prof. Dr. Filipe B. Campello.

**Coorientador:** Prof. Dr. Ernani P. Chaves.

Recife

2018

Catálogo na fonte  
Bibliotecária Maria do Carmo de Paiva, CRB4-1291

A345f    Albuquerque Neto, Jader Cavalcanti de.  
          Foucault e a Psicanálise (entre 1954 e 1966): aspectos e preâmbulos de uma  
          apropriação crítica / Jader Cavalcanti de Albuquerque Neto. – 2018.  
          99 f. ; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Filipe B. Campello.  
Coorientador: Prof. Dr. Ernani P. Chaves.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH.  
Programa de Pós-graduação em Filosofia, Recife, 2018.  
Inclui referências.

1. Filosofia. 2. Foucault, Michel, 1926-1984. 3. Freud, Sigmund, 1856-1939.  
4. Psicologia. 5. Psicanálise. 6. Loucura. I. Campello, Filipe B. (Orientador). II.  
Chaves, Ernani P. (Coorientador). III. Título.

100 CDD (22. ed.)

UFPE (BCFCH2019-051)

**JADER CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE NETO**

**FOUCAULT E A PSICANÁLISE (ENTRE 1954 E 1966):  
aspectos e preâmbulos de uma apropriação crítica**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Aprovada em: 14/092018.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Filipe Augusto Barreto Campello de Melo (Orientador)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof. Dr. Érico Andrade Marques de Oliveira (Examinador Interno)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof. Dr. Thiago Fortes Ribas (Examinador Externo)  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

## AGRADECIMENTOS

A eleição de problemas filosóficos que tomam a existência do pesquisador, impondo-se como tarefa sua investigação, nem sempre surge por uma escolha “sem motivações” (escolhas são *necessariamente* motivadas). Com isso, gostaria de agradecer ao prof. Sandro Sayão, por ter me apresentado, no terceiro período da graduação em filosofia pela Universidade Federal de Pernambuco, ao pensamento de Michel Foucault e ter me confiado uma pesquisa através do PIBIC. A partir desse voto de confiança movido por um acompanhamento rico e sempre à disposição um problema de pesquisa demandou um desdobramento e puder saciar a essa demanda com a presente dissertação.

Ao contribuinte brasileiro que, através de seus impostos, me permitiu ter a possibilidade de uma formação superior. À UFPE, que contribuiu com a bolsa do PIBIC – além de suas instalações e estrutura que cativam o estudante no ambiente acadêmico.

À Capes que financiou uma pequena parte da pesquisa. Ao prof. Ernani Chaves que amavelmente me sugeriu o tema que aqui é trabalhado e por ter acompanhado meus passos, nos entremeios de suas inúmeras atribuições. Ao prof. Filipe Campello pela oportunidade e acompanhamento da pesquisa. Ao prof. Thiago Ribas pela sua paciência no exame de meu texto e suas atenciosas e ricas contribuições.

To Wendy for our correspondence and her kind attention towards me, listening carefully about my research and sharing precise impressions and ideas. Doubtfulness, a rare friend that I can count for life!

Ao departamento de filosofia da UFPE, para não citar todos os nomes, que contribuiu para a minha formação com membros-modelos inesquecíveis e sempre presentes imediatamente nos tratos das questões diárias, despidas ou não de filosofia.

Às presenças, expressões faciais e conversas riquíssimas com quem não consegue (como eu) pensar fora de sua formação, dialogando sobre problemas filosóficos, mesmo fora de ambientes acadêmicos (bares). Em especial, ao meu modelo da graduação, do mestrado e nos próximos hiatos, por sua amizade irreparável, dedicação e seriedade, João Marcelo Silva da Rocha.

Aos amigos que sofrem com a solidão quase sempre não discursivas das pesquisas, que originariamente contribuirão para os acervos nas nossas bibliotecas. Em especial, Dalton,

Eduardo e Max por compartilharem comigo as experiências, conversas e revisões de textos e suas tocantes presenças não apenas em minha defesa.

Finalmente, em especial, à minha família e à minha companheira, Nanazinha por todo o suporte inenarrável dado, através dos anos. Qualquer linha além disso, em relação a vocês, é uma injustiça sem tamanho.

## RESUMO

Diante da conturbada relação entre Foucault e a psicanálise, a dissertação tem como objetivo situar o estatuto da psicanálise no interior do que se chama *corpus* foucaultiano, até 1966, sem uma teleologia. Inaugurando uma nova forma de pensar o problema na obra de Foucault, a presente inquirição situa o saber de Freud no uso particular da ferramenta genealógica de análise chamada *problemática*, mostrando que a psicanálise nunca é enfrentada por si só, mas sempre condicionada por tramas maiores, para isso, construindo a própria acepção da noção, a dissertação há de mostrar a sequência de problemáticas do período, delimitando-as de acordo com os escritos do recorte proposto, desse modo, tomando a delimitação bibliográfica de forma assistemática e sem uma unidade temática, as problemáticas serão construídas e balizadas de acordo com essa delimitação, consistindo essencialmente em quatro tipos: a problemática da daseinanálise, a problemática da psicologia, a problemática da loucura e, por fim, a das ciências humanas.

**Palavras-chave:** Foucault. Freud. Binswanger. Lacan. Daseinanálise. Psicologia. Psicanálise. Loucura. Problemáticas.

## **ABSTRACT**

Regarding the troubled relationship between Foucault and psychoanalysis, the present master's thesis aims to situate the status of psychoanalysis within what is called the Foucauldian corpus until 1966, without a teleology. Introducing a new way of thinking the problem in Foucault's work, this inquiring situates Freud's knowledge in the particular use of a genealogical tool of analysis called problematic, showing that psychoanalysis is never confronted by itself, but always conditioned by larger plots, to do this, constructing the very meaning of the notion, the dissertation will show the sequence of period's problematics, delimiting them according to the writings belonged to the proposed cut, thus, taking these writings in an unsystematic way and without a thematic unit, the problematics will be constructed and shaped according to this delimitation, consisting essentially of four types: the problematic of Daseinanalysis, the problematic of psychology, the problematic of madness and, finally, that of the human sciences.

**Keywords:** Foucault. Freud. Binswanger. Lacan. Daseinanalysis. Psychology. Psychoanalysis. Madness. Problematics.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2</b>	<b>A PSICANÁLISE DE 1954 A 1957 .....</b>	<b>22</b>
2.1	ALGUMAS PROPOSIÇÕES HERMENÊUTICAS .....	22
2.2	BINSWANGER <i>VERSUS</i> FREUD E HUSSERL: O LUGAR DA PSICANÁLISE NA HERMENÊUTICA ONÍRICA .....	28
2.3	AS SIGNIFICAÇÕES EM FREUD, HUSSERL E BINSWANGER: POR UMA TEORIA DA SIGNIFICAÇÃO ANALÍTICO-EXISTENCIAL.....	37
2.4	O LUGAR DA PSICANÁLISE NA PROBLEMÁTICA DA PSICOLOGIA NOS TEXTOS DE 1957: UM DIAGNÓSTICO CRÍTICO.....	47
2.5	A RECEPÇÃO FREUDIANA DA NOÇÃO PSICOLÓGICA DE SENTIDO E O PAPEL DAS SIGNIFICAÇÕES NA TERAPIA.....	55
<b>3</b>	<b>A PSICANÁLISE NA “ARQUEOLOGIA”: A PERSISTENTE AMBIVALÊNCIA DO PAPEL DE FREUD .....</b>	<b>58</b>
3.1	<i>A PRIORI</i> HISTÓRICO E EPISTEME ( <i>ÉPISTHÈMÈ</i> ).....	58
3.2	AS ARQUEOLOGIAS: ASPECTOS GERAIS DE UM MODO DE VER.....	61
3.3	A PSICANÁLISE NAS ARQUEOLOGIAS DA LOUCURA E DAS CIÊNCIAS HUMANAS.....	66
3.4	A PSICANÁLISE N’AS PALAVRAS E AS COISAS: A PROBLEMÁTICA DO INCONSCIENTE DAS CIÊNCIAS HUMANAS E A SUPERAÇÃO DO HOMEM.....	75
3.5	OS INCONSCIENTES E A ARQUEOLOGIA: OS POTENCIAIS DAS CONTRACIÊNCIAS.....	84
<b>4</b>	<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>89</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>93</b>

## 1 INTRODUÇÃO

“Morre aos 57 anos o mestre estruturalista Michel Foucault”: estampa o título de uma matéria do jornal O Globo, em 26 de junho de 1984. A matéria ainda acrescenta que à época o pensador havia (sic) “perdido o prestígio intelectual” por apreciar o sadomasoquismo e ter “se exposto propositadamente à Aids”<sup>1</sup>. Seja nesse sentido ou academicamente muito tem se falado sobre Foucault, pelo menos nos últimos 50 anos. Desde curiosidades não práticas às suas contribuições para pensar a loucura e as ciências humanas, seu engajamento como militante em luta contra o sistema prisional, pensador da biopolítica e da ética, passando pelos debates sobre gênero e sexualidade; da educação à arquitetura, passando pela filosofia, psicologia e sociologia<sup>2</sup>.

Partindo para aspectos internos de sua obra, se olharmos tanto a literatura que comenta a obra do nosso filósofo como os comentários dele mesmo sobre sua obra, veremos que se detém majoritariamente na produção da década de 1970 – inclusive no tocante às linhas que comentam a relação com a psicanálise<sup>3</sup>. No tocante ao produzido por Foucault entre 1954 a 1966, era até pouco tempo quase que completamente ignorado – até onde sabemos, Foucault não comenta suas produções da década de 1950, sendo, em parte, seguido na atitude pelos

---

<sup>1</sup> Cf.: <https://acervo.oglobo.globo.com/fatos-historicos/em-1984-morre-filosofo-michel-foucault-9910243>. Acesso em: 02.12.2014.

<sup>2</sup> Para se ter uma ideia da popularidade de Foucault em filosofia no Brasil, na ANPOF, de 2016, foram apresentados cerca de 50 trabalhos, em diversos temas de sua obra. Aproximando-se em quantidade a trabalhos, apenas para citar algumas temáticas, sobre platonismo, Kant, Hegel e Heidegger. Sendo superados os sobre Foucault por cerca de 80 trabalhos acerca de Nietzsche. Cf.: <http://anpof.org/portal/index.php/pt-BR/agenda-encontro-2/items/84-agenda-xvii-encontro>

<sup>3</sup> Tratando-se de livros temos como principais referências os trabalhos de Chaves (1988) e Teshainer (2005). As citações da presente dissertação trarão apenas o sobrenome das (os) autoras (es), evitando-se ao máximo o uso do primeiro nome. Representando, essa discreta manifestação, um protesto silencioso contra o forte e enraizado sexismo nos meios acadêmicos, em especial, na filosofia.

estudiosos de sua obra<sup>4</sup>. No âmbito da relação da obra de Foucault com a psicanálise trata-se também de um tema secundário, quando comparado a outros de sua obra<sup>5</sup>.

Foucault escreve, no que hoje está disponível de sua obra, entre 1954 e 1966 sobre temas diversos: do estatuto da psicologia e da análise psiquiátrica à formação e superação das ciências humanas. No tocante aos textos de 1950, começam há pouco a aparecer alguns comentários – em português apontaríamos Nalli<sup>6</sup>, Noto<sup>7</sup>, Sardinha<sup>8</sup>, Silveira<sup>9</sup>, Soria<sup>10</sup> Yazbek<sup>11</sup>; destacamos Noto, que se dedica exclusivamente à relação entre a obra de nosso filósofo com a psicanálise, inclusive nos debates que concernem ao recorte ora trabalhado<sup>12</sup>.

---

<sup>4</sup> Se olharmos para comentadores de grande vulto como Machado, numa conferência chamada “*História da Loucura e Crítica da Razão*”, realizada em 1995, falando da influência de Nietzsche na crítica da racionalidade moderna na *História da loucura*, afirma diversas vezes que sua fala tematiza o “primeiro Foucault”. Ou seja, grosso modo o período que vai de 1961 até a década de 1970. Os *Ditos e escritos* com textos anteriores a 1961, tinham acabado de ser lançados. Portanto, não havia ainda interesse na obra do Foucault antes do “primeiro Foucault”, portanto antes da arqueologia. E essa situação perdura, sendo nítido que o Foucault da década de 1950 ainda é pouco comentado. Machado (2017, p. 43) há de fazer algumas autocríticas, no decorrer de sua inestimável contribuição à obra do filósofo francês. Caracterizando Foucault como a “ilustração perfeita de uma cobra”: “cobra que não perde a pele, morre”. Refere-se, com essa suma, ao imperativo existencial da constante reinvenção do filósofo e a impossibilidade de tratar sua obra como uma sucessão de artigos/conferências/livros/cursos que se sistematizam.

Caso trouxermos o exame para os últimos anos ver-se-á que, mesmo as publicações que tratam de Foucault e da psicologia, que teriam, em tese, que examinar os escritos de 50, esses passam quase que despercebidos, como pretendemos mostrar ao longo do texto.

<sup>5</sup> A título de exemplo, um estudo clássico em inglês de 1990 de autoria de Forrester discute a relação entre Foucault e psicanálise. Trata-se de um capítulo de um livro chamado *As sedução da psicanálise: Freud, Lacan e Derrida*. Utilizando-se de poucos textos anteriores à 1961, foi relançado em 2009, em francês, quase na íntegra. Aí reside um detalhe importante. Os *Ditos e escritos* de Foucault comportando o volume I os trabalhos de 1954 a 1975, têm sua primeira edição na França em 1994. O dossiê francês *É preciso fazer justiça a Freud...*, da revista *Incidence*, que contém um capítulo com o texto de Forrester, possui uma das poucas reuniões de escritos sobre a problemática do estatuto da psicanálise na obra de Foucault. Outro trabalho nessa linha, recentemente lançado em língua inglesa, *Lacan contra Foucault* (2018), ignora a produção de 1950, dedicando-se quase que completamente às ilações com a psicanálise da década de 1970.

<sup>6</sup> NALLI, Marcos A. Gomes. Arqueologia e Epistemologia. **Perspectiva filosófica**. Recife, v. 9, n. 18, jul./dez., 2002; **Foucault e a fenomenologia**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

<sup>7</sup> NOTO, Carolina S. *A psicanálise para Foucault: Ontologia ou hermenêutica?* **Trans/Form/Ação**, Marília, v. 39, n. 1, p. 57-76, Jan./Mar., 2016; O déficit ontológico da psicanálise: Foucault leitor de Hyppolite. **Dois pontos**, Curitiba, São Carlos, v. 14, n. 1, p. 145-157, abril de 2017.

<sup>8</sup> SARDINHA, Diogo. A humanidade na animalidade Kant e a antropologia do bem e do mal. **Philosophica**, Lisboa, v. 31, 2008, pp. 51-64.

<sup>9</sup> SILVEIRA, Filipa C. Sujeito e homem na crítica de Michel Foucault à antropologia. **Tese (Doutorado)**, Universidade Federal de São Carlos, 2015.

<sup>10</sup> SORIA, Ana Carolina Soliva. Freud, Binswanger e a concepção de *homo natura*. **Revista Dois Pontos**. Curitiba, São Paulo, vol. 13, n. 3, pp. 125-141, dezembro de 2016.

<sup>11</sup> YASBEK, André C. “É preciso ser justo com Freud”: Michel Foucault e os desdobramentos de *História(s) da loucura*. **Princípios**. Natal, v. 22, n. 38 Maio/Ago. 2015, p. 171-202.

<sup>12</sup> Em língua inglesa, a produção sobre o debate ora proposto é esparsa e sempre inserida em problemáticas “maiores”. Destaque a Forrester, que buscou conciliar Freud e Foucault. Em francês, em contrapartida, temos o esforço de Allouch em recriar um Foucault lacaniano. Em língua portuguesa o primeiro estudo sobre esse debate é o de Chaves, de 1988, com foco na *História da loucura* (1961) e n’*A vontade de saber* (1976); Teshainer (2005), de foco também nesta última obra. Em espanhol há o estudo de Basaure (2011) de focos múltiplos.

A psicanálise, seja no recorte proposto, ou mesmo em outras produções da década de 1970 e 1980, sempre surge indefinidamente enquanto “a psicanálise”, nas problemáticas<sup>13</sup> eleitas. Ora, – se Foucault, recém-formado em psicologia, em 1950 à época, em 50, sabia que a psicanálise não se trata de uma posição homogênea, unificada, então, trata-se de perguntar: qual psicanálise? Qual teórico psicanalista? Consta juntamente com essas designações genéricas algo que intriga a maioria dos pesquisadores<sup>14</sup>: o fato do nosso autor tratando do tema sempre oferecer a fórmula: “se de um lado a psicanálise traz ‘x’, de outro, ela traz ‘y’, em relação a ‘tal’ problema”. Faticamente, como exemplo, teríamos no tocante a um aspecto da problemática da psicologia: se a psicanálise lhe dá fôlego com o problema a seu ver, incontornável, do inconsciente (“x”), por outro, deve haver uma repaginação crítica de seu conteúdo para avaliar em que medida pressupostos biólogos evolucionistas encontram abrigo nas linhas teóricas freudianas (“y”).

A nosso ver, não basta como faz Allen<sup>15</sup>, encerrar a questão da relação com a psicanálise imputando uma ambivalência nas linhas de Foucault, complementando sua posição com a leitura de obras psicanalíticas para conferir a pertinência do dito por ele. Acreditamos que o exame do dito acerca da psicanálise não passa por uma checagem para conferir a pertinência, porém, preferivelmente, de um convite a se repensar enquanto discurso. Ora, se quisermos buscar uma constante nas diversas aparições da psicanálise – se a tomarmos enquanto instituição (ou como discurso), de correntes diversas, como acreditamos ser o caso, exceto quando designada, em particular, por seus teóricos –, pode-se dizer que está nos desdobramentos desenvolvimento da fórmula acima, com ganhos e perdas teóricas em determinadas problemáticas.

---

<sup>13</sup> A acepção genealógica do termo pode ser designada, na linha de Koopman (*apud* ALLEN, 2018, p. 170), não como uma nova roupagem a velhos problemas, mas a eleição e análise de condições de emergência de um determinado problema de pesquisa (loucura, sexualidade, criminalidade, ciências humanas etc.). Modo de inquirição que inverteu a proposta até então existente: não se parte de conceitos produzidos por saberes instituídos, mas analisa-se como foi possível o surgimento de determinados objetos, conceitos, instituições e práticas sociais. Nas palavras de Koopman, trata-se de dar às problematizações existentes um nível de autoconsciência que, nas análises vigentes, seria improvável de alcançar. Como se poderá ver, trata-se de uma das diversas leituras retrospectivas que o próprio Foucault opera em sua obra. Diga-se: não é disso que se trata aqui. Fugiremos das análises retrospectivas de nosso pensador e buscaremos um exame ao papel da psicanálise ou o seu surgimento nos objetos teóricos criados por Foucault, no recorte proposto.

<sup>14</sup> Principalmente: ALLEN, Amy. Foucault, psychoanalysis, and critique. *Angelaki*, n. 23, vol. 2. pp. 170-186. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/0969725X.2018.1451570>. Acesso em 10.07.2018; CHAVES, Ernani. *Entre o elogio e a crítica*. In: **Revista Cult**, São Paulo: n. 4, abr. 2009, v. 134, pp. 48-51; BIRMAN, Joel. **Entre cuidado e saber de si**: sobre Foucault e a psicanálise. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000

<sup>15</sup> Cf.: ALLEN, Amy. Foucault, psychoanalysis, and critique. *Angelaki*, n. 23, vol. 2. pp. 170-186. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/0969725X.2018.1451570>. Acesso em 10.07.2018.

Foucault coloca questões à psicanálise, às quais ela ainda hodiernamente desconsidera, como bem aponta Grace<sup>16</sup>. Significando isso que as tematizações da psicanálise nos escritos de Foucault consistem num problema robusto, não sendo algo da ordem do simples, muito menos do óbvio ou ainda, sem mais, “ambivalente”<sup>17</sup>.

Grosso modo, pode-se dizer que entre 1954 e 1984, período-alvo dos ditos e escritos disponíveis de Foucault, reservados os escritos ou problemáticas nas quais a psicanálise não aparece ou aparece apenas de forma elogiosa, teremos uma crítica de fato, *stricto sensu*. Crítica esta que reconhece os pontos de acerto e os pontos de incoerência e inconsistência do “saber de Freud”. Acreditamos fazer valer não apenas aqui, mas por toda a obra de Foucault, baseando-nos nos textos já visitados, a famosa assertiva da tese/livro *História da loucura na Época Clássica* – “é preciso ser justo com Freud”. Uma justiça que implica no jogo permanente de “dar a César o que é de César”.

Entrementes, algo pode ser tomado por consenso entre os comentadores da relação entre Foucault e a psicanálise, independente de seus juízos, formações e conclusões: ela nunca é tratada direta e puramente, mas sempre inserida em “tramas” maiores. Diante disso, o cerne do que se segue está na defesa de que as considerações de Foucault à psicanálise se dão à luz de *problemáticas*<sup>18</sup>. Tomando por princípio que não há tematização direta, a pergunta por nós ora movida, numa formulação geral, consiste em: qual o papel da psicanálise e que lições podemos dela tirar se a considerarmos com a daseinanálise/ a psicologia/ a loucura/ a clínica médica/ as ciências humanas, e daí por diante<sup>19</sup>?

<sup>16</sup> GRACE, Wendy (*Foucault e os freudianos in* FALZON; O’LEARY; SAWICKI (org.)), 2013, pp. 226-242.

<sup>17</sup> De acordo com o que nos traz Allen (2018) há comentadores como Switzer que, na esteira de Derrida, imputam à posição de Foucault uma ambivalência que seria, digamos, dinâmica: a posição do pensador muda, no decorrer de sua obra, mantendo sempre o jogo positivo, negativo e crítico.

<sup>18</sup> O termo é do próprio Foucault, utilizado para descrever a modalidade de pesquisa genealógica. Entretanto, não se trata de genealogizar a obra de Foucault. Trata-se de uma modificação do termo para fins hermenêuticos. É salutar afirmar que não se trata de uma inovação nossa. Seguimos criticamente alguns comentadores como Allen, Birman, Chaves, Koopman, Machado e Nalli. O objetivo do presente trabalho não é, sem dúvida, o de estabelecer uma nova ótica hermenêutica, pois o modo de ver aqui presente já existe nas linhas desses estudiosos. Nos atemos a reunir essas contribuições para um mapeamento mais acurado do que aqui está em jogo, qual seja, o estatuto da psicanálise no período proposto.

<sup>19</sup> A acepção genealógica do termo pode ser designada, na linha de Koopman (*apud* ALLEN, 2018, p. 170), não como uma nova roupagem a velhos problemas, mas a eleição e análise de condições de emergência de um determinado problema de pesquisa da obra de Foucault (loucura, sexualidade, criminalidade, ciências humanas etc.). Modo de inquirição que inverteu a proposta até então existente: não se parte de conceitos produzidos por saberes instituídos, mas analisa-se como foi possível o surgimento de determinados objetos, conceitos, instituições e práticas sociais. Nas palavras de Koopman, trata-se de dar às problematizações existentes um nível de autoconsciência que, nas análises vigentes, seria improvável de alcançar. Como se poderá ver, trata-se de uma das diversas leituras retrospectivas que o próprio Foucault opera em sua obra. Diga-se: não é disso que se trata aqui. Fugiremos das análises retrospectivas de nosso pensador e buscaremos um exame ao papel da psicanálise ou o seu surgimento nos objetos teóricos criados por Foucault, no recorte proposto.

Seguindo com o presente prólogo, temas da década de 1950 – como a relação entre Foucault e o estatuto da psicologia e da daseinanalyse psiquiátrica – começam há pouco a aparecer em algumas produções. Em português destacaríamos Nalli<sup>20</sup>, Noto<sup>21</sup>, Sardinha<sup>22</sup>, Silveira<sup>23</sup>, Soria<sup>24</sup> Yazbek<sup>25</sup>; destacamos Noto, que se dedica exclusivamente à relação entre a obra de nosso filósofo e a psicanálise<sup>26</sup>.

Diante disso, o cerne do que se segue está na defesa de que as considerações de Foucault à psicanálise se dão à luz de *problemáticas*<sup>27</sup>. Tomando por princípio que não há tematização direta, a pergunta por nós ora movida, numa forma geral, consiste em qual o papel da psicanálise e o que lições podemos dela tirar se a considerarmos com a daseinanalyse/ a psicologia/ a loucura/ a clínica médica/ as ciências humanas, e daí por diante?

Se olharmos o surgimento da psicanálise nas problemáticas foucaultianas, balizada pelos objetos-mores destas, vemos mais um olhar por outro ângulo, por outro problema, que uma reconsideração, propriamente dita. De modo que temos (até onde tocou nossa pesquisa), apenas para trazer alguns exemplos de problemáticas: na da psicologia, Foucault afirmando que Freud é um capítulo desse saber; que a psicanálise na França ficou a salvo de uma regulamentação psicológica; de o quanto a psicologia tem a perder ignorando o inconsciente. Na problemática da daseinanalyse, Foucault aponta as insuficiências da hermenêutica onírica freudiana, da redução do ser humano às pulsões, à luz de Binswanger. Na problemática da

<sup>20</sup> NALLI, Marcos A. Gomes. Arqueologia e Epistemologia. **Perspectiva filosófica**. Recife, v. 9, n. 18, jul./dez., 2002; **Foucault e a fenomenologia**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

<sup>21</sup> NOTO, Carolina S. *A psicanálise para Foucault: Ontologia ou hermenêutica?* **Trans/Form/Ação**, Marília, v. 39, n. 1, p. 57-76, Jan./Mar., 2016; O déficit ontológico da psicanálise: Foucault leitor de Hyppolite. **Dois Pontos**, Curitiba, São Carlos, v. 14, n. 1, p. 145-157, abril de 2017.

<sup>22</sup> SARDINHA, Diogo. A humanidade na animalidade Kant e a antropologia do bem e do mal. **Philosophica**, Lisboa, v. 31, 2008, pp. 51-64.

<sup>23</sup> SILVEIRA, Filipa C. Sujeito e homem na crítica de Michel Foucault à antropologia. **Tese (Doutorado)**, Universidade Federal de São Carlos, 2015.

<sup>24</sup> SORIA, Ana Carolina Soliva. Freud, Binswanger e a concepção de *homo natura*. **Revista Dois Pontos**. Curitiba, São Paulo, vol. 13, n. 3, pp. 125-141, dezembro de 2016.

<sup>25</sup> YASBEK, André C. “É preciso ser justo com Freud”: Michel Foucault e os desdobramentos de *História(s) da loucura*. **Princípios**. Natal, v. 22, n. 38 Maio/Ago. 2015, p. 171-202.

<sup>26</sup> Em língua inglesa, a produção sobre o debate ora proposto é esparsa e sempre inserida em problemáticas “maiores”. Destaque a Forrester, que buscou conciliar Freud e Foucault. Em francês, em contrapartida, temos o esforço de Allouch em recriar um Foucault lacaniano. Em língua portuguesa o primeiro estudo sobre esse debate é o de Chaves, de 1988, com foco na *História da loucura* (1961) e n’*A vontade de saber* (1976); Teshainer (2005), de foco também nesta última obra. Em espanhol há o estudo de Basaure (2011) de focos múltiplos.

<sup>27</sup> O termo é do próprio Foucault, utilizado para descrever a modalidade de pesquisa genealógica. Entretanto, não se trata de genealogizar a obra de Foucault. Trata-se de uma modificação do termo para fins hermenêuticos. É salutar afirmar que não se trata de uma inovação nossa. Seguimos criticamente alguns comentadores como Allen, Birman, Chaves, Koopman, Machado e Nalli. O objetivo do presente trabalho não é, sem dúvida, o de estabelecer uma nova ótica hermenêutica, pois o modo de ver aqui presente já existe nas linhas desses estudiosos. Nos atemos a reunir essas contribuições para um mapeamento mais acurado do que aqui está em jogo, qual seja, o estatuto da psicanálise no período proposto.

loucura<sup>28</sup>, na arqueologia (lembrando que será analisada em termos de poder em 1973-1974), temos Freud com o duplo papel de ter dado novamente voz à loucura, não para um diálogo, mas um monólogo cuja relação é marcada pela introjeção das “estruturas” asilares no analista e “estruturas” morais no analisando. E assim por diante.

Na totalidade do terreno bibliográfico percorrido, como há de ser conferido no corpo da presente dissertação, não encontramos um eixo unificador ou sistemático. Essa empresa filosófica tão comum a tantos pensadores sistemáticos, aqui não encontra execução. Muito menos a de encontrar uma filiação filosófica para o recorte analisado. Acreditamos que, no tocante à obra de Foucault, o estudioso depara-se com um cenário diferente, no qual deve ter cautela. Nossos esforços se depararam com operadores conceituais móveis, em temáticas diversas.

Tome-se, por exemplo, o que se costuma chamar *arqueologia* – período comumente traçado nas obras de Foucault da década de 1960. Machado afirma ser o movimento da arqueologia uma constante modificação e readequação metodológica. Isso se torna patente no seguinte: o cerne da arqueologia em 1961 está no exame “às concepções de loucura e as práticas de intervenção sobre os loucos antes do nascimento da psiquiatria”<sup>29</sup>, expondo a transformação do tratamento da loucura, grosso modo, deslocada de experiência fundamental para ser analisada em termos de verdade e racionalidade<sup>30</sup>. Em 1966, o objeto da arqueologia é uma problemática acerca das ciências humanas, seu surgimento a partir de uma nova concepção de homem e, via contraciências, as condições de seu desaparecimento.

Um outro ponto importante foi observado na confecção da presente dissertação: o constante olhar retrospectivo de nosso autor em visita às velhas problemáticas, ou, dito de outro modo, as novas problemáticas servindo de instrumento de análise às anteriores. Vamos

---

<sup>28</sup> Sabemos que apesar de sustentável nossa abordagem, qual seja, a de reconstruir criticamente as problemáticas do período proposto, ela é “por natureza”, digamos, manca, se exequível numa dissertação de mestrado. Haja vista que o mapeamento da posição de Foucault acerca da problemática da loucura, para tomarmos um exemplo e situar o que queremos dizer, deve visitar todos os ditos e escritos em sua totalidade; com um levantamento apropriado, designando adequadamente a posição do filósofo no decorrer do seu devir. Ora, não há espaço aqui para tal feito. Nos ateremos ao exame das problemáticas, como elas aparecem, no recorte proposto, sabendo que não estão lá circunscritas.

<sup>29</sup> MACHADO, 2017, p. 78.

<sup>30</sup> Oscilando também entre *incapacidade de acesso à verdade*, por Fournier, e *não ser dono da própria vontade*, com Baillarger, como atestado por Foucault no curso *Os anormais*, na aula de 12 de fevereiro de 1975 (FOUCAULT, Michel. **Abnormal**. Tradução: Graham Burchell. Londres: Verso, 2003. pp. 157-158). Baillarger, ainda afirma que o sonho não seria esse estado no qual se estaria enganado acerca da verdade, mas o estado no qual não quem sonha não é mestre da própria vontade. A partir de Chaves e Allouch (2008), acreditamos que para um quadro mais acurado sobre a posição de Foucault sobre a loucura se dê na leitura básica, conjunta do *História da loucura* (1961), *Doença mental e psicologia* (1962); os cursos *O poder psiquiátrico* (1973-1974) e *Os anormais* (1975-1976).

encontrar Foucault, por exemplo, em 1973, num debate com Pellegrino, ao cabo de uma de suas conferências no Rio de Janeiro, dizendo que a parte final da *História da loucura* trata de relações de poder. A partir de Nalli<sup>31</sup> e Machado<sup>32</sup>, acreditamos que isso deve ser evitado ao analisar a produção envolvida na problemática de cada período, voltando à análise para textos, conferências e entrevistas contemporâneos uns dos outros.

Alguns elementos nos fizeram seguir nessa direção e tomamos a cautela hermenêutica de Machado e Nalli<sup>33</sup> – o primeiro, percorre linhas gerais da obra do pensador e o segundo, sua relação com fenomenologia nos primeiros escritos. O que chamamos de cautela hermenêutica exorta para que não se tome o que é dito por Foucault muito posteriormente para elucidar pontos obscuros de trabalhos anteriores. É certo que Nalli realiza esse esforço no tocante ao mapeamento da posição de nosso filósofo acerca da fenomenologia. Entretanto, da mesma forma que Machado, no contexto do debate da possibilidade do estabelecimento do já mencionado eixo unificador, alerta para o mesmo problema hermenêutico, achamos por bem trazer essa cautela aos nossos esforços. Na prática, isso significa que, no tocante aos textos de 1961 (*História da loucura*) e de 1966 (*As palavras e as coisas*), examinamos as entrevistas e artigos de nosso pensador imediatamente próximos; evitando, para uma maior acuracidade em nossa reconstrução crítica, as entrevistas e conferências realizadas em 1970 e 1980. Como os escritos de 1950 não possuem comentários nos ditos e escritos, será feita uma análise deles, neles mesmos, à luz dos comentadores.

Desenvolvendo um pouco acerca do que consistiria a cautela hermenêutica de Machado e Nalli, veremos como se impõe a necessidade relativizar o que é dito por Foucault sobre sua própria obra, *a posteriori*. Seguindo Machado, quando o filósofo fala que sua questão sempre foi ‘x’, é ‘x’ o cerne de seu pensamento naquele quando. O que se pode ver no tocante ao “poder”<sup>34</sup>. De acordo com Machado, o poder só é questão em 1970 porque a subjetividade não se impunha ainda como foco de suas pesquisas, o mesmo dá-se relativamente à questão da verdade, em 1980. O que não significa um atrelar de uma temática a determinada época. Por

---

<sup>31</sup> NALLI, 2006, p. 18.

<sup>32</sup> “Privilegiar o que [Foucault] disse depois para esclarecer o que fez antes dificulta mais do que facilita a compreensão de seu pensamento”. MACHADO, 2017, p. 44.

<sup>33</sup> MACHADO, 2017; NALLI, 2006.

<sup>34</sup> A hipótese do poder é utilizada, principalmente, enquanto ótica para analisar a questão da sexualidade. No Japão, em 1970 ele afirma que a sexo nunca foi tão reprimido como no séc. XIX. Sabe-se que em 1976 há uma mudança radical, contra a chamada visão Reich-Marcuseana de que o capitalismo reprimiu o sexo. Se é possível falar em repressão, ela se deu em termos positivos (cf.: MACHADO, 2017, pp. 40-41). Em todo esse movimento da produção de 1970, é curioso notar que conceitos psicanalíticos, como a repressão e o problema em torno do Édipo são transpostos de certo modo, de constitutivos de estruturas psíquicas a elementos essenciais nas análises políticas.

exemplo, Foucault trata de sujeito e da verdade, nos escritos de 1950 e 1960, mas não é seu foco. É uma preocupação secundária, como pretendemos aqui evidenciar. Sempre de acordo com Machado, com o poder, vê-se que ele tenta algo novo, uma hipótese inédita, não esboçada anteriormente e em constante modificação, até o curso de 1980<sup>35</sup>.

#### Segundo Machado:

Como essas, há várias mudanças em sua obra. Mas isso não deve desconcertar, pois Foucault jamais pretendeu ser um filósofo da identidade. Sem fixar ou imobilizar seu pensamento, ele sempre aceitou o desafio de pensar diferente. Não foi ele mesmo quem proclamou que se escreve para ser diferente do que se é? Seu pensamento de muitas faces multiplicava os pontos de vista com grande rapidez, a ponto de ele declarar não subscrever sem restrições as ideias de seus livros<sup>36</sup>.

Birman, nesse sentido, já nota em 2000<sup>37</sup>, quando os cursos no Collège de France ainda estavam em processo de edição, que Foucault oscila entre uma autocrítica que *reescreve* o que escreveu e a inserção de uma *nova abordagem* a determinado problema já tematizado sob ótica diferente<sup>38</sup> – como é o caso da loucura na *História da loucura* e a loucura no curso de 1973-1974.

Conforme nos relata Elden<sup>39</sup>, Foucault escreve a Defert em agosto de 1970, dizendo de sua preocupação com a demanda de escrever um posfácio para *As palavras e as coisas*, por ocasião de uma nova edição. Ali, ele confessa: “essas coisas não mais me interessam”. Machado e Forrester relatam algo semelhante, no mesmo período dos anos 1970. Machado pergunta a Foucault sobre alguns elementos da *História da loucura*, de 1961, que para ele permaneciam obscuros ou vagos e recebe uma resposta evasiva, com falta de interesse na produção passada<sup>40</sup>; com Forrester, não foi diferente: recebe do pensador uma resposta no mesmo tom<sup>41</sup>. As autocríticas, apesar dessa espécie de fuga ou releitura do já escrito à luz do “conceito” presente, estão dispostas principalmente quando surgem temas contíguos nas lições dos cursos do Collège de France.

<sup>35</sup> Cf.: MACHADO, 2017. No curso *Do governo dos vivos* (FOUCAULT, 2014, p. 13), já na primeira aula a analítica do poder é apontada como insuficiente para as temáticas que se seguirão. Foucault afirma que a noção *saber-poder* deve dar lugar a de *governo dos homens pela verdade*, assim como esta tomou o lugar da noção de ideologia dominante.

<sup>36</sup> MACHADO, 2017, p. 43.

<sup>37</sup> Birman, 2000, p. 19. O foco de Birman em *Entre o cuidado de si e o saber de si* é, majoritariamente, na produção foucaultiana de 1961 a 1984.

<sup>38</sup> A posição de Machado corrobora a de Birman em: MACHADO, 2017, p. 43.

<sup>39</sup> ELDEN, 2017, p. 1.

<sup>40</sup> Cf.: MACHADO, 2017.

<sup>41</sup> FORRESTER, 1990, p. 289.

É importante trazer aqui o caso da obra *Doença mental e personalidade*, de 1954, encomendada por Althusser, “inteiramente fundada e refundada e reescrita”<sup>42</sup>, em 1962, com o nome de *Doença mental e psicologia*. Baseando-nos nos indícios trazidos pelos comentadores e nas palavras do filósofo/psicólogo (quase nunca autoproclamado diretamente), se uma reformulação como esta foi possível, nada garantiria que os demais escritos passassem sem alterações pela revista do autor. De todo modo, no mesmo ano aparece a longa introdução de Foucault ao *Sonho e existência*, de Binswanger, além de alguns artigos, escritos, de acordo com o testemunho de Machado, sem um preparo e sem intenção de publicação<sup>43</sup>.

Conforme nos traz Noto, o caso da *interpretação* – e de tantos outros – é um exemplo do “movimento foucaultiano”, pois nosso autor explora a questão de múltiplas formas, denotando que não há um método ou um olhar único no tratamento de um problema<sup>44</sup>.

Diante de um pensamento tão complexo e com tantos matizes, tomaremos um caminho de tratamento que pretende respeitar cada uma das características temporais peculiares de nosso filósofo no tocante à sua relação com suas problemáticas circunscritas em períodos produtivos, e seu trato com sua própria produção no período. Iremos na direção de autores que tendem a valorizar os momentos de cada um dos problemas e períodos e apontando as especificidades de cada momento produtivo – nas linhas, apenas para citar alguns, de Birman<sup>45</sup>, Chaves<sup>46</sup>, Machado<sup>47</sup> e Nalli<sup>48</sup>.

Como consequência dessa abordagem encontramos com esses autores um projeto no qual o nosso filósofo reinventa seu trabalho à luz de – e em – problemáticas não fixas, não permanentes. E variando seus métodos de abordagem de acordo com o objeto de estudo, sem uma defesa intransigente acerca do escrito.

---

<sup>42</sup> BIRMAN, Joel; HOFFMANN, Christian. **Lacan e Foucault: conjunções, disjunções e impasses**. São Paulo: Instituto Lagange/Université Paris-Diderot, 2017. p. 30. De acordo com a leitura de Nalli isso não está acurado: a primeira parte do livro reeditado encontra-se quase que completamente intacta. Cf. NALLI, Marcos. Possibilidades e limites da cura nos textos protoarqueológico de Michel Foucault. **Trans/Form/Ação**, Marília, v. 34, n. 2, p. 135-172, 2011.

<sup>43</sup> Concentrados na edição francesa no primeiro volume dos *Dits et écrits*, dispostos ao longo da edição brasileira dos dez volumes dos *Ditos & escritos*. Para facilitar o acesso aos textos dos *Ditos e escritos* aqui trazidos ao longo da presente dissertação, na medida do possível, citaremos daqui em diante na forma *título/ano/volume da edição em português/página*.

<sup>44</sup> NOTO, 2016, p. 57.

<sup>45</sup> BIRMAN, JOEL. **Entre cuidado e saber de si: sobre Foucault e a psicanálise**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

<sup>46</sup> Principalmente: CHAVES, Ernani. **Foucault e a psicanálise**. Rio de Janeiro: Forense universitária, 1988.

<sup>47</sup> MACHADO, Roberto. **Foucault, a ciência e o saber**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012; **Impressões de Michel Foucault**. São Paulo: n-1 edições. 2017.

<sup>48</sup> NALLI, 2006.

Não se trata, portanto, nosso esforço de uma análise que traz textos de psicanálise para avaliar as assertivas foucaultianas, mas mostrar criticamente como a psicanálise aparece no interior das problemáticas eleitas, no recorte proposto.

O primeiro capítulo analisará os textos da década de 1950 e a tese, de 1961, *História da loucura*. Lá Foucault produzirá quatro textos conhecidos: a longa *Introdução*<sup>49</sup> (1954) ao *Sonho e existência* (1930); o livro *Doença mental e personalidade* (1954)<sup>50</sup>; e os artigos, ambos de 1957: *A pesquisa científica e a psicologia* e *A psicologia de 1850 a 1950*<sup>51</sup>. Será visto que a psicanálise surge aqui em duas problemáticas: a da psicologia e a da análise existencial, ou *daseinanálise*. Constan aí dois exames: (i) sobre o modo como a psicanálise aparece na problemática do estatuto da psicologia e (ii) quais as suas desvantagens teóricas diante da *daseinanálise* de Binswanger, no problema do ser do homem<sup>52</sup>. O tratamento dado a esses exames no nosso texto focará na inquirição acerca dos termos da defesa foucaultiana da *daseinanálise* – o pano de fundo dessas problemáticas de 1950 é uma investigação crítica de Foucault aos textos de Freud via clínica fenomenológica. Veremos aqui, Foucault trazer a leitura que faz Binswanger da obra de Freud para criticar o que acredita ser uma posição fortemente biologista do psicanalista austríaco.

No tocante à *Introdução* por tratar-se, como se sabe, de um debate profundamente especializado e pormenorizado na fenomenologia existencial, trouxemos uma série de comentadores para uma apropriação das posições de Binswanger no *Sonho e a existência*, de modo a enriquecer o não dito por Foucault em seu prólogo não-convencional. Já em relação ao *Doença mental e personalidade*, não trataremos dele, focando nossa atenção em sua reformulação e fazendo-o dialogar com as linhas sobre Binswanger.

---

<sup>49</sup> Doravante, quando tratarmos da introdução de Foucault ao texto de Binswanger, a ela nos referiremos como *Introdução* ou “texto de 1954”.

<sup>50</sup> Como largamente se sabe, é um livro de viés marxista. Um dos poucos resquícios da filiação de Foucault ao Partido Comunista Francês, que adere em 1950, desvinculando-se em 1953. Cf.: DEFERT *apud* FALZON, O’LEARY; SAWICKI (org.), 2013.

<sup>51</sup> A primeira edição do texto é de 1957; a segunda, de 1967 e volta a aparecer apenas em 1991 (cf.: **Revue Internationale de Philosophie**, Vol. 44, No. 173 (2), Foucault: *avec un texte de Foucault sur l’histoire de la psychologie* (1990), pp. 159-176).

<sup>52</sup> Aproveitando-nos da indicação no artigo de Han-Pile (2016) acerca da relação entre a *Introdução* ao *Sonho* e a existência, de Binswanger, e *As palavras e as coisas*, distinguimos de agora em diante *homem* de *Homem*; o primeiro com o referente ordinário (correlato de humanidade) e, o segundo, enquanto conceito (duplo empírico-transcendental, produtor de conhecimento e condição de possibilidade do conhecimento). No texto de 1966, não há essa distinção. Entretanto, como o foco do presente trabalho não se detém aí, preferimos adotar a mencionada distinção.

O segundo capítulo trata de, primeiramente, estabelecer as “ferramentas”<sup>53</sup> utilizadas estrategicamente por Foucault (*episteme* e *a priori histórico*), além de discorrer sobre as arqueologias, explorando a multiplicidade de seus aspectos e modos de uso. Ao mesmo tempo, analisa como se reverberam os ganhos arqueológicos para o tratamento da psicanálise, sem perder de vista a presença marcante de um debate demarcatório em relação à epistemologia francesa<sup>54</sup>, cujo cerne, segundo Machado, é que arqueologia não é um capítulo da epistemologia, tampouco completamente dela distinta<sup>55</sup>.

O significado de *episteme*, ver-se-á, figura como uma espécie de “espírito” ou uma certa comunidade partilhada pelos saberes de uma determinada época: de acordo com a *episteme* vigente há de se tornar manifesto que se trata do Renascimento, da Época Clássica ou da Modernidade<sup>56</sup>.

Falaremos de *arqueologias*, pois cada inquirição de Foucault que traz esse título tem características específicas, sendo algumas não replicadas. Características essas, segundo Machado, ditadas pela especificidade do objeto em análise. O que implica, a nosso ver, que a arqueologia da *História da loucura* é diferente da empreendida n’*As palavras e as coisas*, e, ainda, da arqueologia da psicanálise, oferecida em 1976, n’*A vontade de saber*.

A seguir, uma análise do papel da psicanálise na *História da loucura*, havendo de percorrer as implicações da devolução da fala ao louco e como isso não representa uma recuperação de uma espécie de experiência fundamental da loucura. Aqui Freud aparece para mostrar o que mudou no tratamento da alienação mental e, principalmente, o que ele herda do

---

<sup>53</sup> Pela “natureza” mesma da obra de Foucault, se utilizássemos os dois operadores conceituais enquanto *conceitos*, seríamos a nosso ver, infiéis com tudo o que representa a obra de Foucault no tocante aos universais. Como se sabe, conceitos na tradição filosófica remete a formas rígidas, imutáveis. O que não é uma pretensão, de forma alguma, de nosso pensador.

<sup>54</sup> De acordo com Nalli (2002, p. 56), na França há uma diferença entre epistemologia e filosofia da ciência “quanto ao estatuto seu disciplinar e teórico”. Quando se fala em filosofia da ciência o que se leva em conta é um desenvolvimento do positivismo de Comte em duas características principais: a primazia do sujeito de conhecimento como produtor e fundamento e a noção de progresso nas ciências. A história das ciências, nesse sentido é teleologicamente movida pela lei de progresso constante. Epistemologia na França é conceitual. Isso implica, dentre outras características, um rompimento com o privilégio do sujeito produtor e fundamento e a ideia de uma lei que rege o progresso na história das ciências. Influenciada pelo círculo de Viena, pela História e Sociologia a epistemologia francesa não irá ocupar-se com a correspondência entre conceito e realidade, mas de uma análise que investiga sua formação e regulamentação numa teoria científica. Nalli comenta que para a filosofia da ciência acima as ciências humanas são pseudociências.

<sup>55</sup> Aqui serão explorados os trabalhos de Gutting (1989) e de Machado (1995; 2007; 2017), em suas descrições que delimitam o leque arqueológico frente aos métodos da epistemologia francesa.

<sup>56</sup> De acordo com a apresentação ao livro *O homem e o discurso* (FOUCAULT; ROUANET; MELQUIOR; ESCOBAR; LECOURT, 1971, p. 10), acompanha a obra de Foucault uma *faseologia ternária*, expressa em Renascença, época clássica e modernidade. No âmbito dos saberes, ao longo da presente dissertação, será explorado, o que faz Foucault diferenciar uma da outra.

gesto libertador de Pinel<sup>57</sup> e mantém dos tratamentos anteriores à psicanálise<sup>58</sup>. Uma vez delimitada a ótica arqueológica e tratado o texto de 1961, percorremos brevemente *O nascimento da Clínica*, de 1963, voltando nossas análises à arqueologia das ciências humanas, de 1966.

Buscando trazer à luz uma certa *apropriação* dos potenciais metodológicos da psicanálise para uma crítica epistemológica dos saberes sobre o homem, há de ser analisado o momento final da obra de 1966: a consideração por Foucault de modificações entre psicanálise e etnologia, seu desejo de que se ambas se retroalimentem conceitualmente. Veremos nesse momento d'*As palavras e as coisas* que essa espécie de união teórica poderá desencadear a superação do Homem enquanto duplo<sup>59</sup>.

A problematização do sujeito de conhecimento, como será vista no segundo capítulo, não é uma inovação foucaultiana. Do contrário, insere-se, numa tradição da suspeita que problematizou os termos desse sujeito. Seguindo os conceitos que sumarizam seus esforços de superação temos: Nietzsche<sup>60</sup> e os desenvolvimentos sobre o *além-do-homem* (*Übermensch*), Heidegger com o *ser-aí* (*Dasein*) e Lacan com o *sujeito de reconhecimento*<sup>61</sup>. Não se pode deixar de notar um esforço do psicanalista francês, em conferência de 1960<sup>62</sup>, na qual o *sujeito do conhecimento* é lá mencionado problematicamente como um duplo de sujeito e objeto<sup>63</sup>,

<sup>57</sup> A cena de Pinel “libertando” os alienados das masmorras da Salpêtrière aparece em pelo menos duas obras e um curso de Foucault. Respectivamente: *Doença mental e personalidade*; *História da loucura*; *O poder psiquiátrico*. Sempre num contexto de dívida entre os libertos e o médico do gesto libertador.

<sup>58</sup> Questões secundárias para os desenvolvimentos do presente trabalho, mas caras à temática da *História da loucura*, terão brevemente seu lugar para um quadro mais completo dos precedentes e implicações do papel duplo de Freud no livro.

<sup>59</sup> Não é uma proposição inédita essa junção, entretanto. Segundo Rivers, através de um projeto de bastante fôlego na década de 1920 chamado *Mares tempestuosos das ciências antro-po-etno-analiticas*, John Rickman – médico Quaker e analisando de Freud – tenta um esforço análogo, ao menos na forma, ao de Foucault. Cf.: RIVERS *apud* FORRESTER, 2017, pp. 83-84.

<sup>60</sup> Seguindo a cronologia apresentada por Defert (*apud* FALZON; O’LEARY; SAWICKI, 2013, pp. 21-22), o encontro de Foucault com a obra de Nietzsche – lido sob a perspectiva da investigação à história do saber e da razão – aconteceu depois do encontro com Hegel, Marx, Heidegger e Freud, suas referências em 1953. Apesar de isso ser impreciso, pois Foucault falou várias vezes que chegou a Nietzsche através de Bataille e a Bataille por Blanchot; em uma de suas últimas entrevistas nosso filósofo afirma que visitou Nietzsche por causa de Heidegger.

<sup>61</sup> Em sua produção da década de 1980, Michel Foucault há de propor uma nova designação para o fenômeno humano, que não será tematizada aqui: o si mesmo ou o *soi*. Alain Miller (1997, p. 334) afirma que a psicanálise pode ter fascinado Foucault, de tal modo a ponto de acompanhá-lo até mesmo nos lugares nos quais não é nomeada – notadamente na década de 1980. Ainda seguindo o que ele diz, Foucault, por ter lido Lacan, sabia que a ética kantiana estava em ligação direta com a descoberta de Freud. Explorar uma ética pré-kantiana, “fazendo o elogio da ética antiga”, é “sua maneira de ultrapassar a psicanálise”. Desse prisma, a influência de Kant na trajetória de Foucault também estaria, desse modo, na forma como problematiza a psicanálise.

<sup>62</sup> *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano* *apud* LACAN, 1998, pp. 807-842.

<sup>63</sup> O “conceito” de *sujeito de reconhecimento* de Lacan advém, grosso modo, das problematizações de sua posição diante do conceito de personalidade – devemos essa contribuição a Dunker, que discute essas questões no curso *Conceitos Fundamentais de Jacques Lacan*, disponível em:

[https://www.youtube.com/watch?v=0h\\_XnFaH8uU&list=PLIHDVKUxuaFrt\\_hmYrQ0OBKw9bx6wm8r5](https://www.youtube.com/watch?v=0h_XnFaH8uU&list=PLIHDVKUxuaFrt_hmYrQ0OBKw9bx6wm8r5)

Acesso em: 21/06/2017.

ponto fulcral de sua produção acerca da subjetividade. Dessarte, será visto que a originalidade de Foucault repousa no que ele fará do problema do Homem<sup>64</sup> – enquanto produto de duas tematizações, a saber, (i) da inquirição kantiana acerca das condições transcendentais de possibilidade da experiência possível, e (ii) da antropologia. É indicado por nosso filósofo que, seguindo o capítulo final d'*As palavras e as coisas*, quanto mais se tematiza o Homem, pretensamente para a sua autonomia, mais se tem como resultado formas de heteronomia.

Abordando *As palavras e as coisas*<sup>65</sup>, pretendemos evidenciar que o foco da problemática está não em Lacan ou no ser do sujeito, ou na questão do poder; o foco está ajustado aos saberes que se interessam pelo conceito Homem, criando-o no desdobramento mesmo de suas investigações. E mais: como isso pode ter um fim, se olharmos o movimento dos saberes em todas as transições na ordem dos saberes que levaram à criação do Homem. A psicanálise lacaniana aparece na noção (ainda a ser investigada) de inconsciente<sup>66</sup> estruturado como linguagem.

Pretendemos tornar evidente ao cabo do segundo capítulo como as arqueologias transformaram os modos como Foucault trata a psicanálise, trazendo outro modo de tratamento às problemáticas nas quais ela surge ao longo de sua obra. Diante disso, nossa conclusão pretende tornar manifesto como o problema da descontinuidade nos ata as mãos para a procura de um sistema foucaultiano, tão-somente nos permitindo mostrar convergências, estabelecer padrões no recorte proposto. Havemos de evidenciar um pensador assistemático que, ao circunscrever suas problemáticas eleitas apontou para os erros e acertos da psicanálise em relação a muitas delas.

---

<sup>64</sup> É importante notar também que apesar da diferença geracional entre Lacan (nascido em 1901) e Foucault (nascido em 1926) os dois tiveram duas determinantes e principais influências, com as quais cada um fomentará seus devires: Lévi-Strauss e Saussure (este cujo pensamento foi apresentado a Foucault na École Normale por Merleau-Ponty, em 1949, ano em que gradua-se em psicologia e obtém diploma de altos estudos em filosofia, com um trabalho sobre Hegel sob a supervisão de Hyppolite). Para não falar no endosso dos dois, em determinados momentos de suas produções, por Bataille e pelo surrealismo, além do envolvimento de ambos com Althusser e o marxismo (DEFERT *apud* FALZON; O'LEARY; SAWICKI (org.), 2013, p. 15).

<sup>65</sup> Considerado por muitos, segundo Sabot (2016b), como um manifesto do estruturalismo.

<sup>66</sup> Será visto no segundo capítulo em que sentido se pode dizer que a apropriação desbiologizante lacaniana do inconsciente freudiano é, como já aponta Grace (*apud* FALZON, O'LEARY; SAWICKI (org.), 2013), uma apropriação em termos de *faux amis*.

## 2 A PSICANÁLISE DE 1954 A 1957

### 2.1 ALGUMAS PROPOSIÇÕES HERMENÊUTICAS

Os textos que ora propomos a discutir trazem um Foucault recém-formado em filosofia e psicologia<sup>67</sup>. O debate que nos inserimos, de certo modo, não existia antes da publicação dos *Ditos e escritos*, na França, em 1994<sup>68</sup>. Se tomarmos a recepção usual desses escritos, teremos a posição, por exemplo, de Moutinho<sup>69</sup>, que vê Foucault como desenvolvendo, de certo modo, a filosofia de Merleau-Ponty; e, através dela, redesenhando a fenomenologia nos primeiros escritos. O que tomamos como mais um esforço unificador que encontra resistência em nossa aceção da “obra” do “autor”. Visto que, lá seria possível imputar marxismo, estruturalismo, fenomenologia e outras influências de sua formação. O que coloca algumas alternativas de direcionamento das análises.

Mais do que a pergunta classificatória de encontrar um Foucault fenomenólogo, marxista ou defensor da clínica fenomenológica, faz-se necessária a análise dos textos mesmos, à luz dos comentadores, nesse caso. Pois, não encontramos Foucault comentando esses textos de 1950. Do contrário, estaríamos a apontar eixos de continuidade ou sistematizaríamos inapropriadamente sua produção ou, ainda, de forma vazia, apenas apontando as influências e

---

<sup>67</sup> Na época da graduação de Foucault, a formação em psicologia envolvia a de filosofia (formado em filosofia, em 1948, e em psicologia, em 1950.), sendo apenas posteriormente as formações separadas na França. Cf.: MOUTINHO *apud* Kínesis, Vol. I, n° 02, Outubro – 2009, p. 02 -12. Na época de produção dos primeiros textos, no início dos anos 1950 Foucault lecionava na principal instituição de ensino de filosofia na França, a *École Normale Supérieure*, ocupando também o posto de psicólogo no hospital psiquiátrico de Sainte-Anne. Em 1953, Foucault frequenta o primeiro dos conhecidos *Seminários* de Lacan no Sainte-Anne. O psicanalista francês o considerava um “amigo distante”, ainda em 1964 (LACAN, 2006, p. 278), onze anos depois de conhecer Foucault. Hyppolite que apresenta Lacan a Foucault, por sua vez, é figura influente para o filósofo francês. Presente em sua vida desde quando lhe lecionou filosofia, em 1946, tendo lhe orientando num trabalho em Hegel (perdido) para obtenção do diploma de altos estudos em filosofia, em 1949; em 1957, ao ler a *História da loucura*, aconselha Foucault a transformar o texto em tese e submeter a Georges Canguilhem. Não nos estendendo demasiado nos fortes laços dos dois, Foucault, na vacância no cargo de docente no Collège de France, por ocasião da morte do mestre, através de uma seleção, assume seu lugar. Boa parte dos detalhes biográficos contextuais aqui presentes podem ser acompanhados em DEFERT *apud* FALZON; O’LEARY; SAWICKI (org), 2013.

<sup>68</sup> Gutting traz alguns desses escritos em seu livro de 1989; também o faz Forrester, em 1990. Seus focos são múltiplos, entretanto. Com a devida vênia, Habermas (1985) e Honneth (1988) desconheciam os textos aqui analisados quando apresentaram suas leituras de Foucault. O que prejudicou suas respectivas reflexões, juntamente com o erro recorrente de sistematizar as contribuições do filósofo. Algo sintomático entre os estudiosos de Foucault à época aponta para uma certa negligência quanto ao período ora apreciado. Em conferência de 1995, Machado refere-se à produção da década de 1960 como sendo do “primeiro Foucault”, apesar de comentar, rapidamente, alguns textos da década de 1950.

<sup>69</sup> A psicologia, segundo Moutinho (2009), um pouco antes da formação de Foucault, dos pontos de vista de Sartre e Merleau-Ponty (professor de Foucault), é entendida ao modo bergsoniano, como um meio para se chegar à metafísica – associação discutida, principalmente, nos textos de 1950.

encerrando a questão. O motivo para uma análise direta, sem procura disso de uma influência-mor, está nas palavras do próprio Foucault:

Quanto a mim, os autores de que gosto, eu os utilizo. O único sinal de reconhecimento que se pode ter para com um pensamento como o de Nietzsche, é precisamente utilizá-lo, deformá-lo, fazê-lo, ranger. Que os comentadores digam se se é ou não fiel, isto não tem nenhum interesse<sup>70</sup>.

As influências estão lá, de fato, mas de modo peculiar e de certo modo cifradas, diríamos. De toda forma, nosso objetivo não é o de rastrear influências, como já feito por comentadores como Ribas<sup>71</sup>, mas o contato direto com o texto e sua recepção.

A despeito dessas influências, as referências à psicologia e à psicanálise vão desaparecendo pouco a pouco de sua obra, não mais cativando o interesse do filósofo e psicólogo, interessado em outras problemáticas, como pode ser facilmente mapeado nos livros, artigos e cursos<sup>72</sup>.

Diante da ideia da universidade francesa que consistia na defesa de uma filosofia nos termos cartesianos, do *cogito* (“uma vez que a filosofia na França nasce com Descartes, ela só pode avançar de uma maneira cartesiana”<sup>73</sup>), Foucault opta por outro caminho. Apontando esse esforço à fenomenologia e existencialismo franceses na tentativa de reestabelecer o *cogito*, ou em esforço análogo de fundar o sujeito do conhecimento. O que veremos a seguir não deixa de ser uma resposta ou uma via alternativa à acadêmica francesa, tal como Foucault caracterizava.

Como deve ser visto, nos distanciaremos da interpretação de Noto<sup>74</sup>, ancorada na de Mezan<sup>75</sup>. Discordando em dois pontos específicos, a saber, que nos escritos de 1970 Freud é esse “gênio mal” e os textos até a década de 1960 tendem a ser elogiosos à psicanálise. Caberia, em nossa interpretação, esse elogio apenas n’*As palavras e as coisas*, quando Foucault a considera ao lado da etnologia enquanto caminho para a superação das chamadas *ilusões*

<sup>70</sup> FOUCAULT *apud* RIBEIRO, Renato J. (org.). **Recordar Foucault**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986 p. 46. Como diz Machado (2017), Foucault afirmava, quando interpelado por estudiosos de Nietzsche e Marx que questionavam o modo como o filósofo francês se utilizava de suas contribuições, que se trata de “torcer” o autor, de modo que, nessa “desfiguração”, ele diga algo que ou não interessa às exegeses vigentes dos especialistas ou utilizar seu aparato conceitual como ferramentas de análise. Poderíamos dizer que há um esforço análogo em Binswanger relativo à Heidegger (como será visto no respectivo momento).

<sup>71</sup> Cf.: RIBAS, 2011.

<sup>72</sup> A título de exemplo, *O uso dos prazeres* (1984), segundo volume da *História da sexualidade*, assinala uma quebra na continuidade em relação ao primeiro livro, de 1976 – este, como se sabe, pensado como uma introdução geral a um conjunto de no mínimo 6 livros. Num olhar retroativo, as quebras de continuidade temática se avolumam.

<sup>73</sup> FOUCAULT, Michel. **About the beginning of the hermeneutics of self**. Lectures at Dartmouth College, 1980. Tradução: Graham Burchell. The University of Chicago press: Chicago, 2013. p. 21

<sup>74</sup> NOTO, 2016, p. 67.

<sup>75</sup> MEZAN, 1985.

*antropológicas*. Não há, em nossa leitura, essa mudança súbita em relação à psicanálise, que consistiria em afirmar que Foucault é majoritariamente elogioso à psicanálise em 50 e 60 e que, a partir da problemática da sexualidade e biopoder, passa a um tratamento duro ao saber de Freud. Consideramos ultrapassada a ideia de que haveria uma contradição interna da obra de Foucault relativa ao saber psicanalítico. Se as linhas à psicanálise variam de uma problemática a outra, não há contradição propriamente dita, mas, como o já por nós defendido acima, uma investigação do papel da psicanálise em cada problemática.

O resultado disso pode ou não ser elogioso. Em 1970, não há um rechaço ao saber de Freud. Basta olhar para declarações na época em que Foucault flertava com as análises de Deleuze e Guattari. Principalmente, à ocasião em que lhe é perguntado se endossava outras formas de terapia que a psicanálise – notadamente esperava-se que ele arrematasse com a esquizoanálise deleuziana –, ao que ele retruca que a freudiana seria uma boa terapia, como disso dá testemunho Whitebook<sup>76</sup>. A isso se somaria mais um aspecto, apontado por Derrida<sup>77</sup>: a variação da letra de Foucault à psicanálise se deve à própria ambiguidade da letra de Freud, além do apontado por Noto<sup>78</sup>, às modificações conceituais operadas por Freud ao longo de sua produção.

Não acreditamos que, de fato, seja um problema para Foucault, por exemplo, as modificações no *corpus* freudiano do conceito de *Trieb*. Foucault não está preocupado com a interpretação mais acurada de Freud, mas como dissemos, em como a psicanálise se insere ou não nas problemáticas que elegeu para tematizar – há problemáticas em que a psicanálise não tem papel, é preciso dizer. Ademais, como veremos no *A psicologia de 1850 a 1950*, Foucault considera os escritos de Freud do início até o fim, com largas referências (como expresso em outros textos do período até 1962, pelo menos. Depois desse período, as referências ao texto de Freud não são tão claras, mas, em sua maior parte, como largamente dito pelos comentadores, são alusivas e ironicamente lançadas).

Noto também faz o movimento que é executado por Alain Miller em 1989: o de analisar a partir de um escopo determinado da obra de Foucault a trajetória que a psicanálise lá faz de “instrumento de crítica a objeto da crítica”, o que ao nosso ver, como ambos fazem, é uma interpretação ultrapassada da obra de Foucault, se olharmos sob a ótica das problemáticas. Segundo Noto, Derrida afirma que no *Doença mental e personalidade*, de 1954, Foucault

<sup>76</sup> WHITEBOOK *apud* GUTTING, 2005, p. 312.

<sup>77</sup> DERRIDA, 1963; DERRIDA *apud* ROUDINESCO, 1994.

<sup>78</sup> NOTO, 2017.

aponta para uma transição no pensamento freudiano de uma *fisiologia biologizante* nos *Três ensaios* para uma espécie de filologia nas *Cinco lições* (1905 e 1909, respectivamente). Então, se seguirmos a hipótese de Derrida, segundo a qual, a ambiguidade do tratamento à psicanálise nos escritos de Foucault se deve à variação mesma dos escritos de Freud, veremos que ela não se sustenta, pois não se trata de *exegese*, mas de *análise crítica* do tratamento da psicanálise à determinado problema.

Uma última demarcação nesse tópico. Noto menciona, sem muito desenvolvimento, a suspeita de que sub-repticiamente as investigações de Foucault em 1984 endossam Freud. A partir de Alain Miller, acreditamos se tratar na verdade de uma mudança de abordagem e um ultrapassamento, respectivamente: a psicanálise na problemática da sexualidade, em 1984, não mais se pautaria por uma ontologia que perquire sobre o sentido do ser do homem, mas por uma investigação sobre a produção histórica do sentido. É verdade que, tomada nesses termos, afinaria as investigações de Foucault às de Freud por enveredar, segundo Noto, em 70 e 80 (diríamos, apenas, em 1980) na questão não da ontologia nos trilhos acima, mas de uma hermenêutica preocupada com a produção histórica do sentido da existência. Além disso, figuraria um ultrapassamento de Freud lendo as linhas dedicadas a *Oneirocritica* de Artemidoro (sua *Interpretação dos sonhos*), o que quereria Foucault ao aparentemente sem uma propulsão tratar dos sonhos em sua *História da sexualidade*, sabendo que a sexualidade, pelo menos em Freud, é a base de todo o edifício teórico da psicanálise? Merquior – que entrevista Foucault junto a Rouanet e um dos principais críticos brasileiros do filósofo francês – se refere a Artemidoro como “anti-Freud”, por considerar o sexo como esse prenúncio de prodígios futuros, em vez de um significante supremo<sup>79</sup>.

Se abrissemos mão das fases que usualmente servem de meio para análise da obra de nosso autor, olhando para os textos, nos quais a psicanálise tem cadeira cativa: de Forrester a Noto e Han-Pile, passando por Grace, afirmariamos: não importa se se trata de proto-arqueologia, arqueologia ou genealogia, a psicanálise é inserida em tramas maiores. Soma-se à essa constância, o papel – ou o corte ou a ruptura – que a psicanálise traz, usualmente ser colocado em segundo plano. Ou seja, é relativizada a posição da psicanálise, ela aparecendo, até onde nosso escopo investigativo atingiu, enquanto mais um momento, capítulo ou aspecto de uma narrativa maior.

---

<sup>79</sup> Cf.: MERQUIOR, 1985, p. 207. Não cabe aqui um maior desenvolvimento neste tópico específico da problemática da sexualidade. Em um trabalho futuro pretendemos desenvolver esse ponto.

Alguns exemplos devem indicar nossos motivos para justificar esse olhar à “obra” ela mesma. Comparemos, por um instante, momentos distintos da obra de Foucault. Se olharmos a *Introdução à O sonho e a existência*, de 1954, encontramos o jovem filósofo traçando uma linha que vai de Heráclito à Binswanger, tendo como pano de fundo a hermenêutica onírica. Se pusermos lado a lado a *Introdução* e *A vontade de saber* (1976), os dois textos dialogariam num ponto específico, a saber, a minimização da obra freudiana, situada em ambos enquanto *um momento* duma grande trama. Quanto ao modo de relação entre o ocidente e o sexo, em 1977, na conhecida sabatina com os lacanianos, Foucault explica que um dos aspectos d’ *A vontade de saber* foi deslocar o corte de Freud<sup>80</sup> para Tertuliano (com a ideia de “uma verdade obscura da alma a ser liberada pela confissão”<sup>81</sup>); ora, em 1954, em relação ao tratamento do sonhos, ele desloca, mais uma vez, o corte freudiano (em outras palavras, a (não) “novidade” de Freud) dessa vez para Binswanger.

Foucault minimiza o papel do psicanalista austríaco nos termos acima, mas não deixa de reconhecer, no caso da *Introdução*, o que muda no jogo hermenêutico onírico depois do *Traumdeutung*. Obra que nos idos de 1976<sup>82</sup>, é ressaltada sua importância<sup>83</sup> em comparação aos *Três ensaios sobre a sexualidade*: a novidade de Freud em relação à sexualidade enquanto essa figura fundamental da existência humana, é definitivamente algo que os médicos do séc. XIX, e, antes deles, os diretores de consciência, já prestavam muita atenção – assim como o termo *neurose*.

Trazendo para o momento de 1981 em diante na obra de Foucault, Binswanger está para a hermenêutica como Lacan para a modernidade: Binswanger retoma o tratamento onírico nos esquecidos termos de uma teoria do conhecimento – deixada de lado pela psicologia do séc.

<sup>80</sup> Cujas importância real, para o Foucault de 1977, é a de ter colocado pelo avesso a teoria da degenerescência, cujos “papas” eram a sexologia e a criminologia, sendo a primeira alimentada pelas linhas freudianas em seus primeiros passos.

<sup>81</sup> Tema trazido, depois de 1977, nos cursos de 1980 (*Do governo dos vivos*) e em 1982 (*A hermenêutica do sujeito*), comparando a conversão platônica (acesso duplo à Verdade e à verdade da alma) à conversão cristã (pela obra de Tertuliano sobre a penitência, o acesso à “verdade instituída”, a fé, está separada da verdade da alma desvelada pela confissão) Cf.: FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. Tradução: Márcio A. da Fonseca e Salma T. Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 166 n. 11.

<sup>82</sup> Em 1976 – no primeiro volume da história da sexualidade, *A vontade de saber* – temos sua arqueologia (grosso modo, análise da interação entre saberes e prática sociais), na qual outro caminho é trilhado, caso o comparemos com o empreendimento do artigo de 1957. Comparado ao debate no nível do saber em 1957 – o que não excluiu práticas sociais, mas secundariza sua importância –, o texto de 1976 mostra arqueologicamente o que possibilitou o surgimento de um saber como a psicanálise, a partir de transformações biopolíticas na secularização das práticas de confissão para um controle da sexualidade – trajetória cujo capítulo final, segundo Foucault, é a psicanálise. Em 1957, o caminho até a psicanálise é pela via do saber, dos pressupostos teóricos da psicologia, em relação à qual ela é um momento, com o endosso irrefletido de diversos preconceitos; em 1976, trata-se da análise dos saberes e práticas que transformaram o sexo em discurso, possibilitando a emergência do saber psicanalítico.

<sup>83</sup> Uma obra de pretensões científicas que, por ser publicada em livro, antes de acessível a uma comunidade seleta de cientistas, se junta a *Origem das espécies* de Darwin, como bem aponta Forrester (2009).

XIX –, trazendo o movimento de transcendência da liberdade humana para a realidade clínica, antes povoada pela sexualidade e pelas pulsões; no caso de Lacan, ele teria reatado os laços com a velha linhagem do *cuidado de si*, num cenário tomado pelo *conhece-te a ti mesmo*. Acerca desta última retomada de uma tradição, Foucault não deixa de traçar, caso examinemos os escritos do período, uma linha que vai *grosso modo* de uma tradição helenista – Marco Aurélio enquanto expoente – a Lacan<sup>84</sup>.

Encontramos um movimento semelhante no artigo de 1957, *A psicologia de 1850 a 1950*. Quando a psicanálise é inserida numa linha de correntes psicológicas e colocada como um elo nas correntes psicológicas. Essa tradição tende a, digamos, na ascensão de novos elos, que tentam resolver os problemas dos precedentes, não os resolver, legando inevitavelmente à psicanálise preconceitos não-problematizados. Freud teria endossado, na leitura de Foucault, preconceitos psicológico-evolucionista-mitológicos – o que será tematizado na seção abaixo.

Além disso, em entrevista de 1981<sup>85</sup>, cerca de um ano após a morte de Lacan, Foucault afirma que o psicanalista francês procurou ir na contramão do esforço de fazer da psicanálise um capítulo sofisticado da psicologia. O que nos faz afirmar, a partir das colocações de nosso filósofo, nos dois momentos (1957 e 1981), da tentativa *freudiana* de tornar a psicanálise um capítulo da biologia evolucionista. Além de, não intencionalmente, de acordo com *A psicologia de 1850 a 1950*, também um capítulo da psicologia – quanto a isso, acreditamos que é mais acurado dizer que Freud buscou, estabelecer as bases para uma metapsicologia diferente da vigente à época, em vez de colocar a psicanálise como um capítulo da psicologia, o que defende Foucault em 1957. De certo modo, Lacan é reconhecido justamente por um desvio ao fugir da ancoragem na biologia<sup>86</sup> (Lacan estaria inserido, através de seus *Escritos*, publicados no mesmo ano que *As palavras e as coisas*, em 1966, na aqui já mencionada “tradição” que buscou subverter a figura do sujeito; que o coloca junto a Nietzsche, Heidegger e ao próprio Foucault<sup>87</sup>).

---

<sup>84</sup> Quanto à famosa ilação entre o cuidado de si e Lacan, ela é trazida, como é de ciência de todos, do curso de 1981-1982, *A hermenêutica do sujeito*. Por ser uma frase truncada, sem desenvolvimento anterior e ulterior, seja na mesma aula ou em textos e nos cursos, há uma série de artigos que trabalham o tema. O mais notório deles é o livro de Allouch (**A psicanálise é um exercício espiritual?** Resposta a Michel Foucault. Tradução: Maria Rita Salzano Moraes e Paulo Sérgio de Souza Jr. Campinas: Editora da Unicamp, 2014), com a introdução de Chaves.

<sup>85</sup> Cf.: Lacan, *o libertador da psicanálise* (1981) in D&E, vol. I, pp. 229-230.

<sup>86</sup> No tocante às especificidades do caminho de Lacan em relação a Freud para trazer um exemplo, Alain Miller, lembrando uma máxima do último Lacan (“todo mundo é louco, isto é, delirante”), afirma do abandono a qualquer noção de normalidade guiando o trabalho terapêutico cf.: MILLER, 2011, p. 10.

<sup>87</sup> Grace (*apud* FALZON; O’LEARY; SAWICKI, 2013) traz um Foucault que, ao ler os primeiros textos de Lacan e os de Lévi-Strauss se depara com o sujeito que é a base das ciências humanas e da filosofia. De um lado, ele é colocado como livre; de outro, como determinado por condições sociais, descobrindo nosso filósofo, que se fazia necessário tentar se libertar de tudo o que está por trás do pronome “eu” (*je*).

Ver-se-á a todo momento esse jogo de erros e acertos da psicanálise, não importa a fraseologia de seu pensamento, que só evidencia algo não diferente do que dizia Forrester, em 1990: a relação com a psicanálise já era complexa em 1950.

## 2.2 BINSWANGER *VERSUS* FREUD E HUSSERL: O LUGAR DA PSICANÁLISE NA HERMENÊUTICA ONÍRICA<sup>88</sup>

Sabe-se da importância da questão do sentido para a psicanálise. Do tratamento da histeria à interpretação dos sonhos, a importância do sentido se avulta de muitas maneiras. Ver-se-á que no tocante ao que será a seguir discutido, não se trata de atribuir ao sintoma amnésico de um paciente histérico um sentido a partir de uma vivência anterior. O jogo do debate presente na *Introdução* pretende investigar a ligação necessária entre sentido e significado nos sonhos dos analisandos.

Para esse empreendimento o jovem Foucault coloca o trabalho da fenomenologia clínica existencial na versão de Binswanger<sup>89</sup> um caráter fundacional e imprescindível – assim como sua inovação em introduzir a dimensão da temporalidade na análise da doença mental, como pode ser visto no livro de 1962. Foucault lecionará, entre 1952 e 1954, na Universidade de Lille, um curso chamado *Binswanger e a fenomenologia*. O que colocaria tanto a *Introdução* à *O Sonho e a existência*, quanto o *Doença mental e personalidade* como uma espécie de produto das discussões de suas pesquisas e aulas do período<sup>90</sup>, tendo de acordo com Defert, como as principais influências a fenomenologia e o marxismo.

<sup>88</sup> O mais acurado nessa seção seria mapear a *Introdução* e o livro *Doença mental e personalidade*, pois as temáticas são contíguas. Entretanto, alguns aspectos nos fizeram optar por não visitar diretamente o texto de 1954. A começar, o livro original é de difícil acesso, o que faz com que as informações aqui dispostas acerca desse livro sejam reproduções, ainda que críticas, de comentadores. A obra é reescrita em 1962 e, pelos testemunhos disponíveis, guarda pouco da obra original – pelo que pudemos mapear, as referências diretas a Binswanger permaneceram inalteradas. Por esse motivo, nossos comentários à essas referências podem ser vistas ao longo da seção dedicada à *Introdução*, por haver identidade temática. A obra de 1954 trata de uma análise da doença enquanto alienação, dando à psicologia, devidamente refundada, o papel de desalienação da enfermidade mental – ideia central do livro de direções hegeliana e marxistas. Nesse sentido, Foucault concede primazia à tarefa de uma psicologia refundada a desalienação mental do doente. Desalienação que, aliás, deveria ocorrer, reservados os respectivos sentidos e direções, às demais ciências humanas, como afirmam Birman e Hoffmann (a loucura, nessa perspectiva, teria de ser estudada em análise conjunta com elementos do Capitalismo). Ambos os comentadores costumam tratar brevemente do livro reeditado, centrando suas análises na tese de Foucault. Afirmam, inclusive, que o livro de 1954 está quase que completamente reformulado por causa da tese, de 1960 (tornada livro em 1961). Diante disso, trataremos o escrito de 1962 junto à tese de 1961, para a reconstrução crítica do ponto de vista do autor no período. Cf.: BIRMAN; HOFFMAN, 2017, pp. 29-30.

<sup>89</sup> Binswanger é comentado também por grandes nomes do pensamento como Bachelard (1994, p. 169), Merleau-Ponty (1994, pp. 221-222), Heidegger (em algumas conferências, cartas e textos), Vaz (2001, p. 137) etc.

<sup>90</sup> As duas obras constam nos anais de Lille como trabalhos realizados entre 1952-1953, embora publicados em 1954. Cf.: ÉRIBON *apud* RIBAS, 2011, p. 24.

O médico suíço – que participara das primeiras reuniões da recém-criada psicanálise na primeira década do século passado<sup>91</sup> – ao cabo de sua inquirição em *O sonho e a existência* ambiciona apresentar algo que fundamente nada menos que “todo o conhecimento concreto, objetivo e experimental”<sup>92</sup>, segundo Foucault.

O esforço de Binswanger seria o de cingir a antropologia de modo que ela tome um sentido originário, e tenha como objeto as formas de existência do ser-homem<sup>93</sup>. Trata-se, nessa longa introdução, não de um prefácio *stricto sensu*, mas de uma introdução à problemática proposta por Binswanger, em seu *O Sonho e a Existência*. Nesse primeiro trabalho conhecido de Foucault, está o seu envolvimento breve e intenso com a psicologia de base fenomenológica, enquanto uma alternativa à psicanálise. Isso renderá ao nosso filósofo diversas autocríticas que põem em xeque a base mesma da psicologia existencial<sup>94</sup>. Que seria, como ele relata em 1984, o envolvimento com uma metafísica que consistia em lidar com estruturas existenciais atemporais e universais – justamente, um dos aspectos da crítica que Heidegger faz à apropriação de sua analítica existencial por Binswanger, maior referência de Foucault em 1954<sup>95</sup>.

O debate não é apenas com a psicanálise e com a fenomenologia. A psiquiatria está tímida e brevemente presente para ressaltar a excelência da análise do médico suíço, que vai contra a ideia de que a doença seria um processo objetivo e o doente um lugar inerte no qual a doença se desenrola em um determinismo interno.

Enquanto Binswanger, em seu diálogo ininterrupto com Freud, criticava o naturalismo de suas concepções, Freud contra-atacava criticando as “necessidades religiosas e metafísicas”<sup>96</sup>, no trabalho do suíço. O que seria, de certa forma, aferido por Foucault, sem imputar ônus algum para Binswanger. Na *Introdução*, o jovem Foucault afirma que Binswanger

<sup>91</sup> Cf. ROUDINESCO, Elisabeth. **História da psicanálise na França**: A batalha dos cem anos, Volume I: 1885-1939. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1989. p. 101.

<sup>92</sup> Sua versão de *dasein* análise é celebrada por Foucault em mais de uma ocasião. A famosa, truncada e longa introdução à edição francesa ao *Sonho e existência* do psiquiatra suíço é anterior ao texto *Doença mental e personalidade*, do mesmo ano, no qual há também um comentário sobre Binswanger, na primeira parte (DEFERT *apud* FALZON; O’LEARY; SAWICKI (org), 2013, p. 20)

<sup>93</sup> Quando falarmos em homem, nas análises de Foucault à Binswanger, queremos trazer o sentido antropológico existencial do termo – homem é *ser do homem* ou *ser-homem*.

<sup>94</sup> Outras autocríticas a esse período estão dispersas, seja de modo explícito, seja de modo velado, ao longo da obra de Foucault, principalmente a partir de 1961, como pode ser facilmente corroborado pelos comentários de Birman, Forrester, Han-Pile e Noto.

<sup>95</sup> É importante aqui a menção da crítica análoga feita à psicanálise na problemática da sexualidade. Lá, a concepção de sexualidade enquanto composta de estruturas atemporais seria uma posição da psicanálise à qual a série *História da sexualidade* veio para contrapor.

<sup>96</sup> Cf.: ROUDINESCO, 1989, p. 432.

trata de uma antropologia que é, diríamos, um caminho construído com elementos da filosofia, literatura e da mística (o que entreveria uma significação antropológica dos sonhos, cujos termos serão vistos a seguir, no decorrer do texto). A despeito disso, teria a fenomenologia em Binswanger para Foucault o estatuto de “ciência dos fatos”. O resultado dessa ciência seria uma antropologia de base fenomenológica<sup>97</sup>, que analisa o conteúdo estrutural efetivo do *Menschsein*, a variação binswangeriana do *Dasein* heideggeriano<sup>98</sup> – uma existência “que se vive, que se experimenta”. Conteúdo estrutural, de acordo com Foucault, que tem um nome e atravessou uma história.

Deve ser asseverado que o esforço fundacionista de todo o conhecimento sobre o ser-homem também estende-se à psicologia. A antropologia reformada por Binswanger enquanto fundamento de uma investigação psicológica será mencionada na *Introdução* e, conforme Ribas nos dá testemunho, o desenvolvimento de uma antropologia fundacional é preocupação do jovem Foucault em seu primeiro livro, *Doença mental e personalidade*<sup>99</sup>.

Ademais, a introdução trata também da estrutura da obra *O Sonho e existência*. Foucault afirma que seria um erro dizer que Binswanger apenas aplica na clínica os conceitos e os métodos da filosofia da existência. Em relação ao modo de trabalho de Binswanger, sua interpretação causa desconforto aos heideggerianos. O motivo é que o psicanalista suíço não partiu dos conceitos indicativo-formais do filósofo de Messkirch ao tratar de sua versão clínica da fenomenologia, ele os modificou e aplicou no alívio do sofrimento de quem o procurava.

Se, de um lado, Binswanger move a fenomenologia para modificá-la, tematizando o *Dasein* a procura de sua estrutura transcendental (“do fundamento ontológico da existência concreta dos homens”), fugindo dos métodos empíricos da psicologia – “descrição experimental e naturalista”<sup>100</sup> –, Foucault por seu turno moverá a fenomenologia para atacar a psicanálise.

---

<sup>97</sup> Ideia que fundamentaria a psicologia, fundação posteriormente modificada para a noção de antropologia social, no *Doença mental e personalidade*, saindo da fundação dasainanalítica da *Introdução*, para uma análise da doença mental enquanto alienação mental a ser investigada junto às estruturas do capitalismo (cf.: MOUTINHO, 2009, p. 198). Ao contrário de Ribas (cf.: RIBAS, 2016), não acreditamos tratar a *Introdução* de uma refundação da psicologia, mas, seguindo Moutinho, um ataque ao psicologismo. Por nossa leitura, acreditamos tratar a *Introdução* de fornecer base a qualquer conhecimento sobre o homem – o que abarcaria a psicologia, mas não nela não se ater –, como afirma o próprio Foucault no início do texto.

<sup>98</sup> O próprio Heidegger aponta erros significativos nos desenvolvimentos de seu “discípulo” – da confusão de indicativos ônticos com ontológicos, visão transcendente do homem, endosso tácito de uma metafísica à erros terminológicos, passando imprescindivelmente por erros nos diagnósticos. Para mais detalhes sobre a daseinanálise de Binswanger e sua relação com Heidegger: cf. LOPARIC, 2002.

<sup>99</sup> RIBAS, 2011.

<sup>100</sup> NOTO, 2016, p. 58.

O cerne da crítica está nas questões do significado, sentido e interpretação n’*A interpretação dos sonhos*, de Freud<sup>101</sup>, levada a cabo através de um debate com as *Investigações Lógicas*, de Husserl<sup>102</sup>. Uma empresa já explorada, diga-se, por Hyppolite, cujas contribuições ecoam nos textos de Foucault da década de 1950, como bem aponta Noto<sup>103</sup>. Hyppolite explorou a confusão de Freud entre índice e significação, além de destacar o mérito de Husserl por tê-los diferenciado (o que é explorado por Foucault na *Introdução*, de 1954). No tocante às técnicas hermenêuticas de Freud e à fenomenologia de Husserl, Foucault defende que a análise do sonho proposta por Binswanger ultrapassa ambas<sup>104</sup>.

De acordo com Forrester, a *Introdução* traz dois pontos principais: (i) a análise ao *Traumdeutung*, confrontando a interpretação de Husserl e de Freud quanto ao problema do significado como uma crítica a uma metafísica da interpretação, trazida também em 1969, n’*A arqueologia do saber* e em 1976, n’*A vontade de saber*; e (ii) as formas de sujeito produzidas por essa metafísica<sup>105</sup>, tema, de certo modo, tangenciado por Noto<sup>106</sup>. De acordo com ela, a ligação entre a procura (diríamos, de acordo com a *Introdução* que se trata mais do *estabelecimento* que de uma *procura*) pelo fundamento ontológico da existência ôntica dos homens está atrelada ao sonho e à interpretação. Justamente, o ponto segundo o qual nos sonhos os modos de existência são trazidos – a interpretação viria ao trabalho de evidenciar esses modos.

Por outro lado, é característica principal dos comentários à *Introdução* – leia-se, principalmente, Silveira e Noto – uma reconstrução do debate Freud-Husserl, tal como apresentado por Foucault, à luz do problema da significação. Como o cerne da crítica de Foucault a Freud está nas linhas de Binswanger, a ele aqui será dada mais atenção que a Husserl. O pai da fenomenologia serve de ponte entre os dois, pois ele trata da ligação necessária entre índice e significação.

Ora, o cerne da novidade de Binswanger está na completa repaginação do mundo onírico, em relação aos desenvolvimentos freudianos – por mais que a influência de Husserl

<sup>101</sup> Como bem lembra Forrester (2009, p. 17), Freud, um neurologista respeitado, contava então com 43 anos no quando da publicação do *Traumdeutung*.

<sup>102</sup> O jovem Foucault chama atenção para a proximidade temporal entre os textos de Freud e Husserl: o primeiro, concluído em 1899, oficialmente aparece em 1900 e, o segundo, em 1901, atravessados por problemáticas afins.

<sup>103</sup> Cf.: NOTO, 2017, p. 148.

<sup>104</sup> Veremos Foucault em seu último livro, de 1984, *História da sexualidade* vol. III *O cuidado de si*, tematizar os sonhos numa espécie de diálogo tangencial com a psicanálise. Cf., principalmente, a primeira sessão: *Sonhar com os próprios prazeres*.

<sup>105</sup> FORRESTER, 1990, p. 291.

<sup>106</sup> No artigo *A psicanálise para Foucault: Ontologia ou hermenêutica?*, Noto, na linha do defendido por Forrester, sustenta que o texto de 1954 antecipa as temáticas das *tecnologias de si*, da década de 1980.

seja fundamental e fundacional, a novidade que a *Introdução* vem celebrar é a de Binswanger. O que quase não é falado nos comentários são os caminhos traçados por Foucault até Binswanger, que consiste numa sequência textual, diga-se, *sui generis*, que na ordem do texto, inicia com Binswanger, trata de Freud, Husserl, traz de forma desordenada Shakespeare, Novalis, Platão, Heráclito e Campanella; passeia, assim, pela literatura, filosofia e mística, finalizando com Binswanger – lista que bem poderia incluir a *Oniromancia* de Artemidoro, trazida em 1984, no *Cuidado de si*.

O que Foucault quer ao trazer todos os autores que traz, inclusive citando obras do séc. XV, no original, pode ser suscitado nos seguintes extratos acerca do problema do destino do homem, ao logo dos escritos trazidos: “Desde a antiguidade, o homem sabe que no sonho ele se encontra com o que ele é e o que ele será; com o que ele faz e com o que ele fará; ele ali descobriu esse nó que liga sua liberdade à necessidade do mundo<sup>107</sup>”; e:

o que mudou segundo as épocas não é essa leitura do destino nos sonhos, nem mesmo os procedimentos de decifração, mas, antes, a justificação dessa relação do sonho com o mundo, da maneira de conceber como a verdade do mundo pode antecipar-se a si própria e resumir seu porvir em uma imagem que não poderia reconstituí-la senão turvada<sup>108</sup>.

Dessarte, as investigações de Freud, Lacan e de Husserl sobre a ligação entre imagem e significado são secundárias para o jovem Foucault, de 1957 – ou mesmo desvios da tradição à qual Binswanger é vinculado. Do lado da psicanálise, por não conseguir fazer falar as imagens, estabelecendo, segundo Foucault, uma ligação significativa contingente, provisória e arbitrária; do lado da fenomenologia, por conseguir “falar as imagens”, mas “não [ter dado] a ninguém a possibilidade de empreender sua linguagem”<sup>109</sup>. Em outras palavras, do lado dos psicanalistas (Freud, Klein e Lacan), a imagem é incapaz de falar e do lado de Husserl tem-se uma teoria do símbolo e da ligação necessária entre imagem e significado, entretanto, enquanto efeito

---

<sup>107</sup> A noção binswangeriana de mundo é um tanto espinhosa por algumas razões. Sabe-se que para Heidegger não há separação entre o *Dasein* e o mundo; para Binswanger, o sonho é o movimento da liberdade em direção a *um* mundo; Foucault não traz o que significa *Welt* para o psiquiatra suíço; Para Heidegger, é a rede referencial significativa, que permite, por exemplo, ao *Dasein* que ele saiba para que serve o martelo e o prego. Estamos, portanto, numa encruzilhada, pois o termo tem uma conotação transcendental, diferente da acepção heideggeriana e os estudiosos do assunto (Loparic, Soria e o Foucault de 1957) tomam por definido o significado de *mundo*. Por isso, não desenvolvemos a noção de mundo, já que não iremos aqui inserir a noção heideggeriana, pois seria uma transgressão conceitual. Inserimos a significação de Heidegger até onde houver respaldo na literatura especializada (o que justifica a utilização de Han-Pile em extratos textuais de Foucault nos quais não está claro a acepção dos conceitos em jogo).

<sup>108</sup> *Introdução* (in Binswanger) D&E, vol. I, pp. 93-94.

<sup>109</sup> *Introdução* (in Binswanger) D&E, vol. I, p. 86.

incontornável tem-se o solipsismo; este, contornado por Jaspers numa solução em termos de uma mística entre médico e paciente, insuficiente para Foucault<sup>110</sup>.

Considerando as composições teóricas brevemente acima esboçadas, o que lhe interessa ao jovem Foucault na análise existencial é a *liberdade* e o *mundo* enquanto constitutivos do ser-homem e evidenciados no sonho. Nessa linha, a sexualidade, cara à psicanálise freudiana é substituída pelo movimento de transcendência da liberdade do *Menschsein*.

Não trata sua *Introdução* apenas de reestruturar uma nova hermenêutica, mas, acreditamos, trata-se de mostrar a novidade de Binswanger em reorganizar as relações de significação longe da ótica do inconsciente<sup>111</sup> ou das consequências solipsistas da análise husserliana; ou seja, a *Introdução* quer mostrar, na esteira de Novalis e de tantos outros, que cada imagem presente no universo onírico não são representações do sujeito, mas cada uma delas é o próprio sujeito que sonha. O que é ilustrado no seguinte extrato:

O sonho, como toda experiência imaginária, é indício antropológico de transcendência; e, nessa transcendência, ele anuncia ao homem o mundo, fazendo-se mundo ele próprio, e tomando ele próprio as espécies da luz e do fogo, da água e da escuridão. O que nos ensina a história do sonho para a sua significação antropológica é que ele é ao mesmo tempo revelador de mundo em sua transcendência, e também modulação desse mundo em sua substância, sobre o elemento de sua materialidade<sup>112</sup>.

Descrição que destoa dos dois textos – o de Freud, *A Interpretação dos sonhos* e o de Husserl, *Investigações lógicas* – examinados na *Introdução*. Ambos são descritos como um duplo esforço do homem de reassumir-se, reassumindo a si próprio sua significação. *Esforço* não concretizado, portanto.

Sabe-se largamente, segundo o jovem Foucault, que antes de Freud os sonhos eram uma espécie de *non-sens* da consciência. Afirmação que ecoa a assertiva do austríaco n’*A interpretação dos sonhos*, na qual diz que quer tratar como *sagrada escritura* o que os autores anteriores encaravam como uma “improvisação arbitrária”, trazida no “embaraço do momento” de relato a um terceiro – sendo esse, segundo Freud, o único erro dos autores que propuseram a investigar os sonhos: o de presumir como arbitrário o conteúdo que aparece no relato do sonho.

<sup>110</sup> Jaspers tem um trabalho importante ao introduzir a “volta” de Husserl “às coisas mesmas” na psiquiatria, de acordo com Wertz (*apud* DREYFUS, Hubert L.; WRATHALL, Mark A (org.). **Companion to Phenomenology and Existentialism**. Wiley-Blackwell: Londres, 2006. p. 402). Foucault ignora as contribuições de Jaspers, lá apontando uma mística, e deixa passar a curiosa cosmologia do psiquiatra suíço.

<sup>111</sup> Na tradição mística, o inconsciente seria algo como o eco do mundo abafado no homem, como apontado por Hartmann. Cf.: *Introdução*, p. 96.

<sup>112</sup> *Introdução* (in Binswanger) D&E, vol. I, p. 97.

Freud chama atenção, então, para uma censura onírica (“da resistência à irrupção dos pensamentos oníricos na consciência”) – denominada por ele, *resistência* ou *recalque*. Censura cuja atuação dá-se no nível quase imperceptível do detalhe, atacando “elementos fracos e indistintos”, impedindo que sejam retratados tal como apareceram<sup>113</sup>.

Se Freud vai contra a corrente positivista que negava os atributos antes atrelados aos sonhos, ele parece ignorar a tradição à qual recorre Foucault para reforçar a acuracidade da análise de Binswanger; pode-se dizer, desse modo, que Freud dá, na *Introdução*, um passo importante em relação à corrente psicológica que lhe é imediatamente anterior (séc. XIX), e, em contrapartida, ignora completamente a relação entre sonho e liberdade em direção ao mundo. De todo modo, a partir de Freud será tarefa da hermenêutica explorar o sentido oculto dos sonhos<sup>114</sup>.

Nessa linha, Foucault dirá em sua *Introdução* que para Freud, “as formas imaginárias do sonho trazem as significações implícitas do inconsciente”: o que implica que o sentido dado nos sonhos não é evidente, mas está velado por de elementos oníricos que manifestam “contradesejos”; argumenta Foucault que, se a temática do sonho é a realização de desejos e, com o próprio sonho não sendo a efetivação do desejo, o que temos é um “contradesejo”, oposto ao próprio desejo que mostra sua recusa à saciedade. O sonho seria para Freud, diz nosso filósofo,

um misto funcional; se a significação se investe de imagens, é por um excesso, como uma multiplicação de sentidos que se superpõem e se contradizem. A plástica imaginária do sonho não é, para o sentido que nele emerge senão a forma de sua contradição<sup>115</sup>.

Desse modo, a análise freudiana enfatizaria a semântica da linguagem dos sonhos, enquanto suas estruturas morfológica e sintática são deixadas de lado – “a imagem é um pouco mais que a realização imediata do sentido”, observará Foucault.

Ao sonho foi dado a *fala* pela psicanálise<sup>116</sup>, ignorando a “realidade de linguagem” do onírico da seguinte forma: se a fala é precedida por uma estrutura de linguagem, justamente por não saber da estrutura da linguagem onírica a psicanálise freudiana “jamais seria uma apreensão

<sup>113</sup> Cf.: FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos**. Tradução: Renato Zwick. L&PMPOCKET: Porto Alegre, 2017. p. 539-548.

<sup>114</sup> Diríamos que Freud se torna um capítulo da hermenêutica, cujos capítulos vizinhos seriam sobre Schleiermacher, Dilthey, Heidegger e Gadamer – e algum subcapítulo, em Heidegger, acerca de Binswanger.

<sup>115</sup> *Introdução* (in Binswanger) D&E, vol. I, p. 76.

<sup>116</sup> Não será a única vez em que Foucault apontará para a relação entre Freud e a fala do paciente. Outros episódios surgem ao longo de sua produção que apontam para essa relação. Acreditamos que o mais marcante pode ser conferido *História da loucura*. Lá Freud restitui a fala ao louco, mas, por não colocar em xeque as instituições que contribuem para sua segregação, endossa as estruturas mesmas que permitem seu apartar do social.

compreensiva do sentido” onírico; ela se limitaria a interpretar como que um vocábulo de um idioma, do qual se ignora a gramática – tomariam lugar na hermenêutica freudiana a probabilidade e a coincidência significativa, o que torna seu esforço insustentável.

O sentido dos sonhos, portanto, em Freud, é deduzido e adivinhado por algo que se esgotaria em si mesmo (o sonho e a fala), sem o *background* que necessariamente o precede (a linguagem). Dessarte, a própria fala teria uma estrutura de linguagem que a precede e sustenta – nas palavras de Foucault, “um mundo de expressão”<sup>117</sup>, completamente ignorado pelos psicanalistas. Além disso, Freud teria cometido o erro da metafísica clássica quando esta imputou ao mundo físico a vontade e o entendimento divinos – segundo Foucault, Freud teria substituído Deus pelo desejo, no povoamento do imaginário. O que Forrester batiza de “uma teologia das significações”<sup>118</sup>: a verdade antecipa sua própria formulação.

Nessa linha, a investigação freudiana à imagem está exclusivamente arvorada em decifrar o sentido que está sempre por detrás da imagem, no que ela esconde ou substitui. Estabelecer-se-ia aí um laço entre a imagem e o sentido da ordem do possível e do contingente, pela dedução e probabilidade – o próprio Freud, por sua vez, argumentaria o contrário, como o próprio Foucault menciona: além de a estrutura da imagem ter “uma sintaxe e uma morfologia irreduzíveis ao sentido”, há um laço necessário entre a imagem e o sentido. A imagem, seria uma “linguagem que se exprime sem formular”. Como trazido na *Introdução*, o incêndio no sonho, por exemplo, mostra o desejo sexual o qual se busca apagar desesperadamente; o sentido encontra-se escondido nas formas expressivas dessa imagem.

Posição que não se sustenta, segundo nosso filósofo. Falta nessa análise uma gramática do imaginário, uma análise do ato expressivo e o desenvolvimento de uma teoria dos símbolos na chamada por ele “mitologia teórica” freudiana; não sendo considera a realidade mesma do ato expressivo, em sua necessidade, Freud envereda pela adivinhação e probabilidade na construção de “um léxico interindividual com as simbolizações mais frequentes”<sup>119</sup>.

O símbolo para a psicanálise estaria na tangência entre a significação límpida e o material residual da imagem vinda da percepção – pulsão inconsciente de um lado e consciência perceptiva do outro, ora se unindo, ora se opondo no jogo freudiano. Esse contraste seria evidenciado no caso do presidente Schreber. Diz Foucault que lá é nítida a marcha da significação “em um mundo imaginário, e a estrutura própria desse mundo através de sua

<sup>117</sup> *Introdução* (in Binswanger) D&E, vol. I, p. 77.

<sup>118</sup> *Ibid.*; FOUCAULT *apud* FORRESTER, 1990, p. 290; 2009, p. 59.

<sup>119</sup> *Introdução* (in Binswanger) D&E, vol. I, pp. 75-78.

referência ao sentido”. Através de correlações simbólicas Freud vai identificar a figura do pai e a figura do próprio doente por detrás e de suas imagens, ao mesmo tempo que aponta para a conclusão na forma de “uma armadura mágica do delírio paranoico”, que culmina na suma: “Eu não amo nada nem ninguém, eu só amo a mim”. De todo o modo, Freud abandona o empreendimento de uma teoria do símbolo – o que Husserl há de desenvolver – no quando da análise do caso Schreber<sup>120</sup>.

Freud, também Husserl, partem da posição segundo a qual as imagens não seriam neutras. Uma vez que elas não o são, mas tem algum sentido, coube às suas investigações desenvolver o modo como elas adquirem sentido e como é possível interpretá-las. A semântica freudiana teria negligenciado a expressividade inata da imagem, além e anterior a qualquer análise semântica e representacional. O que na prática seria, segundo Noto<sup>121</sup>, uma fuga à subjetividade expressa na imagem e da morfologia própria do imaginário.

Já no tocante a Lacan, ele teria – ao lado de Klein – esse rápido momento de destaque no final da primeira do texto. Lacan fez da *Imago* – de acordo com Roudinesco, “uma representação inconsciente através da qual um sujeito designa a imagem que tem de seus pais”<sup>122</sup> – o ponto de cristalização da “dialética significativa da linguagem”, ponto este no qual se deixa fascinar pelo interlocutor que ela se constitui”. Diz Foucault:

Uma análise à maneira do Dr. Lacan, que busca na linguagem o elemento dialético no qual se constitui o conjunto das significações da existência e no qual elas concluem seu destino, a não ser que o verbo, não se instaurando em diálogo, efetue seu *Aufhebung* sua libertação e sua transmutação. (...) a Imago não é senão fala envolta, em um instante silenciosa.

Entretanto, a psicologia da imagem e a psicologia do sentido, cujos cernes são, respectivamente, a presença e a virtualidade da linguagem, não encontram uma unidade.

A psicanálise, assim, teria confundido a realização de significações com a indução de indícios, onde o sentido se identifica com a imagem, sendo unidos pelo símbolo, enquanto valor simbólico da imagem onírica<sup>123</sup>; além de não distinguir os signos com sentido imanente dos com significação situacional.

De um lado, haveria em Freud “índices objetivos que marcam na imagem estruturas implícitas, acontecimentos anteriores, experiências permanecidas silenciosas”; de outro, “o laço global e significativo que funda o sentido do material onírico e o constitui enquanto desejo

<sup>120</sup> *Ibid.*, p. 79.

<sup>121</sup> NOTO, 2016.

<sup>122</sup> ROUDINESCO; PLON, 1997, p. 371.

<sup>123</sup> *Introdução* (in Binswanger) D&E, vol. I, pp. 81-83.

incestuoso de regressão infantil ou de retorno e de envolvimento narcísico”. A ênfase no inconsciente, seguindo a argumentação de Foucault teria negligenciado um problema incontornável na hermenêutica onírica: o problema das relações entre significação e imagem.

Finalmente, ainda que a perspectiva de Lacan se aproxime à sua própria, Foucault encerra a primeira parte de sua *Introdução* afirmando que “a psicanálise jamais conseguiu falar as imagens”<sup>124</sup>.

### 2.3 AS SIGNIFICAÇÕES EM FREUD, HUSSERL E BINSWANGER: POR UMA TEORIA DA SIGNIFICAÇÃO ANALÍTICO-EXISTENCIAL

*A fenomenologia conseguiu falar as imagens; mas ela não deu a ninguém a possibilidade de empreender sua linguagem*<sup>125</sup>

No tocante à Husserl, Foucault está preocupado em suas teorias do símbolo e do signo, presentes na primeira e sexta investigação de *Logische*, avaliando a possibilidade de restituir a imanência da significação à imagem. Tendo tratado no momento anterior de sua *Introdução* do valor simbólico da imagem onírica, Foucault aponta aqui para um “jogo” (não é expressão do texto) em Freud, em contraste com Husserl, de uma decifração da imagem – tanto o que ela mostra, como o que ela esconde. O acúmulo de indícios *unifica* a significação, mas não são a significação, porquanto trata-se de uma indicação contingente, apesar de ter sempre presente o desejo incestuoso enquanto constante do sentido do onírico.

Nesse sentido, no texto posterior, *A psicologia de 1850 a 1950*, apesar da evidente preferência pela análise existencial como alternativa à psicologia, Foucault reconhece que a questão fundamental – dos preconceitos endossados pela psicologia e herdados pelos saberes que dela “saíram” – não está encerrada e a ambiguidade ainda vigente nas diversas formas de psicologia parece ser “coextensiva à existência humana”. Nessa perspectiva, no texto posterior, *A psicologia de 1850 a 1950*, apesar da evidente preferência pela análise existencial como alternativa à psicologia, Foucault reconhece que a questão fundamental – dos preconceitos endossados pela psicologia e herdados pelos saberes que dela “saíram” – não está encerrada e a ambiguidade ainda vigente nas diversas formas de psicologia parece ser “coextensiva à existência humana”. Acaba por lá afirmar que uma analítica existencial antropológica – analisando a maneira pela qual a existência “se temporaliza, se especializa e, finalmente, projeta

---

<sup>124</sup> Ibid., p. 80.

<sup>125</sup> Ibidem., p. 86.

um mundo” – pode não figurar como alternativa, mas pode dela “esquivar-se”, por defender uma análise do homem pelas suas condições de existência e pelo que lhe há de mais próximo: sua história<sup>126</sup>.

Vê-se acima que o interesse de Foucault na crítica à psicanálise – apesar da dura frase, segundo a qual Freud só teve e tem a importância que tem devido à impureza de seus conceitos – vai além de uma simples crítica destrutiva ou um elogio massageando egos. Quando ele inicia a fala sobre Freud, no *A psicologia de 1850 a 1950*, afirma de seu endosso a velhos preconceitos conhecidos da psicologia, porém completará afirmando da novidade de Freud: comparando-o a Janet e Jaspers, a despeito dos mencionados “conceitos impuros”, ele levou às últimas consequências a análise do sentido, conferindo um estatuto objetivo à significação, buscando “reaprendê-la no nível dos símbolos expressivos, no próprio ‘material’ do comportamento; ele lhe deu como conteúdo uma história real ou (...) o afrontamento de duas histórias reais”: do indivíduo, com a sequência de suas experiências vividas e da sociedade, com suas estruturas impostas ao indivíduo; o que possibilitou um “estudo objetivo das significações”<sup>127</sup>.

Ou seja, no tocante à psicanálise, apesar de ter sido colocada como incompleta na *Introdução*, no texto *A psicologia de 1850 a 1950* ela contribui para o esforço fundacionista binswangeriano não por sua contribuição à hermenêutica onírica, mas em vigília, enquanto ferramenta de crítica social.

Longe do social, na primeira investigação, Husserl distingue o índice e a significação por meio de uma apreensão global que tem como fundamentais os fenômenos de expressão: sei o que outra pessoa quer dizer através de sua fala e dos indícios trazidos, por exemplo, por seu tom de voz e expressão corporal. Segundo Husserl, tal como reconstruído na *Introdução*, um índice não possui significado em si mesmo. A fala e a modulação da voz são duas atividades que apesar de simultâneas não são idênticas, elas seriam preferivelmente, opostas e, ao mesmo tempo, complementares. Quando as palavras me escapam, dá-se lugar então à indução de indícios para a compreensão do sentido: “o tom da voz, o indício das palavras, os silêncios, inclusive os lapsos me guiarão para fazer-me presumir que meu interlocutor sufoca de cólera”<sup>128</sup>. Prossegue Foucault:

Por si mesmo o índice não tem significação: e ele só pode adquiri-lo de maneira secundária e pela via oblíqua de uma consciência que o utiliza como ponto de referência ou como um marco. Eu vejo buracos na neve com forma

<sup>126</sup> Cf.: *A psicologia de 1850 a 1950* (1957) in D&E, vol. I, pp. 150-151.

<sup>127</sup> *A psicologia de 1850 a 1950* (1957) in D&E, vol. I, p. 152.

<sup>128</sup> *Ibid.*, p. 82.

de estrelas regulares e cristais de sombra. Um caçador verá tais coisas como os traços frescos de uma lebre. São duas situações vividas, seria vão dizer que uma comporta mais verdade que a outra, mas no segundo esquema manifesta-se a essência da indicação, na primeira<sup>129</sup>.

Desse modo, a significação dá-se em Husserl quando a consciência associa os indícios; quanto mais material associativo, mais acurada a significação. Não basta, como na psicanálise, o estabelecer de uma identidade imediata entre sentido e imagem por uma noção não desenvolvida de símbolo. Faz-se necessário um estudo que vise a formação da imagem antes de sua expressão verbal. Diante da contingência dos atos de formulação, imaginação e percepção, Husserl aponta para a necessidade de um *ato único* para a atribuição de significado.

O que não garante a excelência da análise husserliana. Ainda se encontra em aberto a procura de um fundamento que atribua necessidade às significações; se em Freud temos a satisfação do desejo, a fenomenologia nos oferece acesso a presença do sentido em um conteúdo imaginário, sendo a significação apreendida no ato de sua expressão. Todavia, Husserl não consegue atingir a objetividade: o ato de significação está ancorado na consciência, num modo de interioridade.

Em Binswanger, o sonho alcança o estatuto existencial, apontando para o movimento de transcendência da existência concreta em direção ao mundo. O sonho revela para Binswanger o mundo em sua transcendência. Sonho é projeção da existência em direção ao mundo (o que para Heidegger seria impensável, pois, como se sabe, não há uma separação entre existência e mundo<sup>130</sup>). Uma interpretação dos sonhos seria uma redução transcendental, mais ontológica que propriamente fenomenológica: a partir da ideia husserliana suspende-se as imagens oníricas e investiga-se o movimento mesmo da imaginação com uma mudança significativa, qual seja, por não se tratar de um ente ideal, mas do modo de ser da existência. Acreditamos que o cerne da excelência da análise de Binswanger apontada por Foucault, comparado a Freud e Husserl, está justamente na fundação ontológica da psicologia onírica.

Não se pode deixar de notar, comparando a *Introdução* com *As palavras e as coisas*, que, se em 1954, Foucault afirma que a psicanálise freudiana na questão da interpretação deveria, digamos, ouvir as contribuições de Binswanger (posteriormente, em 1966, adequada à

---

<sup>129</sup> *Ibidem*.

<sup>130</sup> Como não é nosso intuito um exame da obra de Heidegger, nos reservamos a não nos aprofundar nos comentários aqui expostos. Contudo, temos interesse na recepção desconfortável e indigesta das contribuições do filósofo alemão por Binswanger, Boss e Foucault, e disso nos ocuparemos em trabalhos futuros.

forma das chamadas *analíticas da finitude*), em 1966 esse é o trunfo da psicanálise lacaniana, diga-se – o de não se envolver ou não endossar uma analítica da finitude<sup>131</sup>.

De toda forma, de acordo com o que nos reconstrói Foucault, o objetivo de Binswanger com *O sonho e a existência* é o de conseguir um conteúdo fundamental para uma analítica existencial que dê conta do ser-homem – colocado provisória e ontologicamente como “conteúdo efetivo e concreto” da estrutura transcendental do *Dasein* –, do *Menschsein* – objeto privilegiado da análise, que em Binswanger vai ocupar o lugar efetivo do *Dasein* heideggeriano.

Se ao cabo das perquirições husserianas, de acordo com Foucault, o que temos é uma *mônada* que sonha, incapaz de romper a barreira da consciência, temos em Freud o chamado *homo natura* – o diagnóstico de Binswanger é endossado por Foucault. Em relação ao chamado *homo natura*<sup>132</sup>, trata-se este de uma suma da concepção de ser-humano em Freud, onde estaria presente a defesa de um forte reducionismo biológico, uma mecanização da “totalidade da experiência humana”. Vê-se, como aponta Soria, uma tentativa de remediar o déficit da psicanálise em problemas como o da autonomia através da filosofia. Essa tentativa conta com os sonhos enquanto reveladores da realização ou da alienação da liberdade humana<sup>133</sup> – dessa forma, traria à baila tanto a história individual como “a própria condição existencial e ontológica do homem”<sup>134</sup>. Para o suíço, a posição freudiana não é filosófica, psicológica ou antropológica, mas puramente biológica, não dando conta, por exemplo, da “religião, da moral

<sup>131</sup> Nesse sentido, defendemos aqui a conclusão de Noto, em seu artigo de 2016. Han-Pile chega a um resultado completamente oposto, que consiste em afirmar que Binswanger não incorreria na chamada *analítica da finitude*. O problema é que Han-Pile, intercambia e equivale os conceitos dele com os de Heidegger, o que não é plausível, caso olhemos as posições dos comentadores de Binswanger (como Soria e Loparic). Além disso, para salvar o psiquiatra suíço de uma filiação à analítica da finitude, Han-Pile recorre à conceitos metafísicos. Apesar desses elementos, caberia uma leitura mais aprofundada tanto de Han-Pile e Noto quanto dos comentadores por elas trazidos. Pelo nosso interesse no debate e pelo material por nós examinado, isso será realizado num futuro próximo. Cf.: HAN-PILE, Béatrice. Phenomenology and anthropology in Foucault’s “introduction to Binswanger’s *Dream and existence*”: a mirror image of the *Order of things*?. **History and Theory**, n. 54 (December 2016), pp. 7-22.

<sup>132</sup> O conceito de *homo natura*, como afirma Soria, é desenvolvido pelo autor suíço num texto chamado A concepção de homem à luz da antropologia (1936) – o texto-base foi de uma palestra proferida em ocasião aos 80 anos de Freud. Noutro texto chamado *Recordações de Sigmund Freud* (1956), ele afirma a paternidade do conceito em Nietzsche. Soria defende que a aceção do termo em Nietzsche poderia elucidar seu uso pelo psiquiatra suíço. Cf.: SORIA, Ana Carolina Soliva. Freud, Binswanger e a concepção de *homo natura*. **Revista Dois Pontos**: Curitiba, São Paulo, vol. 13, n. 3, pp. 125-141, dezembro de 2016.

<sup>133</sup> Sabe-se que Binswanger aplicará sua interpretação de Heidegger ao problema da existência humana para construir uma alternativa ao chamado reducionismo biológico freudiano; já Lacan, por seu turno, procurará Hegel, via Kojève, para as lacunas e déficits do discurso freudiano, em temas diversos. Grace (2016) aponta para as más consequências para a psicanálise, pelo esforço de Freud de desvencilhar-se da filosofia. Lacan notará, inclusive, de acordo com Grace, que alguns conceitos freudianos têm vícios de paternidade no Idealismo alemão.

<sup>134</sup> Cf.: NOTO, Carolina. O déficit ontológico da psicanálise: Foucault leitor de Hyppolite. **doisPontos**, Curitiba, São Carlos, volume 14, número 1, pp. 145-157, abril de 2017. p. 145.

e das artes”<sup>135</sup>. Uma antropologia filosófica fenomenológica seria a única saída para sanar os déficits da concepção de homem freudiana.

Ademais, se visitarmos *A psicologia de 1850 a 1950*, vemos à Freud ser imputado, “sem dúvida”, quando desenvolve sua teoria dos instintos, o eco de um mito biológico acerca do homem (“instinto de vida, de expansão, instinto de morte ou repetição”). O que ecoa também na noção freudiana de doença e suas implicações sociológicas. Relativo à doença, Foucault afirma, indubitavelmente, que a doença é como se fosse uma “regressão a um estado anterior do desenvolvimento afetivo”, replicando um velho tema de Spencer e dos “fantasmas evolucionistas”. Assim, diz Foucault:

(...) foi no interior do sistema freudiano que se produziu essa reviravolta da psicologia; foi no decorrer da reflexão freudiana que a análise causal transformou-se em gênese das significações, que a evolução cede seu lugar à história, e que o apelo à natureza é substituído pela exigência de analisar o meio cultural.<sup>136</sup>

Dito de outro modo, aqui está um desenvolvimento de noções gravitacionais e “genealógicas” do conceito de *homo natura* tal qual imputada a Freud por Binswanger.

O psiquiatra suíço não está em melhor situação, caso analisemos o que Foucault deixa escapar na *Introdução*: para Binswanger, a liberdade do ser humano tem o estatuto, no mínimo, peculiar. O movimento de *ascensão* e de *queda*, estrutura ontológica da existência humana, segundo Loparic,

trata-se de uma única onda vital de forma senoidal, com fases ascendentes ou vitoriosas e descendentes ou malogradas, que acontece sem qualquer participação voluntária do indivíduo no qual se manifesta. Binswanger recorre à filosofia e à mitologia gregas para sugerir que a pulsação da vida resulta de uma força originária de ordem cósmica, pré-pessoal e pré-individual, o que dá à existência humana um sentido também suprapessoal e supra-individual<sup>137</sup>.

A princípio, o conceito de liberdade em Binswanger é próximo ao kantiano: no segundo, a liberdade condicionada à lei moral e, no primeiro, a liberdade condicionada a um ordenamento cósmico, sem voluntarismo do agente. Surpreendentemente, Foucault não trata desse explícito contrassenso entre uma liberdade radical e formas existenciais heterônomas que pouco ou nada se distanciam de uma explicação plantonista ou teológica do homem. Binswanger trocaria os imperativos biológicos do sujeito freudiano pela necessidade da heteronomia de uma força originária.

<sup>135</sup> SORIA, 2016, p. 126

<sup>136</sup> *A psicologia de 1850 a 1950 in D&E*, vol. I, pp. 141-142.

<sup>137</sup> LOPARIC, 2002, p. 384.

Voltando a Freud, o modo de uso por Foucault do conceito de *homo natura* – para atacar às posições freudianas – pode nos fornecer algumas indicações desse debate. Como é largamente sabido, para Nietzsche não é problema vincular o homem com a natureza. A continuidade entre homem e natureza é trazida justamente para atacar “os velhos passarinhos metafísicos”, que remeteriam a existência humana a algo de outra hierarquia que a natural. Com isso, o problema não é um condicionamento do homem à natureza, mas a uma corporeidade adereçada por enfeites estranhos; corporeidade esta que é juíza do que “o homem é no fundo de seu ser” – como afirmará o psiquiatra suíço em *A concepção de homem à luz da antropologia*<sup>138</sup>. Por Freud, de acordo com Binswanger, trata-se na clínica psicanalítica o resultado da interação entre as pulsões e as coerções culturais e não da existência concreta do homem.

Uma vez elucidada a concepção de *homo natura* binswangeriana, mencionada sem muito desenvolvimento por Foucault em 54, o psiquiatra suíço está interessado nos modos de existência que se evidenciam no sonho. De acordo com o que nos reconstrói Foucault, nos sonhos os modos de existência se manifestariam de forma significativa, sendo tarefa do hermenêuta onírico decifrar os modos de existência que aparecem nos sonhos – o que restauraria uma hermenêutica onírica voltada ao movimento de transcendência do *Menschsein*, em sua liberdade. A contradição entre liberdade realizada ou alienada, expressa no relato discursivo do sonho, é a chave de leitura onírica. O exemplo fornecido é sonho de uma morte violenta. Diz Foucault:

Ela [essa contradição] irrompe inclusive como seu sentido último em todos os sonhos assombrados pela angustia da morte. A morte é experimentada como o momento supremo dessa contradição, a qual constitui em destino. Assim, tomam sentido todos esses sonhos de morte (...), nos quais é preciso reconhecer, afinal de contas, o afrontamento de uma liberdade contra um mundo<sup>139</sup>.

Em texto produzido na época da redação da *Introdução*, em 1954, Binswanger defenderá que, uma vez desvelado na clínica ao doente a estrutura em geral de seu ser-no-mundo, ele encontra a liberdade para todas as suas potencialidades<sup>140</sup>.

O aspecto da finitude do *Menschsein* e a presença peculiar dela no mundo onírico, faz Foucault afirmar que o laço necessário entre imagem e sentido, ou a condição de possibilidade do sentido é a liberdade humana. Para Binswanger, a morte pode aparecer nos sonhos com pelo

<sup>138</sup> BINSWANGER *apud* SORIA, 2016, p. 127; cf.: SORIA, 2016, p. 126.

<sup>139</sup> *Introdução* (in Binswanger) in D&E, vol. I, p. 104.

<sup>140</sup> BINSWANGER *apud* PEREIRA, Mário Eduardo Costa. Sobre os fundamentos da psicoterapia de base analítico-existencial, segundo Ludwig Binswanger. **Revista Latino-americana de Psicopatologia Fundamental**. Vol. IV, n. 1, pp. 137-142. p. 141. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rlpf/v4n1/1415-4714-rlpf-4-1-0137.pdf>. Acesso em: 17.07.2018.

menos uma outra face: a plenitude de uma reconciliação, expressa uma existência que se realiza e não numa existência que se finda num mundo. Completa Foucault que o sonho é “uma explosão da vida para a existência” – esta desperta enquanto a consciência dorme – “descobrimo nessa luz o destino de sua morte”, encerrando que “em todos os casos a morte é o sentido absoluto do sonho”<sup>141</sup>.

A repetição dos sonhos de morte, como traz o jovem Foucault, demanda por seu turno, como acerta Freud, a existência de uma dialética. Esta, não da tensão “rudimentar” entre o orgânico e inorgânico. A morte é “a contradição na qual a liberdade, no mundo e contra o mundo, se realiza e se nega ao mesmo tempo como destino”<sup>142</sup>.

O sentido de *liberdade* enquanto idêntica à *transcendência* do *Dasein* heideggeriano pode nos servir de chave para a compreensão do termo em Binswanger. Noutras palavras – e aqui seguiremos parcialmente a interpretação de Han-Pile – o suíço busca compreender *como* a liberdade mesma do homem é expressa e acessada de modo privilegiado no sonho. Haveria, nesse sentido, alguns pontos de identidade entre o *Dasein* heideggeriano e o *Menschsein* do psiquiatra suíço, dentre eles o caráter *projetivo* do ente analisado, que evidencia o movimento de transcendência à liberdade. Segundo Han-Pile<sup>143</sup>, transcendência e liberdade são colocadas como idênticas num escrito de Heidegger chamado *Os fundamentos metafísicos da lógica* – assim como já estaria vagamente trazida essa associação em *Ser e tempo*. A transcendência como liberdade aponta para uma projeção, em sentido heideggeriano. Esse movimento dá-se de modo consciente através de algumas mediações no dia-a-dia do *Dasein* como leis naturais, a política, normas culturais e sociais etc. O *Dasein* apenas se projeta no mundo através desses mediadores, entretanto, no sonho, ele está livre – as mediações entram em suspensão.

Essas mediações ganham corpo no indicativo *mundo*, o qual Binswanger define pela letra de Heráclito, assim reproduzida no *Sonho e a existência*: “Os que estão acordados tem um mundo único e comum (*ena kai koinon kósmon*); o que dorme volta-se para seu próprio mundo (*eis idion apostrefe sthai*)”<sup>144</sup>. Fragmento que, de acordo com nosso pensador, é trazido a propósito da loucura.

Outros complicadores do problema da subjetividade na posição do austríaco se precipitam na *Introdução*. Aos olhos de Foucault, o sujeito freudiano reviveria nos sonhos suas

<sup>141</sup> *Introdução* (in Binswanger) D&E, vol. I, pp. 103, 104, 106.

<sup>142</sup> *Ibid.*, p. 105.

<sup>143</sup> HAN-PILE, 2016.

<sup>144</sup> FOUCAULT, 1975, p. 47.

experiências passadas e encontraria na análise a expressão do “determinismo das motivações inconscientes”<sup>145</sup>. Teríamos, como visto acima, um contraste evidente entre Binswanger e Freud, cada um com riscos e ganhos muito particulares. A partir do que se pode chamar um dos cinco casos de maior importância na obra freudiana, o caso Dora, o psicanalista teria, para Foucault, suscitado de que haveria no sonho mais do que a reencenação de experiências passadas, estas simbolizadas no presente. Contudo, ele não conseguiria superar este problema porque não considera o movimento transcendente do sujeito em sua liberdade no mundo.

Assim, numa leitura binswangeriana do sonho, o momento em que Dora apropria-se de sua solidão, no mundo de uma virilidade masculina que a ameaçava violentamente a todo o momento, é o fim de sua psicanálise – Dora assume sua solidão, o que possibilitou sua cura. Um outro aspecto da leitura de Foucault do “caso Dora” é que Freud não teria notado o fato de que ele próprio, por ser homem, teria a mesma significação e ojeriza destinada ao “Sr. K”.

Além disso, o caso Dora evidenciaria a posição do sujeito que sonha, no método freudiano. Diz Foucault que “a falha real da análise freudiana é ter visto ali uma das significações possíveis do sonho e ter querido analisá-la dentre outras como uma de suas múltiplas virtualidades semânticas”. O que suporia, ainda segundo o pensador francês, a objetificação radical do “sujeito sonhando que viria a desempenhar seu papel entre outros personagens, e em um cenário [onírico] no qual ele teria uma figura simbólica” correspondente. Ainda segundo Foucault:

O sujeito do sonho, no sentido de Freud, é sempre uma mínima subjetividade, delegada, por assim dizer, projetada e permanecida intermediária entre o jogo do outro, suspensa em algum lugar entre o sonhador e aquilo com que ele sonha. A prova é que, para Freud, esse jogo pode efetivamente, através de uma identificação alienante, representar o outro, ou que um outro personagem pode, por uma espécie de “heautoscopia”, representar o próprio sonhador <sup>146</sup>.

Em contrapartida, o sujeito do sonho para Binswanger não é uma das significações contingentes possíveis, mas “fundamento de todas as significações eventuais do sonho”, manifestando-se “como o devir e a totalidade da própria existência”. Ele é o sonho todo, em todos os seus elementos: “no sonho tudo diz ‘eu’, inclusive os objetos e os animais, o espaço vazio, mesmo as coisas mais longínquas e estranhas que povoam sua fantasmagoria” <sup>147</sup>.

Para Binswanger, o sonho põe em cena a subjetividade que faz seu relato. Sonho é presságio, no qual a doente revelaria no futuro ao seu analista o segredo que não conhece, ainda

<sup>145</sup> *Introdução* (in Binswanger) *apud* D&E, vol. I, p. 117.

<sup>146</sup> *Ibid.*, p. 108.

<sup>147</sup> *Introdução* (in Binswanger) *apud* D&E, vol. I, p. 109, 111.

que isso tenha determinado o rumo de sua existência. Foucault dirá que o detalhe numa imagem onírica designaria esse segredo. A existência expressa no sonho se faz no tempo e se projeta para o futuro, se reassumindo “no conjunto de seu devir”<sup>148</sup>.

A partir do exposto pode-se entrever que Freud e Binswanger enxergavam a doença mental de forma diversa. Trata-se, como se sabe, das posições dos dois num debate acerca das causas mesmas da doença mental, com duas correntes majoritárias que podem ser *grosso modo* assim sumarizadas: os que defendem uma causa orgânica e, outra corrente, que defendia uma natureza causal não orgânica. Somando-se a isso, Foucault, com seu *Doença mental e personalidade* (também na versão de 1962) nos traz, pelo que nos foi dado saber, uma discussão com diversos nomes dos dois lados desse debate acerca das verdadeiras causas da doença mental. Como é de larga ciência, Charcot destaca-se em nosso segundo grupo por ter enxergado com suas históricas, entre outras contribuições, a possibilidade de a doença não estar localizada numa determinada parte do corpo – concepção de grande influência no quando da entrada de Charcot nos debates<sup>149</sup>. Freud há de romper com as correntes médicas a ele contemporâneas, Charcot incluso, imputado à doença, por exemplo, a histeria, consequências psíquicas fruto de vivências traumáticas. Binswanger está ao lado de Freud em nosso primeiro grupo, apesar de atribuírem às patologias causas bem diferentes um do outro.

Da parte do suíço, no *Doença mental e psicologia*, será discutido em sua obra o papel da temporalidade e da inautenticidade na constituição da doença mental. Lá Foucault afirma que, para Binswanger, “cada distúrbio comporta (...) uma alteração específica do tempo vivido”. Haveria no doente uma perturbação da temporalidade, que seria evidenciada no caso do esquizofrênico. Diz Foucault que

o tempo do esquizofrênico é, ele também, irregular, mas é rompido pela iminência do Repentino e do Terrificante, a qual o doente só escapa através do mito de uma eternidade vazia; a temporalidade do esquizofrênico se divide, assim, entre o tempo fragmentado da angústia e a eternidade, sem forma sem conteúdo, do delírio<sup>150</sup>.

<sup>148</sup> Cf.: *Introdução* (in Binswanger) *apud* D&E, vol. I, pp. 109-110. Arriscando-nos um pouco, diríamos que o sujeito foucaultiano – se é que é possível materializar um conceito sem fazer dele uma forma universal – em suas palavras é “a cada instante fundado e refundado pela história”. O sujeito, quando trazido em suas reflexões, é sempre pensado *na* história. Se isso se deve à leitura de Binswanger ou, antes, eco da leitura de Heidegger, não cabe aqui discutir, mas apenas dizer que o sujeito retratado pela *Introdução* é o mesmo trazido cerca de vinte anos depois, em outro momento e noutra problemática FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. Tradução: Roberto Machado e Eduardo Jardim Moraes. Rio de Janeiro: Nau, 1996. p. 10.

<sup>149</sup> Os desenvolvimentos do modelo neurológico, que possibilitou a posição charcotiana, a partir dos estudos da histeria podem ser conferidos no curso *Os anormais* (2002. pp. 335-365). E sobre o debate referido: PEREZ, D. O. **A cura através da psicanálise**. 2018.(8m01s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WIVD6KaHTV4&t=95s>. Acesso em: 20.05.2018.

<sup>150</sup> FOUCAULT, 1975, p. 43.

Na aludida obra, Foucault é mais específico quanto à interferência da análise existencial no tratamento dos transtornos mentais, como a perturbação temporal da existência maníaca, na qual, a abertura constitutiva do *Menschsein* encontra-se obnubilada. Dirá Foucault: “o tempo aí torna-se, por fragmentação, momentâneo; e, sem abertura sobre o passado e o futuro, ele turbilhona sobre si próprio, procedendo ora por saltos, ora por repetições”. Chamando *fuga das ideias* tanto as repetições temáticas quanto as associações temáticas errôneas, “descontínuas e ilógicas”, de quem tem a temporalidade perturbada, à luz do suíço.

Foucault ainda traz o caso de uma doente de Binswanger – trazida também na *Introdução* – que possuía uma perturbação no *Eigenwelt*. Algo que pode ser, acreditamos, aparentado com a *suspensão no nada* do *Dasein* heideggeriano, na conferência *O que é metafísica?*<sup>151</sup>. A doente, Ellen West, num estado de angústia (também de acepção próxima ao que Heidegger considera como angústia), perde o contato com seu próprio mundo, enquanto rede de significações, não conseguindo mais inserir-se nesse mundo. West ficaria entre o desejo de voar e o de “ficar cativa numa terra lamacenta que a oprima e a paralise”. Antes de seu suicídio, 13 anos depois do início do tratamento, manifestou psicose e alguns sintomas como anorexia e indiferença afetiva<sup>152</sup>.

Seja como for, o processo patológico para Binswanger está, pelo que podemos aferir, diretamente relacionado com a relação entre o doente e seu mundo (além dos indícios apurado ao longo do presente texto, ainda temos os conceitos do suíço, constantemente trazendo a palavra *Welt* (mundo)). Tal processo, para o suíço, é o que ele chama *Verweltlichung*. Segundo Foucault, o cerne da doença estaria nessa “unidade contraditória de um mundo privado e de um abandono à inautenticidade do mundo”<sup>153</sup>.

O que contrasta com Freud. Para ele, a neurose, por exemplo, está ligada à trajetória libidinal, sendo “cada tipo de neurose é um retorno a um estágio de evolução libidinal”. “A história da libido, de seu desenvolvimento, de suas fixações”, sobre o que boa parte da obra de Freud tenta dar conta, segundo Foucault, é “como a compilação das virtualidades patológicas do indivíduo”<sup>154</sup>.

Aqui, em 1962, com o *Doença mental e psicologia*, o esforço de Foucault não será mais o de fundar uma psicologia, mas de apontar as condições históricas de emergência da patologia

<sup>151</sup> Cf.: HEIDEGGER, Martin. **Marcas do Caminho**. Tradução: Ênio Paulo e Ernildo Stein. Petrópolis: Vozes, 2008.

<sup>152</sup> Cf.: FOUCAULT, 1975, p. 46.

<sup>153</sup> FOUCAULT, 1975, p. 48.

<sup>154</sup> FOUCAULT, 1975, p. 19.

mental – e esta acreditamos ser uma mudanças mais significativas da trajetória textual de Foucault: a breve preocupação fundacionista da década de 1950 verte-se numa investigação das condições históricas de surgimento de problemas diversos, cerne das problemáticas: apenas para nomear alguns dos esforços emergenciais foucaultianos temos a psicologia, a patologia mental, a loucura, a prisão etc. Textualmente falando, a literatura especializada, comparando as obras de 1954 e 1962, aponta para o deslocamento de uma fundação antropológica para a psicologia à “raiz *histórica* da patologia mental”<sup>155</sup>.

#### 2.4 O LUGAR DA PSICANÁLISE NA PROBLEMÁTICA DA PSICOLOGIA NOS TEXTOS DE 1957: UM DIAGNÓSTICO CRÍTICO<sup>156</sup>

*A importância histórica de Freud vem, sem dúvida, da impureza de seus conceitos*<sup>157</sup>

*A psicologia só se salvará mediante um retorno aos infernos*<sup>158</sup>

Nos idos de 1957, em seus escritos, Foucault buscava evidenciar a situação da psicologia em sua época. Talvez, a primeira vez que textualmente se encontre a expressão *a priori histórico* – o principal trazido no *A pesquisa científica e a psicologia* – que, no tocante à problemática da psicologia, é a possibilidade de ela ser ou não científica, o que para nosso autor, encontra solução no andamento da própria pesquisa no campo psicológico. Assim, uma vez que esse texto detém-se numa análise crítico-descritiva e conjuntural da disciplina, o segundo texto do período, *A psicologia de 1850 a 1950*, investiga em análises teóricas, linhas epistemológicas obsoletas em vigência na psicologia. No primeiro, a análise é desenvolvida a partir de posições de vivência em psicologia, com análises amplas a diversos setores da disciplina, posições essas enxertadas com a ironia e sarcasmo por vezes excessivo, característicos de alguns textos futuros (o que denotaria a nosso ver, no quando de 1957, um certo desdém de nosso filósofo por seu campo de formação e atuação); o segundo texto deixa um pouco de lado esse estilo irônico crítico-descritivo e examina teorias em vigor, ainda em seu tempo, que considera nocivas à psicologia (“há menos de 50 anos”, “sob a forma de um certificado de licenciatura” e

<sup>155</sup> RIBAS, 2011, p. 27 (itálico do texto).

<sup>156</sup> Os textos analisados serão: *A pesquisa científica e a psicologia* (1957) e *A psicologia de 1850 a 1950* (1957). Ambos redigidos em 1953 (cf.: RIBAS, 2011, p. 51).

<sup>157</sup> *A psicologia de 1850 a 1950 in D&E*, vol. I, p. 141.

<sup>158</sup> *A pesquisa científica e a psicologia in D&E*, vol. VII, p. 123.

impregnada pela chamada por Foucault, “mitologia positivista”, com a tentativa de ser reabsorvida pela filosofia)<sup>159</sup>.

N’A *pesquisa científica e a psicologia* Foucault aponta para os esforços teóricos vigentes – em “universidades provincianas”, a partir de “importantes idosos”, “com probidade” e “jalecos brancos” – que consistiam enquadravam a psicologia em um positivismo e naturalismo; em contrapartida, o esforço prático seria o de trabalhar pelo nascimento de uma psicologia experimental.

Na prática, o dilema da psicologia – analisada no nível de suas instituições, formas cotidianas e dispersão de seus trabalhos – à época está abaixo resumido pelo próprio Foucault: “em psicologia, a pesquisa não é científica de pleno direito, ou, mais exatamente, suas formas concretas não se articulam por si mesmas no horizonte de uma ciência que se determinaria por seu próprio movimento como pesquisa”. Ou seja, sua cientificidade deve ser autoatribuída, não precisando, por exemplo, de legisladores externos que se coloquem à tarefa dogmática de identificar a verdadeira psicologia e a falsa psicologia<sup>160</sup>.

Dos diversos agrupamentos de pesquisa em psicologia que recebem patrocínio universitário e de diversos ministérios (enfileira Foucault: saúde pública, educação nacional e trabalho), apenas um mantém independência dos demais: a Sociedade Francesa de Psicanálise. Foucault mostra o paradoxo da psicanálise que, tendo dado à psicologia “vida e significação” (legando-lhe um certo “número de temas e diversidade de ideias experimentais”), à época permanecer marginal e em contradição com as formas vigentes de pesquisa. E, além disso, a psicanálise só poderia ser exercida por médicos – mesmo não sendo ensinada nas faculdades de medicina. Um certo mérito, diga-se, é dado por Foucault à *Sociedade Francesa de Psicanálise* (à qual, Lacan filia-se 4 anos antes, em 1953), por, entre outros aspectos, manter-se fora da influência de uma regulamentação estatal<sup>161</sup>.

Essa independência em relação às pesquisas em psicologia é apenas aparente, completa ele. A relação entre a pesquisa em psicologia e a pesquisa em psicanálise pode ser vista com mais clareza caso tomemos um texto de 1978<sup>162</sup>. Falando sobre Kant e o Iluminismo e formas de resistência a formas de governo, evidentemente noutro contexto e

<sup>159</sup> *A pesquisa científica e a psicologia in D&E*, vol. VII, pp. 115-117.

<sup>160</sup> *Ibid.*, pp. 116,-117.

<sup>161</sup> cf.: *A pesquisa científica e a psicologia in D&E*, IV, p. 119.

<sup>162</sup> Trata-se do texto *O que é a crítica?* ou *Crítica e Aufklärung*, prelecionado em 1978, na *Sociedade francesa de filosofia*. Cf.: “What is Critique?”. In: SCHMIDT, James (ed.). *What is Enlightenment?* Eighteenth-Century Answers and Twentieth-Century Questions. Berkeley and Los Angeles: University of California press, 1996. pp. 382-398.

movido por outros interesses, Foucault falará de contracondutas enquanto respostas ao “comportamento” vigente, numa determinada cultura. O que consiste grosseiramente no seguinte: uma forma de resistência às condutas impostas que não implicaria a completa falta de tutela, mas a não aceitação das formas de tutela impostas, implicando diretamente, em nossa leitura, na criação de novas formas de guia ou governo. Analogamente, reservadas as abissais diferenças contextuais, temos na psicanálise essa espécie de contraconduta na ciência psicológica tutelada pelo Estado, no quando de 1957: enquanto a psicologia institucional implica na aplicação de modelos ultrapassados, a psicologia experimental e marginal na forma da psicanálise perseguirá novas formas de cientificidade.

As pesquisas em psicologia surgiram na França fora da psicologia oficial, em afrontamento. Ainda de acordo com Foucault, esse seria o movimento mesmo da pesquisa em relação à ciência constituída: digamos, invadindo um saber, mais do que o constituindo, encaminhando-o ao seu fim – com ressalva, de acordo com o texto às particularidades desse processo em cada ciência, como na biologia, por exemplo.

Isso faz com que haja um deslocamento em relação à ciência instituída, que passa de horizonte problemático da pesquisa para tornar-se objeto polêmico de investigação. O que é bem ilustrado no impacto dos resultados das pesquisas que deram origem ao inconsciente na psicologia da consciência: o que era claro e transparente, torna-se límpido como o breu da noite e, implodida por dentro, a psicologia da consciência terá de passar a uma psicologia do inconsciente. Dirá nosso pensador:

De um modo mais preciso, a descoberta do inconsciente transforma em objeto da psicologia e tematiza em processos psíquicos os métodos, os conceitos e, por fim, todo o horizonte científico de uma psicologia da consciência. À luz dessas pesquisas, esta aparece como uma conduta de defesa contra o inconsciente, como recusa em reconhecer que a vida consciente é dominada pelas ameaças obscuras da libido, em suma como *reflexão censurada*<sup>163</sup>.

Na sequência do texto, Foucault remete tanto à formação precária de um licenciado em psicologia, quanto ao déficit teórico em outras áreas do conhecimento (por exemplo, a psiquiatria na França de sua época, que ignorava pelo menos 50 anos de contribuições produzidas na Inglaterra, Alemanha e Estados Unidos). Cabe, como que para não faltar, uma crítica ao saber de Freud. Diz Foucault, que o ensino da psicanálise tanto na França quanto em outros países dava-se de modo “rudimentar e esotérico”, dado pela *Sociedade de Psicanálise*. Isso daria lugar à peculiaridade da função do juiz da *Sociedade*: é psicanalista não o que conclui

---

<sup>163</sup> *Ibid.*, p. 121.

determinado tempo de estudos, que cobriu determinada bibliografia; é psicanalista aquele que é designado pelo juiz.

Temos, destarte, o mérito de Freud ter colocado à psicologia a figura incontornável do inconsciente e, por outro lado, diríamos, o determinismo do *homo natura*. Noção que nesse texto figura na “projeção de todo o espaço as relações sociais e afetiva no plano das pulsões libidinais”, e a experiência, mais uma vez sendo decifrada em termos de mecânica e dinâmica: uma flagrante continuidade com “toda a pesquisa psicológica”. Em outras palavras, temos aqui uma leitura binswangeriana de Freud nos termos do *homo natura*, do qual foi falado na *Introdução*. Em nossa leitura, é desse conceito que Foucault fala quando refere-se à ilusão de uma “posição naturalista”, à qual a ideia da psicologia de inspiração fenomenológica vem a contrapor com o indicativo do *esquecimento do sentido*. Diríamos que não se trata de inserir as patologias mentais no cálculo libidinal (visão naturalista, atribuída à Freud), mas o de colocar para o tratamento do doente a relação entre existência e sentido (posição defendida pela análise fenomenológica).

O escândalo não reside no fato de o amor ser de natureza ou de origem sexual, o que fora dito antes de Freud, mas, sim, no fato de que, por meio da psicanálise, o amor, as relações sociais e as formas de pertença inter-humanas apareçam como o elemento negativo da sexualidade, uma vez que ela é a positividade natural do homem<sup>164</sup>.

A natureza, assim, arremata o jovem Foucault, será a negação da verdade do homem, constituindo a condição de possibilidade de toda a pesquisa psicológica<sup>165</sup> – vê-se ao longo do texto que a preocupação de Foucault não é a de conferir um estatuto à psicanálise ou, muito menos, que a psicanálise é sua preocupação central. Do contrário: há uma preocupação crítica constante acerca da relação entre a psicologia teórica e as pesquisas em psicologia – o que evidenciaria uma crise da psicologia não por sua idade, mas uma crise “existencial”. E se, no texto, as pesquisas em psicanálise surgem com pouquíssimas menções em relação à problemática principal, é para uma comparação com a pesquisa em psicologia, objeto do texto.

Há uma passagem truncada no texto acerca do cenário anterior a Freud e um cenário depois de Freud que não conseguimos compreender e, por esse motivo, encontra-se fora de nossa reconstrução crítica. Apenas gostaríamos de comentar, examinando, mesmo que de sobrevo, as correntes em psicologia, que não parece acurada a afirmação de nosso jovem pensador segundo a qual a reviravolta freudiana (a natureza como negação à verdade do

<sup>164</sup> A pesquisa científica e a psicologia in D&E, vol. VII, p. 120.

<sup>165</sup> cf.: *Ibid.*, p. 137; RIBAS, 2016, p. 51.

homem) é incontornável (ou, em suas palavras, “condição de possibilidade de toda pesquisa psicológica”). Nos atemos a dizer que o a psicologia cognitiva e o behaviorismo têm muito a discordar do jovem Foucault.

Entretanto, se mudarmos a ótica de “fenomenológica” (aqui como sinônimo de leitura da realidade mesma, no caso, em psicologia) para a *normativa*, à luz de Eribon e Whitebook, podemos “salvar” o jovem Foucault: as psicologias devem atentar para as contribuições freudianas para uma reforma epistêmica. Leitura esta que seria contrária, por exemplo, a de Ribas<sup>166</sup> que enxerga esse trabalho não como uma alternativa de refundação da psicologia, mas como a impossibilidade de seu edifício teórico, por problemas basilares<sup>167</sup>.

A preocupação foucaultiana seria, no aludido texto, fundacional. De acordo com nossa leitura, se olharmos pela ótica normativa, a vocação da psicologia é infernal (“A psicologia só se salvará mediante um retorno aos infernos”) – o que foi esquecido pela psicologia vigente à época; a psicologia deveria, destarte, abandonar o mito da positividade para uma descida aos infernos, às “dimensões da negatividade do homem”, o que seria o esforço freudiano, sintomatizado ao resgatar de Virgílio para o prólogo de seu *Traumdeutung o Flectere si nequeo superos, Acheronta Movebo...* (algo como “se não posso mover os céus, me dirigirei aos infernos”, em alusão, como largamente se sabe, ao inconsciente). Porquanto Foucault termina o texto *A pesquisa científica e a psicologia* como que para aludir à necessidade de reconhecimento e endosso da metapsicologia freudiana e à conclamar as diferentes psicologias a, em certo sentido, beber do cálice freudiano.

Já no tocante ao texto *La psychologie de 1850-1950*, Foucault percorrerá diversas teorias em psicologia, acabando por inserir a psicanálise num capítulo da psicologia. O cerne aqui é o endosso acrítico pelo psicanalista austríaco das muitas influências naturalistas, preconceitos metafísicos e mitos do evolucionismo, previamente dispostos nas mais diversas correntes da psicologia.

Analisando o desenrolar da psicologia depois do *Aufklärung*, Foucault evidencia seu empenho em encontrar no homem o prolongamento das “leis que regem os fenômenos naturais”, bem como de características comuns entre homens e animais – além do desenvolvimento de um verdadeiro corte epistêmico na psicologia, através de mudanças

---

<sup>166</sup> RIBAS, 2011.

<sup>167</sup> Nos reservamos à análise mais detalhada da psicologia no texto foucaultiano num outro momento.

“paradigmáticas”<sup>168</sup>. Se, por um lado, a psicologia anterior a 1850 se ocupava em aderir aos métodos das ciências naturais, explorando o prolongamento dessas leis naturais no homem, a psicologia posterior a 1850 abandonará gradativamente os métodos das ciências da natureza – seguindo o texto, não tardou a esse tipo de desenvolvimento mostrar-se inapto para a análise do ser do homem. Diz Foucault:

Ora, foi o destino dessa psicologia, que se queria conhecimento positivo, apoiar-se sempre em dois postulados filosóficos: que a verdade do homem está exaurida em seu ser natural e que o caminho de todo conhecimento científico deve passar pela determinação de relações quantitativas, pela construção de hipóteses e pela verificação experimental<sup>169</sup>.

Desse modo, a matematização, ou seja, a busca incansável do rigor e exatidão positivos das ciências naturais, em embate com os postulados filosóficos marcaram toda a história da psicologia. Com a retirada do aspecto essencial, comunal do homem com a natureza, o que caracterizava o ser do homem como constitutivamente um ser na natureza, ou seja, não dela dissociado, a psicologia se impôs como ciência através de uma nova concepção de homem, numa reformulação *total*. O que consistiria também, de acordo com o texto, o abandono gradual dos postulados filosóficos, outrora endossados para legitimar sua existência enquanto ciência. Com essa guinada, o foco será na produção humana de sentido e significado. O primeiro ocupará também a atenção de Foucault, como se pôde ver, na *Introdução* a Binswanger, mais especificamente, ele investigará onde os sentidos se manifestam e como interpretá-los.

Foucault mostrará como essas mudanças epistêmicas não se deram ao sabor do acaso. Com essa mudança de status do *objeto homem*, como não sendo da “ordem da natureza”, somada às transformações no tecido social que o séc. XIX inaugura, fizeram-se nascer na psicologia os mais diversos empreendimentos a partir dos problemas da contradição humana: a psicologia do desenvolvimento, nasce da reflexão sobre a interrupção do desenvolvimento<sup>170</sup>; psicologia da adaptação, dos fenômenos da inadaptção e assim por diante. Numa espécie de prévia às avessas da heterologia de Bataille, vê-se sucessivamente na psicologia, nessa busca

<sup>168</sup> Não é uma expressão do texto. Sabendo de como o conceito está carregado do pensamento de Kuhn, seu uso aqui não é trivial. O sentido kuhniano de *paradigma* aqui é perfeitamente cabível nesse caso: houve de fato uma mudança de paradigma na psicologia, com o início das pesquisas acerca do *sentido* e o novo solo teórico que disso nasceu. Há mais de uma dezena de artigos que buscam aproximar Kuhn e Foucault. Em vida, Foucault afirma que leu Kuhn antes de 1965 e que as similitudes entre eles residem não de sua interpretação de Kuhn, mas da influência de Canguilhem para as trajetórias intelectuais de ambos (cf. *Foucault responde* (1971) in D&E, vol. X, p. 80).

<sup>169</sup> *A psicologia de 1850 a 1950* (1957) in D&E, vol. I, p. 133.

<sup>170</sup> A psicologia do desenvolvimento hoje, *grosso modo*, busca o estudo das etapas do desenvolvimento humano na infância, adolescência, e vida adulta, com a intersecção entre vida biológica e sociocultural. Buscando desvencilhar-se desse passado, e da consideração essencialista do homem, busca estabelecer as especificidades de cada etapa do desenvolvimento humano, tendo como constante o homem como ser biopsicossocial (cf.: CARVALHO, 2013).

da diferença específica do novo objeto homem, o desenrolar de um saber a partir da transgressão à norma – Bataille, de grande influência a Lacan e a Foucault, desenvolveria posteriormente sua obra a partir dos elementos expurgados da sociedade ocidental para a compreensão de como ela funciona.

Dirá Foucault que “pode-se dizer que a psicologia contemporânea é, em sua origem, uma análise do anormal, do patológico, do conflituoso, uma reflexão sobre as contradições do homem consigo mesmo”. Configura-se assim, na psicologia, seguindo a sequência do texto, o intuito de dominar as contradições do homem e o transformar-se dela “em uma psicologia do normal, do adaptativo, do organizado”<sup>171</sup> – defesa e reconstrução feita, também, no texto *A pesquisa científica e a psicologia*<sup>172</sup>

Foucault descreve os vários modelos que deixaram marcas na psicologia, mostrando como cada um deles a influencia, grosso modo, em algumas de suas correntes, a abandonar o empreendimento de alinhar a comunidade entre o homem e os animais – são essas correntes os modelos físico-químico, orgânico e evolucionista. Todos com a sombra influente do positivismo, até a descoberta do sentido, no final do século XIX, por caminhos diversos. Caberá à psicologia “tomar o homem não no nível desse denominador comum que o assimila a todo ser vivente, mas no seu próprio nível, nas condutas *conduites*”<sup>173</sup> nas quais se exprime, na consciência em que se reconhece, na história pessoal através da qual ele se constitui”<sup>174</sup>.

Fazendo, assim, segundo Foucault, um abandono gradual de enunciados universais comuns entre homem e natureza – percorrendo caminhos que passam, em geral, pelas diretrizes de Newton, Lavousier, Bain e Darwin, além de correntes naturalistas e evolucionistas, e que ainda não são refletidas internamente a sério “até hoje” (idos de 1950). Perseguindo a realidade humana em suas especificidades e, principalmente, em relação às significações das condutas e produções humanas, no enalço de seus desvios.

<sup>171</sup> *A psicologia de 1850 a 1950* (1957) in D&E, vol. I, p. 135.

<sup>172</sup> Cf.: *Ibid.*, pp. 131-132.

<sup>173</sup> Conduta aqui reporta-se ao sentido ordinário, um pouco distante do papel que ocupará a acepção do final da década de 1970, quando Foucault tematizará Kant, Aufklärung, contraconduta ou atitude crítica. Lá conduta tratar-se-á do hegemônico, imposto de fora, em relação à qual emergirão as contracondutas a desafiar o estabelecido, o tomado por legítimo – diríamos que a atitude crítica ou contraconduta move-se em direção a uma autocrítica do sujeito, acerca dele mesmo e das normas que segue. A pauta das condutas, presente nos trabalhos de Foucault da década de 1970, aparece já na *História da loucura*, na descrição da loucura como o outro da conduta regular, um mergulho no que pode haver de outro moralmente aceito, socialmente reconhecido, possibilitado de circular, razoável, o legítimo enquanto verdadeiro. Como se sabe, o foco do livro não é o de reconstruir a história da psiquiatria, mas trata de suas condições de possibilidade. Machado (2007, p. 54) nos lembra que Foucault não vai além do séc. XIX. Cf.: ADVERSE, 2010; Foucault *What is critique?* apud. SCHMIDT, (org.); FOUCAULT, 2008; 2007a.

<sup>174</sup> *A psicologia de 1850 a 1950* in D&E, vol. I, pp. 138-139.

É possível traçar com o que temos acima algumas diferenças entre o surgimento da psicanálise dentro de uma modificação interna na ordem do saber e o surgimento, em 1976, da psicanálise a partir de práticas sociais e biopolíticas.

O tratamento da psicologia no texto que ora nos debruçamos, não possui paralelos. Nos referimos a Foucault tematizar a psicanálise como ele aqui o fez com a psicologia: com preocupações epistêmicas, numa análise ao *corpus* freudiano, analisando aspectos teóricos pertinentes à problemática da psicologia. Uma vez expondo o texto os caminhos através dos quais a psicologia chega aos dias de hoje (no quando de 1957), depois de ter passado pelas sedução de rigor positivo das ciências naturais, é apresentado por Foucault como ela mantém resquícios do momento de transição e de outros momentos de sua história. Nessa linha, em nossa leitura, o texto convida quem se ocupa em psicologia a desenvolver uma autocrítica da psicologia, segundo Foucault, ainda não realizado o passar a limpo do passado e dos preconceitos dele trazidos – sendo boa parte endossados pela psicanálise, como será visto na sequência.

Nos detenhemos por um instante no alinhamento proposto por Foucault entre Janet, Dilthey, Husserl, Freud<sup>175</sup>, Jaspers e Binswanger. Segundo Noto:

(...) o que faz Husserl? Husserl quer *compreender* “[...] o sentido imanente à experiência vivida” [...]. E Freud? Freud está igualmente preocupado em compreender a gênese de uma significação; não pretende *explicar* a doença mental a partir de uma análise causal do funcionamento do corpo humano, mas *compreendê-la* como produção de sentido (grifos da autora)<sup>176</sup>.

Aqui parece haver, no mínimo, uma mudança de perspectiva em relação à Freud se compararmos o artigo de 1957 com a *Introdução*, num ponto específico: se na *Introdução* Foucault endossa o diagnóstico de Binswanger em relação à Freud na ideia do *homo natura*, aqui a questão do reducionismo biológico de Freud não mais aparece como um problema. Do contrário, como se pode ver na citação, Freud não buscava um entendimento da doença em termos biológicos, mas na produção mesma de sentido.

Segundo Foucault, em análise profunda à questão, os preconceitos endossados por Freud são trazidos por tabela através da ideia de significação. Foucault demonstra, de acordo com as referências a Freud ao longo do texto, que não se ateve apenas à leitura de seus primeiros

<sup>175</sup> Freud, dentre esses, é o único que aparece com largas referências de sua produção ao longo do texto. Principalmente, em extensa nota de rodapé (*A psicologia de 1850 a 1950 in D&E*, vol. I, p. 141, n. 14).

<sup>176</sup> NOTO, 2016, p. 60. O trecho encontra outra formulação mais sucinta no texto da autora do ano seguinte: O deficit ontológico da psicanálise: Foucault leitor de Hyppolite. **doispontos**., Curitiba, São Carlos, volume 14, número 1, p. 145-157, abril de 2017. Neste é trazida a dívida de Foucault com Hyppolite, repetindo sem citar – como Lacan fazia – em seus textos da década de 1950, as ideias do mestre.

escritos, percorrendo, por exemplo, textos considerados tardios, de 1920 (*Além do princípio do prazer*), de 1923 (*O eu e o Id*) e de 1933 (*Novas conferências de introdução à psicanálise*). O que nos coloca imediatamente uma suspeita em relação a determinadas críticas sofridas por Foucault, cujo cerne é a afirmação que ele ateve-se *unicamente* aos primeiros textos de Freud, ignorando por completo os desenvolvimentos presentes, principalmente – se seguirmos a crítica de Derrida (1998) – no texto de 1920, *Além do princípio do prazer*<sup>177</sup>.

O que parece escapar às críticas como as de Derrida é, justamente, a consideração dos textos da década de 1950 – em especial, o de 1957. Isso somado ao silêncio de Foucault quanto às suas fontes e à ojeriza à filosofia acadêmica, tal como praticada na França. Além da, diga-se pelo tempo na resposta, a nítida falta de interesse no debate com Derrida – que já levanta objeções ao *Folie e dèraison*, no tocante ao papel de Descartes e da psicanálise no livro, respondidas por Foucault, mas não indo esse debate além disso – que vão em direção contrária à afirmação de ignorância em relação aos textos freudianos tardios, imputada comumente às leituras que Foucault fez de Freud. Poderia ter sido imputado a Foucault um equívoco interpretativo ou um lapso desse ou daquele aspecto do texto. Mas o que se imputa a ele (nomeie-se, a primeira crítica de Derrida) é a não consideração do período tardio da obra freudiana, o que tem pouco respaldo, se considerarmos a produção de 1950.

Na sequência do texto temos uma análise teórica acerca das novidades freudianas, da qual é tirado o que nos interessa aqui – qual seja, a ideia geral do texto, de tornar visíveis as implicações da descoberta do sentido para a psicologia e psicanálise.

## 2.5 A RECEPÇÃO FREUDIANA DA NOÇÃO PSICOLÓGICA DE SENTIDO E O PAPEL DAS SIGNIFICAÇÕES NA TERAPIA

Diante da nova empreitada da psicologia com a descoberta do sentido, Freud também se lança a uma análise das condutas. Em relação a este tópico, para Foucault, o interesse do austríaco não é uma sorte de classificação distributiva – são e histérico; voluntário e involuntário; “conduta normalmente organizada” e comportamento patológico. O *sentido* é a preocupação maior de Freud: não importando a conduta que o indivíduo expresse, todas têm um sentido, mesmo onde ele não esteja manifesto, como no caso das aparentes incoerências do sonho, nas quais o sentido está oculto. Nesse caso a tarefa terapêutica da interpretação dos

---

<sup>177</sup> Grace (2013) desenvolve ligeiramente esse problema

sonhos e sintomas procura “modificar essa modalidade do sentido”. Disso implica, de acordo com Foucault, que não estariam justapostos a consciência e o inconsciente, as duas instâncias seriam modalidades de uma mesma significação. A paralisia histérica, por exemplo, tem o sentido da ação recusada, enquanto numa ação intencional o sentido está na ação projetada<sup>178</sup>.

Quando expõe o segundo interesse da terapêutica freudiana, referindo-se este às significações, tanto as imanentes à conduta como as escondidas na consciência, Foucault destaca os traumatismos – quando há uma negação de acesso a determinado objeto e esse objeto torna-se lugar de insatisfações e conduta neurótica. Quadro no qual os registros atuais da experiência não ultrapassam as significações antigas, tendo dificuldades de integração. De acordo com a reconstrução crítica foucaultiana, instaura-se um conflito de ambiguidade entre passado e presente, “entre o atual e o inatual, o imaginário e o real, o amor e o ódio”. Será função da terapia a redescoberta das significações passadas da conduta presente<sup>179</sup>.

A conduta, portanto, diz Foucault, tem um sentido passado e um atual. Quando se diz que “um sintoma reproduz simbolicamente um traumatismo arcaico”, quer dizer que o presente se engaja em luta dialética para não ser invadido totalmente pelo passado, recalçando-o no inconsciente; o que projeta na atualidade os fantasmas do passado, prossegue Foucault:

Ele [o presente] transpõe seus temas para níveis de expressão reconhecidos e válidos (é a sublimação); em suma, ele erige todo um conjunto de mecanismos de defesa que a cura psicanalítica tem o encargo de girar reatualizando as significações do passado pela transferência e pela ab-reação<sup>180</sup>.

Aqui a ideia de cura não é problematizada como será na década de 1970, na analítica do poder. Ela será colocada, na sequência do texto de 1957, como o estabelecimento de uma tensão normal na dialética do presente e do passado, a fim de resolver a contradição neurótica. A cura psicanalítica, então, consiste em dirimir estados de contradição neurótica, sendo trabalho do terapeuta ampliar e abrandar os mecanismos de defesa, num jogo de satisfação e frustração.

A dialética acima mencionada, sempre segundo Foucault, exprime o conflito entre “as formas individuais de satisfação e as normas sociais de conduta” – o presente é instância social ou conjunto de normas que endossa ou invalida determinadas formas de conduta. Ou ainda, como diz Freud, o conflito entre o “id” e o “superego”, sendo o palco desse conflito, “o ego”, “com mecanismos de defesa”<sup>181</sup>.

<sup>178</sup> *A psicologia de 1850 a 1950 in D&E*, vol. I., p. 139.

<sup>179</sup> *Ibid.*, p. 142.

<sup>180</sup> *A psicologia de 1850 a 1950 in D&E*, vol. I, p. 143.

<sup>181</sup> *Ibid.*, p. 148.

Seguindo com o texto, Foucault explora rápida e densamente na sequência algumas vertentes da psicologia em sua relação com o sentido e das significações objetivas. Freud surgirá aqui novamente sendo discutida a relação em sua obra entre conduta e instituições. São exploradas as múltiplas formas de behaviorismo além de uma série de autores, passando por Watson, Wallon e Piaget. Freud, com intenção afim com Janet e Blondel, tentou destacar a ligação de essência entre as condutas individuais e a objetividade das significações sociais. Diz Foucault que ““conduzir-se” só pode ter sentido em um horizonte cultural que dá à conduta sua norma (...), o tema, enfim, que a orienta (...)”<sup>182</sup>.

Depois de uma reflexão sobre o estatuto da psicologia e seus possíveis passos para resolver suas contradições (além da constatação de um movimento interno contrário, consistindo ele em reforçar essas contradições de modo a justificá-las), Foucault fala de duas tentativas de ultrapassagem à psicologia: com um parágrafo cada, uma brevíssima consideração à cibernética e sua tentativa de conhecer o comportamento humano e os esforços de Binswanger e Kunz preocupados em uma “análise da existência humana em suas estruturas fundamentais”.

---

<sup>182</sup> *A psicologia de 1850 a 1950 in D&E, vol. I, p. 148.*

### 3 A PSICANÁLISE NA “ARQUEOLOGIA”: A PERSISTENTE AMBIVALÊNCIA DO PAPEL DE FREUD

#### 3.1 A *PRIORI* HISTÓRICO E EPISTEME (*ÉPISTHÈMÈ*)<sup>183</sup>

*Numa cultura e num dado momento, nunca há mais que uma episteme, que define as condições de possibilidade de todo saber. Tanto aquele que se manifesta numa teoria quanto aquele que é silenciosamente investido numa prática*<sup>184</sup>.

Nesta breve paragem metodológica percorreremos os desenvolvimentos de duas das principais ferramentas metodológicas da obra de Foucault, utilizadas (se olharmos a primeira, como já visto, é utilizado já em 1957) desde a década de 1960 até a de 1980. É salutar dizer que eles não são conceitos permanentes, mantidos rigidamente durante toda a trajetória de nosso filósofo. O rearranjo terminológico-conceitual e a autocrítica, como deve ficar patente no decorrer do presente trabalho, são características marcantes de seu pensamento.

O tratamento de Foucault ao conceito husserliano de *a priori histórico*, em relação ao seu *mundo da vida* histórico (“fundamento de toda a nossa atividade e horizonte externo da intencionalidade”), tem acolhimento entre os círculos dos estudiosos do pai da fenomenologia. Hemberg, em seu *A Fenomenologia de Husserl*, por exemplo, defenderá que o conceito, que não encontra-se desenvolvido na *Crise da ciência europeia e a fenomenologia transcendental* (1936), encontra em Foucault uma elucidação – e em Wittgenstein<sup>185</sup>, do mesmo modo, pelo conceito análogo à *episteme* e *a priori histórico*, chamado *imagem do mundo*. Hemberg afirma que *n’As Palavras e as coisas* Foucault argumenta tratar-se o *a priori histórico* de estruturas variáveis que formam as condições de possibilidade de nossa experiência, “em cada período histórico ou epistemológico”. *Histórico*, aqui, retira a *necessidade* que acompanha o *a priori* em Kant, para citar um caso – *histórico* indicará mutabilidade<sup>186</sup>.

<sup>183</sup> Segundo os comentadores, notadamente Castro (2016) e Revel (2011), e algumas entrevistas do próprio Foucault, a noção de episteme vai ser modificada já n’*A arqueologia do saber*, de 1968, e sofrerá constante mutação, sendo englobada pela noção de *dispositivo* (*dispositif*) e, posteriormente, pela de *práticas* (que tem como subcapítulo 1980, as práticas de si) – nos termos de Foucault, *épisthème* é um tipo de dispositivo discursivo, e dispositivo é uma prática.

<sup>184</sup> FOUCAULT, 2000, p. 230.

<sup>185</sup> WITTGENSTEIN, Ludwig. **Da certeza**. Tradução: Maria Elisa Costa. Lisboa: Edições 70, 1998. p. 42.

<sup>186</sup> HEMBERG, Kevin. **Husserl’s Phenomenology: Knowledge, Objectivity and Others**. Nova York: Bloomsbury Academic; 1 edition, 2007. pp. 131-132.

Episteme é definida no prefácio *d'As palavras e as coisas* como um campo epistemológico. Foucault demarca aqui a especificidade de seus esforços com a arqueologia, não indo nos trilhos da epistemologia com a investigação da racionalidade ou validade de postulados científicos. Mas numa busca pelas condições de comunidade conceitual entre saberes de determinada época e onde esses saberes encontram um solo, a partir do qual passa a dar frutos. Ele deixa claro que não se trata também de um endosso de qualquer teleologia, mas de busca das condições de certa harmonia dos saberes de uma época precisa e a trajetória dessa, digamos, “estrutura”. Assim, episteme é um campo

onde os conhecimentos, encarados fora de qualquer critério referente a seu valor racional ou a suas formas objetivas, enraízam sua positividade e manifestam assim uma história que não é a de sua perfeição crescente, mas, antes, a de suas condições de possibilidade; neste relato, o que deve aparecer são, no espaço do saber, as configurações que deram lugar às formas diversas do conhecimento empírico. Mais que de uma história no sentido tradicional da palavra, trata-se de uma “arqueologia”<sup>187</sup>.

Grosso modo, episteme aponta para o conjunto de relações que articulam diferentes tipos de discurso numa determinada cultura, numa determinada época; trata-se também da relação entre discursos científicos nos setores da ciência<sup>188</sup>. Episteme, dessarte, refere-se ao conjunto de condições de possibilidade para que um objeto apareça como objeto do conhecimento. Assim, a episteme da Renascença, a da Idade Clássica e a da Modernidade são solos epistemológicos e panos-de-fundo históricos distintos.

Sobre o significado de *a priori*<sup>189</sup> histórico, diz Miranda:

Por *a priori histórico* Foucault entenderá as condições históricas de possibilidade dos enunciados, suas condições de emergência, as leis de coexistência com outros enunciados, segundo suas formas específicas, pelas quais eles são substituídos, transformados ou eliminados – ou seja, diz respeito às condições de possibilidade dos saberes em determinada época<sup>190</sup>.

Nessa linha, dirá Foucault, em relação à loucura:

Acostumamo-nos agora a ver na loucura uma queda num determinismo onde se abolem progressivamente todas as formas da liberdade; ela só nos mostra agora as regularidades naturais de um determinismo, com o encadeamento de suas causas e o movimento discursivo de suas formas, pois a única ameaça que a loucura faz ao homem moderno é esse retorno ao mundo tépido dos animais e das coisas, a sua liberdade impedida. Não é neste horizonte da *natureza* que os séculos XVII e XVIII reconhecem a loucura, mas sobre um

<sup>187</sup> FOUCAULT, 2000, pp. XVIII-XIX.

<sup>188</sup> Cf.: FOUCAULT, 2001b, p. 1239 *cit. Loc.* MIRANDA, 2013, p. 253.

<sup>189</sup> O termo *a priori* é utilizado nas obras das décadas de 1950 e 1960 sem uma definição. Indicam, todavia, parentesco com o sentido kantiano, de condição de possibilidade de algo.

<sup>190</sup> MIRANDA, 2013, p. 258.

fundo de *desatino*; ela não desvenda um mecanismo; revela antes uma liberdade que se abate sobre as formas monstruosas da animalidade<sup>191</sup>.

São conceitos complementares, portanto. O *a priori* histórico das ciências humanas, trazendo para o problema d'*As palavras e as coisas*, é essa condição dupla do homem enquanto sujeito e objeto do conhecimento. A preocupação com o *a priori* histórico é de “assinalar como [ele] define o modo de ser dos objetos no campo do saber”<sup>192</sup>. Cada um desses períodos, chamados por Foucault de *a priori históricos*, é pano de fundo onde a arqueologia opera de acordo com o objeto-problema, sobre o qual se debruça<sup>193</sup>. Destarte, ainda segundo Miranda:

Se, por exemplo, a Idade Clássica tem como *a priori* histórico um saber caracterizado pelo princípio da ordenação, no qual a representação não está livre da representação, o homem, como esse duplo empírico-transcendental, produto da emergência das ciências empíricas e de uma nova filosofia, será o *a priori* histórico do surgimento das ciências humanas, de um saber sobre o homem<sup>194</sup>.

Na prática, temos os dois conceitos conjugados do seguinte modo: considere-se os seguintes saberes e objetos respectivos: a biologia, com a vida; a economia, com o trabalho e a filologia, com a linguagem, cuja característica em comum é a tematização do homem empiricamente, não mais enquanto representação, mas como um objeto do saber. O homem, antes do surgimento da tematização da vida, do trabalho e da linguagem, não existia. Analogamente à diferença de mundos epistêmicos que nos oferece *O nascimento da clínica*, de 1963: os tratados de medicina de 1780 e os de anatomia patológica de 1820 são acerca de dois mundos diferentes – o segundo mundo não existia em 1780.

Diante disso, disse Foucault que o seu

problema era saber quais eram os grupos de transformações necessárias e suficientes no interior do próprio regime dos discursos para que se pudessem empregar estas palavras e não aquelas, este tipo de análise e não aquele, que se pudessem olhar as coisas sob um ângulo e não sob outro<sup>195</sup>.

O saber moderno com o homem assinala uma forma de objeto que o pensamento clássico não conheceu, ainda que tenha tematizado o corpo e o espírito humanos. Na modernidade o homem não é mais abordado enquanto finito num pensamento de infinitude, mas é tematizado num saber finito, explorando-se em relação a ele, segundo Foucault, “formas concretas da

<sup>191</sup> FOUCAULT, 1978, p. 178. Itálicos do texto.

<sup>192</sup> Cf.: MIRANDA, 2013, p. 258.

<sup>193</sup> Segundo Candiott (2006, p. 67), “não estamos diante de uma filosofia do objeto, mas da análise da constituição histórica de articulações que fazem emergir, transformar ou desaparecer esse ou aquele objeto”.

<sup>194</sup> MIRANDA, 2013, p. 257.

<sup>195</sup> *Sobre a história da sexualidade in Microfísica do poder*, p. 385.

experiência finita”. O início do séc. XIX, portanto é o palco no qual o homem descobre-se como “sujeito de conhecimento finito”<sup>196</sup>.

Segundo Foucault, Kant aqui tem protagonismo com a ideia do condicionamento do conhecimento dos objetos ao sujeito. O conhecimento a partir de então será uma “síntese de uma representação intelectual (...) e uma representação sensível”, sendo não mais sinônimo de puramente representar, tendo a antropologia um papel de comando e condução do pensamento filosófico. Ou seja, vê-se um movimento duplo que forja um novo objeto: o homem perquirido em sua empiricidade nas ciências empíricas, e explorado na filosofia enquanto fundamento e condição de possibilidade do conhecimento; sendo coisa empírica e fundamento do conhecimento<sup>197</sup>.

A modernidade trata de separar as palavras e as coisas no mundo empírico, sendo a representação algo que o homem faz da vida, trabalho e linguagem<sup>198</sup>. Segundo Foucault:

O objeto das ciências humanas não é esse homem que desde a aurora do mundo, ou do primeiro grito de sua idade de ouro, está destinado ao trabalho; é esse ser que, do interior das formas da produção pelas quais toda sua existência é comandada, forma a representação dessas necessidades, da sociedade pela qual, com a qual ou contra a qual as satisfaz<sup>199</sup>.

Muda-se com a modernidade o modo do conhecimento e o modo de conceber o humano, mantendo-se, contudo, a representação enquanto conceito. Porém, como pôde ser entrevisto, deve-se entender que representação na episteme clássica e representação na episteme moderna dão-se de formas distintas.

### 3.2 AS ARQUEOLOGIAS: ASPECTOS GERAIS DE UM MODO DE VER

*Assim, a arqueologia teve como condição a maneira como Foucault repensou as exigências metodológicas elaboradas pela história epistemológica para criar um novo tipo de análise histórica*<sup>200</sup>.

<sup>196</sup> FOUCAULT, 2010, p. 327 *apud* MIRANDA, 2013, p. 257.

<sup>197</sup> Cf.: MIRANDA, 2013, p. 257.

<sup>198</sup> Ibidem., p. 260-261. Nesse ponto específico, do homem enquanto objeto do conhecimento, Foucault investigará, a partir da década de 1970, as formas a partir das quais o sujeito se constrói enquanto objeto do conhecimento para si e para outras pessoas, notadamente com a genealogia da confissão.

<sup>199</sup> FOUCAULT, 2010, p. 364 *apud* MIRANDA, 2013, p. 261.

<sup>200</sup> MACHADO, 2017, p. 89.

Enquanto olhar investigativo, a arqueologia busca momentos de rupturas, de descontinuidades<sup>201</sup> na ordem dos saberes de modo a, como diria Forrester, delimitar as condições de possibilidade da ordem presente, ou ainda, de temporalizar o presente, nos fornecendo, por exemplo, uma figura – como diria Foucault, uma *ficção* – diante da pluralidade de saberes da fatia histórica analisada: uma meta-história ou, como Foucault começa a chamar depois de 1961, uma arqueologia, que consiste, segundo Forrester<sup>202</sup>, numa

(...) tentativa, sem precedentes, de organizar sistemas de conhecimento numa narrativa histórica que respeita tanto a coerência sistêmica e a força explanatória, como retrata as transformações profundas desses sistemas, transformações essas que podem aparecer enquanto eventos ‘superficiais’<sup>203</sup>.

Nessa linha, Foucault defenderia, de acordo com Forrester, uma estrutura à massa amorfa da literatura das ciências da vida e da medicina do séc. XVIII. Arqueologia, dessa forma, remete-nos a uma tentativa de reconstrução que envolve a descontinuidade e a comum pertença de determinados aspectos aos “objetos” em análise.

Diante disso, a presente seção descreve o modo arqueológico de classificação historiográfica dos períodos de produção dos saberes – ou o que muda no modo de produção dos saberes de época para época, ou, ainda, o que configura com certa homogeneidade produtiva determinada época. Não defenderemos fronteiras temporais para a arqueologia, mas uma certa concentração na década de 1960 em trabalhos autodenominados arqueológicos – o que nos permite entrever o modo de abordagem aplicado nos anos posteriores.

A arqueologia, para o próprio Foucault não consiste completamente numa teoria, nem completamente numa metodologia, como ele próprio atesta *a posteriori*. Por não ser uma sistematização das correlações entre formações discursivas e formações sociais e econômicas, como fez o marxismo, não pode ser chamada de teoria; não é também metodologia porque, dentre outras características não ensina a utilizar os instrumentos por ela trazidos. Destarte, foi possível a Foucault inaugurar (ou rearranjar) um tipo de método diferente da história tradicional das ciências n’*As palavras e as coisas*. Diz ele:

<sup>201</sup> Descontinuidade e historicidade são “conceitos” compartilhados, com as devidas especificidades, por Bachelard, Cavaillès, Canguilhem e Foucault (cf.: MACHADO, 2007). Aparece tematizada pela primeira vez, explicitamente, em 1961, em relação ao tratamento da loucura em dois níveis: teoria e prática.

<sup>202</sup> Em 1991 Forrester já era uma grande referência na temática proposta – sendo um dos primeiros a discutir a longa introdução à Binswanger, depois de uma longa e evasiva conversa com Foucault sobre sua relação com a psicanálise –, tanto que seu artigo é reproduzido, com poucos pontos editados, em 2009. Principalmente: FORRESTER, 1990; 2004; 2009.

<sup>203</sup> FORRESTER, 1991, p. 287; *apud Revue Incidence*, 2009, p. 56. O capítulo do livro tem notas de rodapé nem sempre coincidentes com sua tradução francesa para a *Incidence*, tendo, inclusive, mais detalhes nas notas a edição original. Ambos foram utilizados para uma visão mais acurada de sua posição.

Ele [o “método”] consistia numa certa maneira de considerar menos o conteúdo da ciência do que sua própria existência, uma certa maneira de interrogar os fatos, me possibilitando ver que, numa cultura como a do ocidente, a prática científica tem uma emergência histórica, comporta uma existência e um desenvolvimento históricos e seguiu um certo número de linhas de transformação, independentemente – até certo ponto – de seu conteúdo. Era preciso, deixando de lado o problema do conteúdo e da organização formal da ciência, pesquisar as razões pelas quais a ciência existiu, ou as razões de uma determinada ciência começar a existir num dado momento e a assumir um certo número de funções em nossa sociedade<sup>204</sup>.

Como pode se ver, se trata de uma entrevista de 1971, ou seja, de um dos olhares retrospectivos do filósofo. Noutra entrevista, de 1977<sup>205</sup>, ele afirma ser um “empirista cego”, que tateia e fabrica “instrumentos que são destinados a fazer aparecer objetos”. Vê-se, no embaraço das entrevistas, que não se trata de uma aplicação de um método, mas antes um tateio, um manuseio de novos objetos, a partir de aparatos inaugurados pelo estruturalismo – utilizados, diga-se, indigestamente por Foucault, como se pode ver pelas suas reações às associações comumente feitas pelos comentadores contemporâneos entre ele e o estruturalismo, nas entrevistas e conferências da década de 1980<sup>206</sup>.

Arqueologia é designação de objeto, uma tentativa de situar o analista de determinado objeto no nível de sua aparição; de situar a atuação dos discursos científicos em nossa sociedade. Desse modo, foi possível a Foucault entrever um tipo de método diferente da história tradicional das ciências.

Fazendo uma espécie de arqueologia da arqueologia, Gutting afirma que o termo aparece de forma “avulsa” em *Doença mental em psicologia* – surgindo no contexto da noção freudiana de neurose tematizada enquanto uma arqueologia espontânea da libido<sup>207</sup>. A utilização do termo por Foucault, sempre segundo Gutting, aparece com muita segurança apenas no subtítulo de *O nascimento da clínica: uma arqueologia da percepção médica*<sup>208</sup>, culminando a sua consolidação enquanto método – diríamos, com as devidas cautelas – numa reflexão em *A Arqueologia do saber*, no qual é avaliado o que fez nos livros anteriores<sup>209</sup>.

<sup>204</sup> Entrevista com Michel Foucault (1971) in D&E, vol. VII, pp. 192-210 (p. 198).

<sup>205</sup> D&E, vol. IV, p. 229.

<sup>206</sup> Principalmente: FOUCAULT, 2013.

<sup>207</sup> Gutting tenta buscar dívidas teóricas não-declaradas de Foucault, trazendo um exemplo que remonta a um artigo de Merleau-Ponty sobre *Fenomenologia e psicanálise*, no qual ele coloca a psicanálise como uma arqueologia; Cavaillès dizia, um pouco antes, comentando uma obra de Eugen Fink, que a fenomenologia é uma arqueologia.

<sup>208</sup> *O nascimento da clínica* é um livro recomendado pessoalmente por Lacan (2006, p. 278), nos seminários de 1964 e 1965. Mencionado diversas vezes nos *Escritos*, o livro apresenta menções implícitas à psicanálise que aqui serão apreciadas.

<sup>209</sup> cf.: GUTTING, 1989, p. 5.

Há, dessa forma, uma “trajetória da arqueologia”, nomeada assim por Machado, em suas *Impressões de Michel Foucault* e descrita assim:

[Foucault] não elabora um método de investigação rígido, invariável, universalmente válido. Sua atitude teórica, ao contrário, é a tal ponto marcada – de maneira assumida e refletida – pelo provisório, que é impossível definir global e sistematicamente um termo como “arqueologia”. O que há é um processo, ele mesmo histórico, pelo qual a arqueologia foi definida de modo diferente em cada obra: como “arqueologia da percepção” em *História da loucura*, “arqueologia do olhar” em *Nascimento da clínica* e, finalmente, “arqueologia do saber” em *As palavras e as coisas*. Ao mesmo tempo, além de todas essas transformações metodológicas, existe um importante invariante; é sempre a busca de uma dimensão de profundidade – da percepção em relação ao conhecimento, do olhar em relação à linguagem, do saber em relação à ciência – que permite à arqueologia definir a especificidade de seu objeto, a singularidade de seu método e sua diferença em relação à história epistemológica<sup>210</sup>.

Machado<sup>211</sup> já havia antes proposto em seu *Foucault, a ciência e o saber*<sup>212</sup> que se se quisesse tomar a arqueologia como método, o que trazem em comum os empreendimentos arqueológicos é a variação constante no modo de abordagem, dependendo este do objeto sob investigação<sup>213</sup>.

Outro aspecto da arqueologia é o fato mesmo de sua aparição ter-se dado no contexto da epistemologia francesa<sup>214</sup>. Acerca desse aspecto, em especial, Birman<sup>215</sup>, coloca a arqueologia enquanto impossibilidade mesma do projeto epistemológico francês. Por seu turno, Machado acredita que a especificidade da arqueologia ante sua antecessora reside justamente na peculiaridade do objeto estudado, digamos, em cada problemática. O fato de Foucault não se utilizar do método epistemológico na linha de Bachelard, Canguilhem e Cavaillès, tem dois motivos, já dispostos na superfície, segundo Machado: o primeiro diz respeito à concepção de história das ciências e a ciência como lugar de progresso racional e de verdade – o que é comum à obra de Bachelard e Canguilhem; já o segundo motivo repousa no alvo do empreendimento.

Quanto ao primeiro aspecto, diante do apresentado por Machado, é pertinente a afirmação de Birman, segundo a qual a arqueologia é a nêmeses do método epistemológico de

<sup>210</sup> MACHADO, 2017, p. 89.

<sup>211</sup> Em palestra em 1995, intitulada “*História da Loucura e Crítica da Razão*” (disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5mX4g1JM71g> acesso em: 23.07.2017; havendo uma transcrição disponível em: <https://laboratoriodesensibilidades.wordpress.com/2014/10/02/historia-da-loucura-e-critica-da-razao-video-e-transcricao-da-palestra-de-roberto-machado-1995-ufsc/> acesso em: 10.08.2017), Machado comenta aspectos essenciais da arqueologia e do livro de 1961. Alguns deles seguirão na sequência do texto, sendo referenciados como: MACHADO, 1995.

<sup>212</sup> MACHADO, 1982; 2007, p. 53

<sup>213</sup> De certo modo, em sintonia com Birman (2000), Castro (2016), Gutting (1989) e Nalli (2002; 2006).

<sup>214</sup> Machado e Gutting já abordam em trabalhos pioneiros acerca da obra de Foucault a relação entre arqueologia e epistemologia francesa. Nos dispensamos aqui dessa tarefa. Contudo, traremos algumas poucas características delimitadoras da arqueologia enquanto distinta da epistemologia francesa.

<sup>215</sup> BIRMAN, 2001.

tratamento das ciências estudadas por Foucault. Como não falar em progresso na química ou na física? Tratando-se da medicina, psiquiatria ou das ciências humanas, pode-se falar igualmente em progresso racional? Se fosse tratado de física, química ou ciências biológicas, o caminho da arqueologia não teria sido percorrido, se tomarmos os argumentos trazidos por Machado, já em 1982.

Se olharmos o texto de Gutting, Kant estava particularmente empenhado em demonstrar a possibilidade da física e da matemática, sendo o produto disto a revelação das estruturas *a priori* do conhecimento. Foucault, por seu turno, se debruçará sobre disciplinas “dúbias”, as ciências humanas, que produzem conhecimento sobre o ser humano. Ciências essas que, ainda de acordo com Gutting, são as fontes primárias das limitações da liberdade humana. “Adequadamente, nós podemos caracterizar seu projeto intelectual fundamental como uma crítica filosófica das ciências humanas por uma história do pensamento a serviço” dessa liberdade<sup>216</sup>.

Quanto ao aparecimento da arqueologia no contexto da filosofia da ciência na França da formação de Foucault, há uma certa convergência entre Gutting e Machado, no corpo de suas análises ao período. Não há uma oposição ao método da epistemologia, mas, por causa da peculiaridade do objeto abordado por Foucault, os métodos da chamada epistemologia francesa não seriam apropriados. Isso não significa, como é moda hoje em dia, uma refutação dos cânones clássicos da epistemologia francesa, como as obras de Bachelard e Canguilhem, mas uma outra via – alguns, como Gutting, dirão que se trata de uma extensão e transformação das contribuições de Canguilhem. Gutting ainda afirma que a arqueologia de Foucault tem muito com sua própria concepção de filosofia, não abrigando em seu *corpus* corolários acerca do significado, da linguagem ou da verdade. Desse modo, prossegue, se trata não de desenvolvimento de temas cativos da filosofia, mas de uma rejeição “do objetivo tradicional da [definição] mais completa e definitiva da verdade e, em vez disso, constrói uma filosofia como um instrumento de realização de objetivos locais e concretos na luta pela liberação do humano”<sup>217</sup>.

---

<sup>216</sup> “We can, accordingly, characterize his fundamenntal intellectual project as a philosophical critique of the human sciences, carried out by a history of thought in the service of human liberation”. (GUTTING, 1989, p. 4; 2006, p. III)

<sup>217</sup> “He rejects the traditional goal of ultimate, fundamental Truth and instead construes philosophy as an instrument for realizing concrete and local objectives in the struggle for human liberation” (1989, p. XI).

### 3.3 A PSICANÁLISE NAS ARQUEOLOGIAS DA LOUCURA E DAS CIÊNCIAS HUMANAS<sup>218</sup>

*A loucura enquanto experiência trágica dirá a verdade da psiquiatria*<sup>219</sup>.

Diante do exposto, pretendemos avaliar se há diferença de tratamento da psicanálise no período anterior e na arqueologia, em três momentos. Cronologicamente, o primeiro corresponde os quatro textos de até 1957; o segundo, aos livros de 1961, 1963 e 1966 com. São de fato períodos e modos de análise completamente distintos, haja vista que a arqueologia é modificada de acordo com o objeto e a autocrítica. Todavia, pretendemos evidenciar que se compararmos não o modo de tratamento à psicanálise, mas o resultado desse tratamento veremos que, colocados lado a lado os textos de 1950 e a tese, de 1961, a psicanálise continua a ser tratada no modo “*dai a César*”.

Não temos na presente seção o intuito de comentar a totalidade do livro *História da loucura* (menos ainda, d’*O nascimento da clínica* ou d’*As palavras e as coisas*), com seus debates e reverberações, desde sua efervescente recepção, ainda que tardia<sup>220</sup>. O intuito, entretanto, é o de um comentário às menções a Freud encontradas ao longo dessas obras e, em especial, do livro ora analisado, de forma a construir o papel da psicanálise nesse escrito. O *core* dessas menções, pode-se dizer, jaz no seguinte ponto: se a modernidade expulsa a loucura para fora da cidadela da razão, segregando-a gradativamente, negando-lhe a fala e circunscrevendo seu espaço de circulação, Freud, por seu turno, tem como mérito tê-la devolvido a palavra, o que o associaria, de acordo com Foucault, a *Nietzsche*; contudo, não nos termos (ainda que ambíguos) da Renascença, mas devolve-lhe a fala para encerrá-la novamente nas sendas do discurso racional, o que associa Freud a *Pinel*, tornando-se herdeiro da psiquiatria.

---

<sup>218</sup> O ideal neste capítulo, seguindo nossa proposição hermenêutica, seria abordar uma problemática da loucura e nela situar a psicanálise; o mesmo em relação à problemática das ciências humanas. Em relação à loucura, como o nosso escopo não chega nas obras da década de 1970, não será possível a reconstrução de uma problemática e, por conseguinte, um mapeamento da posição da psicanálise. Em relação à problemática das ciências humanas, aqui não pôde ser plena pois demandaria mais tempo. Diante dessa impossibilidade, nosso esforço aqui será o de trazer duas principais obras ditas arqueológicas para lá rastrear como aparece a psicanálise – nos referimos à *História da loucura* e *As palavras e as coisas*. O foco, portanto, será mais na investigação do tratamento arqueológico à psicanálise, que uma reconstrução das problemáticas.

<sup>219</sup> Suma trazida por Machado, em 1995. Extrato que afirma, segundo Machado, a influência nietzscheana na redação do livro de 1961.

<sup>220</sup> Birman e Hoffmann (2017), no tocante à *História da loucura*, atestam para o fato de que no quando de seu lançamento, a recepção foi quase nula, pois se tratava da obra de um homossexual. Com a indicação de Lacan, (que também faz a propaganda d’*O nascimento da clínica*, num de seus *Seminários*) em fins de 60, o livro passa ter uma recepção.

Outro ponto importante do livro, quando transitamos pela vasta literatura que o comenta, além de declarações de Foucault, refere-se ao modo de a psiquiatria e a psicologia, alegadamente movidas por razões humanitárias, colocarem-se como tendo descoberto a verdadeira natureza da doença mental, empregando seu conhecimento na cura dos mentalmente alienados. Diz Foucault:

Nenhum progresso médico, nenhuma abordagem humanitária é responsável pelo fato de os loucos serem progressivamente isolados, de a monotonia do insensato ser dividida em espécies rudimentares. É do fundo mesmo do internamento que nasce o fenômeno; é a ele que se deve pedir contas a respeito do que seja essa nova consciência da loucura<sup>221</sup>.

À luz do texto, não há nenhum privilégio ou humanitarismo nessa descoberta, pelo motivo mesmo de que esse diagnóstico servia para classificar o louco como uma “ameaça à ordem moral da sociedade moderna”<sup>222</sup>. Além do mais, o tratamento “médico” do louco tratava-se mais de um controle social que compaixão pelos enfermos<sup>223</sup>. De acordo com nosso filósofo, “se a personagem do médico pode delimitar a loucura, não é porque a conhece, é porque a domina”<sup>224</sup>. Pode-se dizer que aqui trata-se de conduta e sua relação com a racionalidade, além da relação entre teoria, prática e realidade fática.

Há similitudes tanto em algumas temáticas como nos prefácios de 1961 e de 1963 (*O nascimento da clínica*)<sup>225</sup>: o esforço por parte de Foucault de tematizar ou pelo menos situar essa espécie de momento originário no qual haveria um convívio harmônico entre o socialmente reconhecido e o apartado da circulação ordinária, não digno de transitar nas veias do tecido social<sup>226</sup>. Dirá Foucault, em 1963:

Para apreender a mutação do discurso quando esta se produziu é, sem dúvida, necessário interrogar outra coisa que não os conteúdos temáticos ou as modalidades lógicas e dirigir-se à região em que as “coisas” e as “palavras”

<sup>221</sup> FOUCAULT, 1978, p. 435.

<sup>222</sup> Cf.: FOUCAULT, 1978, p. 466.

<sup>223</sup> GUTTING, 1989, p. 4. Ainda segundo Gutting, Foucault, em *O nascimento da clínica*, voltando seu olhar para a medicina e suas mudanças radicais, assevera que, a despeito da defesa de que os *corpus* teóricos de ambas as disciplinas foi obtido e desenvolvido através de observações empíricas ao corpo humano, ela carrega uma série de “*a priori*” – postulados não científicos antes de qualquer observação empírica – que condicionam verdadeiramente o modo como percebem; além do fato de que seus *corpus* não estar tão livre de interpretações como se pensa.

<sup>224</sup> FOUCAULT, 1978, p. 549.

<sup>225</sup> Em recente publicação, Roberto Machado (2017) relata uma conversa com Foucault sobre o livro de 1963, na qual Foucault teria dito ter lido *toda a literatura médica* do recorte explorado no livro, anterior à Revolução Francesa.

<sup>226</sup> Machado (2017, p. 78) afirma que o curso de 1973, *O poder psiquiátrico* trata de genealogia; se o livro de 1961 é uma arqueologia através da qual Foucault almeja situar a experiência da loucura no renascimento e época clássica, o curso de 1973 trata de psiquiatria. Ou seja, período eminentemente moderno, com a loucura devidamente silenciada, deslegitimada enquanto experiência válida pelo saber médico. Sugeriríamos a leitura em conjunto, pois o curso de 1973, hoje transcrito, também apresenta autocríticas do filósofo em relação à algumas de suas posições à época da *História da loucura*.

ainda não se separaram, onde, ao nível da linguagem, modo de ver e modo de dizer ainda se pertencem. Será preciso questionar a distribuição originária do visível e do invisível, na medida em que está ligada à separação entre o que se enuncia e o que é silenciado: surgirá então, em uma figura única, a articulação da linguagem médica com seu objeto<sup>227</sup>.

Numa autorreflexão em 1971, Foucault fala algo acerca d'*As palavras e as coisas* que pode ser estendido, segundo ele, “de forma geral” e “no mesmo sentido” ao *Nascimento da clínica*. Ele fala da percepção de um conjunto de transformações semelhantes e concomitantes em disciplinas distantes em seus escopos investigativos: a gramática, a história natural e a economia política. Algo subjaz no solo comum desses saberes diversos. Um esforço que análoga e paralelamente faz Jacob<sup>228</sup>, um biólogo e historiador da biologia. O esforço de Jacob, segundo o trazido por Foucault, busca compreender as condições de possibilidade, a partir das quais teóricos de áreas e escopos investigativos distantes tenham *insights* semelhantes<sup>229</sup>. Indo um pouco mais a fundo: as investigações direcionam-se ao momento em que o objeto e os conceitos de determinada ciência foram constituídos e, em alguns casos, à posição do sujeito cognoscente nesses saberes. Foucault chama esse problema de o problema das simultaneidades epistemológicas<sup>230</sup>.

Diríamos que Foucault terá como uma das principais defesas da *História da loucura*, baseada na literatura por ele analisada, a impossibilidade de se falar em *doença mental* antes do séc. XIX, antes de Pinel e Esquirol. Para que isso fosse possível, houve o que Foucault chama de *ruptura* no nível das teorias médicas, ou no nível do saber médico: na Época Clássica a loucura era tão-somente doença, não havendo isso de uma classe de especialistas médicos designados apenas ao seu tratamento. Instaurando-se o tratamento da loucura como doença mental, vê-se, no largo material utilizado por Foucault, incompatibilidades entre os tratados médicos dos sécs. XVIII e XIX. Mais ainda:

Em todo caso, nunca, desde a Antiguidade, soubera coordenar todas as suas formas com os conceitos da teoria médica. E, mais que qualquer outra doença, a loucura manteve ao seu redor, até o final do século XVIII, todo um corpo de

<sup>227</sup> FOUCAULT, Michel. *O nascimento da clínica*. Tradução: Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1977. p. IX.

<sup>228</sup> Foucault comenta num artigo no *Le monde*, intitulado *Crescer e multiplicar*, um livro de Jacob recém-saído, em 1970. Na linha do trabalho de Foucault, como ele próprio diz, o livro propõe pensar de forma inteiramente diversa a “vida, o tempo, o indivíduo e o acaso”, “nos subtraindo de nossas familiaridades cotidianas” (*Crescer e multiplicar*, 15-16 de novembro de 1970 in D&E, vol. II, pp. 267-272).

<sup>229</sup> Enquanto Jacob investiga uma certa noção de população que toma o lugar de análises em termos individuais, tanto na biologia de Darwin como na física de Boltzmann, Foucault – que já havia notado o mesmo problema na medicina clínica – investigou um fenômeno similar nas três aludidas disciplinas

<sup>230</sup> *Entrevista com Michel Foucault* (1971) in D&E, vol. VII, pp. 192-210 (p. 195.)

práticas ao mesmo tempo arcaicas pela origem, mágicas pela significação e extramédicas pelo sistema de aplicação<sup>231</sup>.

As medicinas clássica e moderna, n’*O nascimento da clínica*<sup>232</sup>, também são trazidas para evidenciar uma descontinuidade entre uma e outra. Em relação à primeira, o que diferencia o diagnóstico da loucura do diagnóstico das outras doenças é, justamente, o quadro de sintomas. Relativo a segunda, com o advento da anátomo-clínica, por Bichat<sup>233</sup>, final do séc. XVIII e início do XIX, dá-se algo diferente: surgirá uma natureza específica do mental, distinta do físico. Segundo Machado, a primeira é medicina classificatória das espécies patológicas<sup>234</sup>.

A revolução de Bichat e de outros médicos muda o panorama e o solo teórico da medicina. O hospital geral é um marco no tratamento não da loucura, mas do louco. Por Luis XIV, no séc. XVII, há um evento significativo, chamado por Foucault, na primeira parte da *História da loucura*, de *o grande enclausuramento*. Segundo Machado, trata-se de uma entidade assistencial, e não médica (entre a polícia e a justiça), chamada “ordem terceira da repressão”. Trata-se, na prática, da exclusão de indivíduos perigosos, não sociais (agrupamento dos estrangeiros da moral). Cena radicalmente diferente da modernidade (pós-revolução de 1789), na qual o espaço asilar é o de recuperação do louco.

Nessa atmosfera, Descartes é a referência-mor. Segundo Canguilhem<sup>235</sup>, no texto de Foucault há, pelo menos, duas referências principais a Descartes – a primeira, de 1961, na *História da loucura* e a segunda, de 1966, n’*As Palavras e as coisas*. Quanto à 1961, como será visto na seção correspondente, ele é figura central nas mudanças no trato com a loucura, na chamada por Foucault Idade Clássica; época esta que silencia a chamada experiência trágica da loucura, estabelecendo com ela o que Chaves chama “diálogo mudo” no Hospital Geral entre razão e desrazão<sup>236</sup>; Derrida, como se sabe, há de trazer as três menções da tese a Descartes, em 1963, e, a partir disso, num esforço que não atrai a atenção de Foucault, pretende desfazer todo

<sup>231</sup> FOUCAULT, 1978, p. 225.

<sup>232</sup> Não foi possível visitarmos o mencionado livro para investigar os termos de o conceito de pulsão de morte em Freud ser devedor de toda uma tradição médica que concebe a doença como uma antecipação, ou melhor, uma experimentação em grau menor da morte. Sabemos que há esta associação por causa de Birman e Hoffmann, que trazem, pelo que podemos mapear, pela primeira vez a relação entre o livro de 1963 com a psicanálise. Sabemos, ainda, por eles que há uma filiação de Heidegger com seu *ser-para-a-morte* nesta tradição médica (cf.: BIRMAN; HOFFMANN, 2017, pp. 74-81).

<sup>233</sup> Cf.: FOUCAULT, 1978, p. 411.

<sup>234</sup> Cf.: MACHADO, 1995.

<sup>235</sup> Orientador de Foucault, em 1961, em sua tese de doutoramento, *História da loucura* a quem Foucault reclama formalmente, em 1951, segundo Macey, por um tema como *sexualidade* encontrar-se num exame que seleciona quem está ou não apto a ensinar de filosofia em liceus e universidades. Cf.: TAYLOR, Chloë. **The Routledge guidebook to Foucault’s *The history of sexuality***. Routledge: Nova York, 2017. pp.1-2

<sup>236</sup> CHAVES, 1988, p. 28. “Combate que se traduz na coação física, nos suplicios, nos trabalhos forçados, nas correntes”.

o texto<sup>237</sup>. Quanto à segunda principal referência, Descartes, a despeito de sua fundamental importância no livro de 1966, é citado, de acordo com Canguilhem, apenas duas ou três vezes. É trazida uma obra cartesiana, até então não reconhecida como uma obra de destaque, elevada por Foucault à clássica do séc. XVII: *Regulae*<sup>238</sup>.

Descartes, em 1961, aparece na comparação entre dois “paradigmas” quanto à “representação” da loucura, em contraste com Montaigne<sup>239</sup>; evidenciando a rejeição de um positivismo teleológico<sup>240</sup>, que porventura tomaria por garantido o progresso no conhecimento científico como uma linha contínua e unívoca de superação de preconceitos – apareceriam, segundo Canguilhem, em dois já aludidos momentos: no livro de 1961, entre Montaigne e Descartes<sup>241</sup>, em relação ao tratamento da loucura, e no livro de 1963, entre Pinel e Bichat, no quesito da representação da doença. Antes das obras e do envolvimento de Pinel e Esquirol nas políticas pós-Revolução Francesa, não havia hospital psiquiátrico.

Descartes tem para Foucault papel imprescindível nos rumos que tomou a loucura na chamada Época Clássica<sup>242</sup>. Descartes também tem para ele protagonismo na “descoberta” da loucura enquanto objeto de conhecimento no séc. XIX pelos patologistas, além de sua influência no tratamento que desemboca na inserção do louco no espaço asilar.

De todo modo, ressalta-se, no primeiro empreendimento arqueológico de Foucault que a arqueologia privilegia o nível da “percepção” ante o nível do “conhecimento” (este, uma espécie de teoria sistemática sobre a loucura): mais uma característica dissonante em relação à epistemologia. O nível do conhecimento seria insuficiente para dar conta do surgimento da

<sup>237</sup> Como se sabe, há um debate velado entre Foucault e Derrida, seja em termos de loucura, seja em termos de relações de poder. Como o “debate” é bastante conhecido, nos atemos a um breve sobrevoo, digamos, de reconhecimento. Quanto ao problema da loucura, origina-se numa conferência *Cogito e a história da loucura*, posteriormente texto, que está n’*A Escritura e a diferença*. Lá, em 1963, Derrida aponta um déficit filosófico na tese de Foucault, que não teria interpretado corretamente Descartes e, posteriormente, em texto de 1965, afirma que Foucault tenta estabelecer uma metafísica. Foucault responderá, quase 10 anos depois, em 1972 (*Reponse à Derrida*). Já no tocante às relações de, conforme nos traz Grace, Derrida afirmaria que a analítica do poder em Foucault já está no texto freudiano que, aliás, justificaria o tratamento à psicanálise por Foucault: a ambiguidade no tratamento ao tema se deveria, segundo o filósofo marroquino, à própria letra de Freud. Apenas para trazer uma das muitas discussões aprofundadas: YAZBEK, André C. O louco e o sonhador: Jacques Derrida leitor de *História da loucura*, de Michel Foucault (notas sobre uma polêmica). **Revista Trágica: estudos de filosofia da imanência**, Rio de Janeiro, v.9 n. 2, p. 21-40, 2016.

<sup>238</sup> Interessando a Foucault, ainda de acordo com Canguilhem, para *As palavras e as coisas*, a subordinação “da noção de medida à noção de ordem na ideia de *mathesis*”.

<sup>239</sup> A essa mudança, Foucault chama, em consonância com Canguilhem e a tradição epistemológica francesa, *descontinuidade*; as descontinuidades apresentadas por Foucault, presentes na sucessão de um *a priori* histórico a outro.

<sup>240</sup> Há uma divergência (que aqui não será abordada) entre os termos do *progresso* da ciência, expressa nos pensamentos de Bachelard e Canguilhem e de Condorcet e Comte. cf.: MACHADO, 1982; 2007, p. 28.

<sup>241</sup> Cf.: FOUCAULT, 1978, p. 54.

<sup>242</sup> Período que vai do início do séc. XVII à aproximadamente a época da Revolução Francesa (1789).

psiquiatria, enquanto ciência da loucura<sup>243</sup>. O extradiscursivo entra em cena: será analisada a instituição, as condições econômicas e políticas, de um modo diferente do marxista, também, pois as relações econômicas não teriam sozinhas o papel de determinar a dimensão prática ou institucionais ou, ainda, digamos, os modos de existência. Mas, como se sabe largamente, se tomarmos a sério a tese/livro, as formas de saber, de existência e institucionais surgem da interação entre práticas econômicas e sociais.

Fazer uma análise no nível da percepção é se debruçar sobre a loucura antes de ela se tornar um objeto de um saber, não tomando-se por garantida a alienação, mas privilegiando-se a construção histórica da concepção de loucura enquanto alienação, ou seja, como a loucura se torna objeto do conhecimento e do direito. A análise, portanto, se volta para a relação entre teoria e prática, o que não tem precedentes na produção de 1950. Na Idade Clássica, patente “ao nível da ‘percepção’, a loucura é desordem dos costumes e negatividade do pensamento, enquanto que ao nível do ‘conhecimento’ é uma doença precisando ser descrita e classificada”<sup>244</sup>.

Investiga-se como a loucura é percebida nas diferentes épocas analisadas. Com o nível do conhecimento tornado secundário, segundo Chaves, na prática, trazendo para a psicanálise, em relação à problemática da loucura, fez Foucault prescindir de um exame aos conceitos psicanalíticos, analisando as continuidades e rupturas entre Freud e a psiquiatria a partir da mudança no estatuto do médico, no sec. XIX. A mudança se deve a percepção do louco enquanto doente, deixando para trás o rótulo de “desrazoado”: “Dessa maneira qualquer referência feita a conceitos na *História da loucura* está intimamente relacionada com formas de intervenção, formas de organização do espaço de reclusão, formas de relação de autoridade entre médico e doente”<sup>245</sup>.

Chaves, na esteira de Gutting e Machado, afirma que a distinção entre o conceito de descontinuidade na epistemologia francesa e na arqueologia da *História da loucura* é crucial. A ruptura com a epistemologia francesa é geral, vertical e parcial – esta última, salutar para que se entenda a entrada da psicanálise na história da transformação da loucura em patologia mental.

É ruptura geral por existir, na mesma época, como no Renascimento, dois modos de experiência da loucura (as chamadas por Foucault experiências trágica e crítica). É vertical porque nega um tipo de narrativa continuísta, enquanto história de progresso da razão – os

<sup>243</sup> Abertura possibilitada por Pinel e Tuke. Cf.: FOUCAULT, 1978, p. 549.

<sup>244</sup> CHAVES, 1988, p. 13.

<sup>245</sup> Ibid., p. 16

termos de uma continuidade que se dá pela descontinuidade serão conferidos na sequência do texto. Para esse intuito, articula o discursivo e o extradiscursivo, “por uma análise restrita aos procedimentos internos”; destarte, “a verticalidade das rupturas se dá, portanto, ao nível da ‘percepção’, muito embora a análise pretenda dar conta, igualmente, do nível do ‘conhecimento’”.

Há, se olharmos atentamente, uma espécie de continuidade se falarmos com Chaves em ruptura parcial: quando se tematiza a doença mental na Modernidade<sup>246</sup>, estamos diante do resultado do processo de subordinação da loucura à racionalidade – o que foi iniciado, de acordo com Foucault, no Renascimento,

quando a ‘experiência trágica’ da loucura é recoberta pela ‘consciência crítica’. De saber esotérico, mágico, revelador das profundezas da alma humana e do universo (experiência trágica), a loucura torna-se progressivamente castigo e falta (consciência crítica), atentando à moral e aos bons costumes (na Idade Clássica) e doença mental (na Modernidade)<sup>247</sup>.

O ponto central em relação ao aspecto da ruptura parcial no decorrer dos extratos históricos trazidos pela periodização foucaultiana, é o chamado modelo familiar (posição retificada completamente no curso de 1973, *O poder psiquiátrico*). Foucault sustentava que na Idade Clássica foi instaurada uma nova acepção de família<sup>248</sup>, ao sabor burguês, com o contrato de casamento (tema também explorado no aludido curso, mais próximo do séc. XX, que do XIX; a cena da imposição de um novo modelo familiar agora se passa na virada do séc. XIX para o séc. XX). É necessário que ora se exponha essa autocrítica, pois não se trata de um olhar teórico retrospectivo, que seria útil para pensar uma problemática da loucura, e não para levantar a sua posição em 1961. Contudo, trata-se de uma de *errata*, que, até onde sabemos, nunca foi adicionada ao livro/tese.

Sobre isso, a abertura do curso *Le pouvoir psychiatrique*<sup>249</sup> já consta uma autocrítica não tanto por causa da nova abordagem em termos de relações de poder, manifesta, aliás, no abandono da própria noção de violência, por não dar conta do aspecto produtivo do poder. A aula é um esforço de retomar o tema da loucura a partir da ótica do poder disciplinar. O modelo familiar que no *Folie et déraison* é imposto pela psiquiatria enquanto condição de cura da loucura, estaria ausente, por exemplo, na “protopsiquiatria”, empreendida sobre o rei Jorge III, mas aplicar-se-á num momento da psiquiatria em sua fase institucional: especificamente, não

---

<sup>246</sup> Cf.: FOUCAULT, 1978, p. 35.

<sup>247</sup> CHAVES, 1988, p. 16.

<sup>248</sup> Cf.: FOUCAULT, 1978, p. 91.

<sup>249</sup> Cf.: aula de 7 de novembro de 1973 (FOUCAULT, 2012c, pp. 3-24;

na “direção dos alienados”, mas na “cura sólida e sem recaídas” dos histéricos. Quanto ao tratamento de Jorge III, “se faz sem nada que possa valer como descrição, análise, diagnóstico, conhecimento verdadeiro do que é a doença do rei. Assim como o modelo da família só intervém mais tarde, também o momento da verdade intervirá mais tarde na prática psiquiátrica”<sup>250</sup>.

Ora, Freud dirige suas análises para a tríade articulada: sexualidade, família, neurose. Seguindo o momento anterior à errata, essa articulação só é possível por causa da instauração do modelo familiar, o que filiaría os conceitos psicanalíticos à práticas sociais<sup>251</sup>. Teria que se fazer um mapeamento que não há lugar, nem fôlego aqui. Com o deslocamento do modelo familiar para o problema da psiquiatria *versus* histeria, a argumentação de Foucault em 1961 fica, no mínimo, fragilizada.

Aqui cabe uma palavra acerca dos textos que tematizam a questão da loucura na obra de Foucault. Apenas para trazer três comentadores, Allen, Chaves e Grace, recaem no que desejamos evitar nessas reconstruções críticas que ora fazemos: a análise da loucura sob a ótica das relações de poder. Uma vez que acreditamos, na esteira de Machado, ser Foucault, em sua relação com a própria obra, o maior inimigo hermenêutico dos comentadores<sup>252</sup>, loucura e poder, em 1961, não coexistem; não há poder em 1961, nem mesmo repressivo ou jurídico discursivo. Parafraseando *As palavras e as coisas*, do mesmo modo que não há Homem antes da época clássica, não haveria poder na problemática da loucura.

A noção de poder, cujo mapeamento hodiernamente ainda encontra-se incompleto<sup>253</sup>, surge, como se sabe, na década de 1970. Foucault fala de poder neste quando lendo extratos de sua obra retroativamente sob essas lentes, afirmando, inclusive, que estava preso a uma concepção de poder essencialmente repressiva. O que, para sermos justos, pode elucidar o que é ou não, na prática, uma concepção de poder mais acurada, que dê conta das múltiplas faces dos dispositivos que fabricam e controlam subjetividades. Por outro lado, não nos pode ajudar

---

<sup>250</sup> FOUCAULT, 2012c, p. 33.

<sup>251</sup> Grace (2011) traz uma excelente análise lendo o livro/tese com o curso. Allen (2018), por seu turno, a partir do problema da psicanálise ser ou não uma prática normalizadora, investiga *A vontade de saber* com a tese, perquirindo se a figura do analista seria ou não a de uma autoridade moral, pronta a conformar o sujeito em formas sociais por ele reconhecidas como normais.

<sup>252</sup> Pretendíamos fazer do presente texto um debate entre Foucault e ele mesmo, trazendo sua obra e as entrevistas para compor as posições opostas que são de fato. Assim como mapear com mais afinco *As palavras e as coisas*. Como não foi possível, pretendemos fazer isso num futuro trabalho, na reconstrução de um Foucault contra Foucault; e, noutro esforço o estatuto da antropologia para o Foucault de 50 e 60, pois linhas a seu respeito estão dispostas por toda a produção do período: de fundacionista, a partir de um viés existencial à posição kantiana que contaminou todos os saberes sobre o Homem.

<sup>253</sup> Cf.: CASTRO, 2011.

a questão do poder a reconstruir crítica e acuradamente o lugar da psicanálise na problemática da loucura, nos idos de 1960. Grace, por exemplo, atenta para o fato de a produção de conhecimento ser possível apenas através das relações de poder, o que seria, no mínimo anacrônico se pensarmos a produção da década de 1960<sup>254</sup>.

Que na tese/livro está enfatizada a questão da violência e da repressão ao desarrazado, isso é incontestável. Além disso, seguindo a argumentação de Foucault lá exposta, Freud reestabelece a fala para a desrazão – esta enquanto saber e não enquanto o negativo da razão – algo a ela negado pelo positivismo do séc. XIX. Todavia, ao colocá-la para falar se estabelece mais um “monólogo do inquirido” do que um diálogo. A desrazão, dessarte, deve ser entendida em duas acepções diferentes: enquanto saber que tem uma verdade do mundo a dizer, fora dos cânones estabelecidos e enquanto *nonsens*, negatividade pura, linguagem delirante que eclipsa o relacionamento do homem com a verdade. Freud reestabeleceria à Renascença, o diálogo nos termos da primeira acepção de desrazão (enquanto um saber<sup>255</sup>). Entretanto, o vienense, como bem reconhece Grace, estabelece uma relação nova entre o normal e o psicopatológico – o que não o livra da assertiva foucaultiana, segundo a qual toda a psiquiatria do séc. XIX (diríamos, para o bem, ou para o mal) converge para Freud<sup>256</sup>. Ele seria a autoridade moral que toma o lugar de Pinel, submetendo o louco à essa autoridade.

Com um pouco mais de detalhe dos termos da herança médica da qual Freud se apropria, diz Foucault:

Aos olhos do doente, o médico torna-se taumaturgo; a autoridade que ele emprestava da ordem, da moral, da família(...). É na qualidade de médico que se supõe que ele esteja carregado desses poderes, e enquanto Pinel, com Tuke, ressaltava bem que sua ação moral não estava ligada necessariamente a uma competência científica, acredita-se, e o doente é o primeiro a fazê-lo, que é no esoterismo de seu saber, em algum segredo, quase demoníaco, do conhecimento, que ele encontrou o poder de desfazer as alienações; e o doente aceitará cada vez mais esse abandono às mãos de um médico ao mesmo tempo divino e satânico, em todo caso fora de uma medida humana<sup>257</sup>.

As estruturas do internamento, organizadas por Pinel e Tuke, foram deslocadas para o médico – caberia a Freud a possibilidade efetiva esse deslocamento. Diz Foucault, em conhecida e desconcertante afirmação que

<sup>254</sup> Não nos cabe o papel de ser legislador ou “donos de Foucault”, que determina arbitrariedades e anacronismos nos intérpretes. Queremos mostrar, entretanto, que nossa leitura é *também* possível, oferecendo elementos que achamos insuficientes nas análises acima trazidas. Para o ponto de vista que aqui queremos sustentar, esses estudos já clássicos, não nos serve para a construção que fazemos.

<sup>255</sup> Cf.: CHAVES, 1988, p. 27.

<sup>256</sup> FOUCAULT, 1978, p. 554; GRACE *apud* FALZON.

<sup>257</sup> FOUCAULT, 1978, p. 552.

Freud desmistificou todas as outras estruturas do asilo: aboliu o silêncio e o olhar, apagou o reconhecimento da loucura por ela mesma no espelho de seu próprio espetáculo, fez com que se calassem as instâncias da condenação. Mas em compensação explorou a estrutura que envolve a personagem do médico; ampliou suas virtudes de taumaturgo, preparando para sua onipotência um estatuto quase divino. Trouxe para ele, sobre essa presença única, oculta atrás do doente e acima dele, numa ausência que é também presença total, todos os poderes que estavam divididos na existência coletiva do asilo. Fez dele o Olhar absoluto, o Silêncio puro e sempre contido, o Juiz que pune e recompensa no juízo que não condescende nem mesmo com a linguagem; fez dele o espelho no qual a loucura, num movimento quase imóvel, se enamora e se afasta de si mesma<sup>258</sup>.

### 3.4 A PSICANÁLISE N'AS PALAVRAS E AS COISAS: A PROBLEMÁTICA DO INCONSCIENTE DAS CIÊNCIAS HUMANAS E A SUPERAÇÃO DO HOMEM

*(...) o [Homem] não é nem o mais antigo nem o mais constante problema que foi posto para o saber humano*<sup>259</sup>.

*Sem dúvida, Lacan foi importante para Foucault como instrumento na luta pela libertação do pensamento francês “da tirania do sujeito cartesiano e da dialética hegeliana”, ou, como ele também diz, por mostrar que, em vez de ser originário, o sujeito tem uma gênese*<sup>260</sup>.

Talvez o trecho mais repetido da obra de 1966 seja seu parágrafo final (alguns chegam até a (re)citar integralmente:

Se estas disposições viessem a desaparecer tal como apareceram, se, por algum acontecimento de que podemos quando muito pressentir a possibilidade, mas de que no momento não conhecemos ainda nem a forma nem a promessa, se desvanecessem, como aconteceu, na curva do século XVIII, com o solo do pensamento clássico — então se pode apostar que o homem se desvaneceria, como, na orla do mar, um rosto de areia<sup>261</sup>.

O extrato acima trazido, com seu notável conjunto de condicionantes — “se” — finaliza o capítulo X — intitulado *As ciências humanas — d’As palavras e as coisas*<sup>262</sup>. Ignorando o possível comentário de Lacan numa conferência (*Psychanalyse. Raison d’un échec*), de 1967 — que teria desdenhado dessa afirmação, inserindo-a junto a outras de Lévi-Strauss e Derrida, afirma que os três teriam chegado atrasados nas verdades por ele propostas, enquanto um farol sem

<sup>258</sup> Ibid., p. 554.

<sup>259</sup> FOUCAULT, 2000, p. 536.

<sup>260</sup> MACHADO, 2017, p. 215.

<sup>261</sup> FOUCAULT, 2000, p. 536.

<sup>262</sup> É salutar lembrar a importância para a herança intelectual a nós legada pelo ano de 1966. Segundo Iannini (2016), além do lançamento dos *Ecrits* de Lacan, “Michel Foucault publica *As palavras e as coisas*; Lévi-Strauss publicava o segundo volume de sua tetralogia *Mitológicas*, intitulado *Do mel às cinzas*, dois anos depois de *O cru e o cozido*; Louis Althusser publica *Pour Marx e Lire le Capital*; Benveniste, o primeiro volume de *Problemas de linguística geral*; Roland Barthes, *Crítica e verdade*; e Todorov, *Teoria da literatura*”.

reconhecimento, há trinta anos<sup>263</sup> –, o cerne desse extrato é a ousadia de uma posição quase profética que afirma que se o padrão de rompimentos na ordem dos saberes mantiver o modo estabelecido desde, pelo menos, a Renascença, o objeto forjado na modernidade há que desaparecer. O que nos coloca uma reflexão acerca da historicidade dos saberes e dos objetos epistêmicos por eles forjados. Isso implica não apenas a ausência de um estatuto positivo de permanência no tempo para o Homem, mas, baseado na historicidade mesma desse estatuto, na datação do Homem no tempo e seu encravamento no seio de saberes e discursos, o imputa uma validade.

O objetivo do presente capítulo é uma visita ao projeto d’*As palavras e as coisas* (*Les mots et les choses*)<sup>264</sup>, investigando o lugar da psicanálise – e também da etnologia – no limiar de uma nova ruptura na ordem dos saberes. Há que investigar como a psicanálise passa de objeto da crítica, como foi visto no capítulo precedente, para instrumento de crítica<sup>265</sup>. Em contraste com o momento anterior, aqui trata-se da tematização do mover a psicanálise para atacar o modo de produção de conhecimento das ciências humanas sobre o Homem para a sua pretensa liberação – conhecimento este criativo de objeto.

Contudo, para chegarmos a essa discussão, faz-se necessário percorrer o caminho do livro que possibilitará o aparecimento do subcapítulo intitulado *As contraciências*<sup>266</sup>. Para isso, o presente estudo traz as contribuições de alguns estudiosos que se lançaram a trazer à luz pontos centrais e imprescindíveis à compreensão deste empreendimento – alguns destes negligenciados no debate vigente sobre o tema –, e também traz entrevistas e conferências de

---

<sup>263</sup> cf. CLARK, 2014 p. 196. Ignoramos porque não tivemos tempo hábil para investigar o cerne da crítica lacaniana ao extrato. A crítica bem velada, diga-se, está registrada em seus *Outros escritos*, na conferência *Psicanálise. Razão de um fracasso*. Lá, para além do ataque a um ex-discípulo, Lagache, Lacan demonstra um descontentamento com a falta de reconhecimento de suas proposições, as quais, acredita, reproduzidas em Lévi-Strauss, Derrida e Foucault. Eis o trecho: “Efetivamente, trata-se menos do narcisismo de cada um que de o grupo sentir-se em alerta contra um narcisismo mais vasto. Para julgá-lo, basta sondar a amplitude do desvio tomado por um Michel Foucault para vir a engar o homem”. LACAN, 2003, p. 349.

<sup>264</sup> Maniglier (*apud* FALZON; O’LEARY; SAWICKI, 2013, p. 119, nota nº 1) afirma que o título original do livro seria *L’ordre des choses* – próximo ao da edição anglófona *The order of things*. O título foi preterido pelo editor, acabando por ficar *Les mots et les choses*. Apesar de o título original ser, de acordo com Maniglier, mais pertinente às intenções da obra. Daqui em diante esta obra será referida também como “obra/livro de 1966”.

<sup>265</sup> Miller (*apud* ARMSTRONG, 1989, p. 53) menciona introdutoriamente uma mudança similar, ao comparar *As palavras e as coisas* (1966) e *A vontade de saber* (1976), com um diagnóstico inverso: a psicanálise passa de instrumento de crítica para ser objeto de crítica (em 1976 a psicanálise é “destruída com sarcasmo”).

<sup>266</sup> A ideia de a psicanálise ser uma contraciência seria inaceitável, por exemplo, para Ludwig Binswanger (1970) – por cujas contribuições Foucault fica entusiasmado no início de sua trajetória – se isso dissesse respeito às ciências naturais (como a química e a física), em vez das ciências humanas. Ele via no determinismo de Freud um modo análogo ao de produção de conhecimento dessas ciências. Para ele, as pulsões e o inconsciente mecanizariam a existência humana, não dando conta do verdadeiro ser do homem. Foucault vai conhecê-lo na Suíça, no quando da tradução de seu texto.

Foucault nas quais são considerados pontos importantes dessa obra<sup>267</sup>. Diante disso, pretendemos reconstruir criticamente a trajetória foucaultiana em sua exposição da especificidade do surgimento e do forjar do objeto Homem pelas ciências humanas, e o que o faz acreditar que estaríamos às vésperas de uma nova quebra de continuidade epistemológica.

Como diz Sardinha<sup>268</sup>, até o capítulo X a obra ocupa-se da exposição arqueológica das ciências que possibilitaram e confeccionaram a seu modo o objeto *Homem*. Trata-se do solo epistemológico que tornou possível o modo de tematização moderna (segundo a divisão histórica arqueológica) por Kant, do Homem enquanto sujeito e objeto; ou, dito de outro modo, a descrição da ruptura na chamada episteme clássica, que prenuncia uma nova forma de tratamento tanto da realidade como do fenômeno humano. As contraciências surgem, então, no final do livro com potenciais epistêmicos para a instauração de uma nova ruptura na ordem dos saberes, o que determina a produção de objetos de investigação e os métodos de exame.

Gutting aponta para a duplicidade da figura do Homem<sup>269</sup>, tal como fez Machado<sup>270</sup>: o Homem como um objeto no mundo “e sujeito do conhecimento a partir do qual existe o mundo de objetos”. Enquanto essas ciências endossam esta figura como a realidade humana definitiva, Foucault data o seu nascimento e prediz, na esteira de Nietzsche, o seu desaparecimento gradual.

Muitos estudiosos do período da obra de Foucault apontam para um ponto de inflexão na obra de 1966. Enquanto os livros anteriores buscavam a interação entre teoria e práticas sociais, *As palavras e as coisas* analisa o que condiciona essa interação. A preferência foucaultiana pela transgressão à norma ou, digamos, pelos marginais da razão – notadamente o louco, mais adiante, o delinquente, o anormal etc. –, não encontra um lugar na obra de 1966<sup>271</sup>.

Diríamos, afim com esses estudiosos que *As palavras e as coisas*<sup>272</sup> carrega uma crítica do conceito de Homem, como afirma Gutting, em três estágios: (i) o conceito não desempenha

---

<sup>267</sup> Nota-se, em visita a literatura especializada (de focos múltiplos), com exceções pontuais, que a problemática da psicanálise n’*As palavras e as coisas* quase não é abordada unicamente, mas quase sempre é posta apenas como mais um aspecto do livro.

<sup>268</sup> SARDINHA, 2008.

<sup>269</sup> GUTTING, 1989, pp. 4-5.

<sup>270</sup> MACHADO, 1995.

<sup>271</sup> *Entrevista com Michel Foucault* (1971) in D&E, vol. VII, pp. 192-210 (p. 195).

<sup>272</sup> O próximo livro publicado será *Vigiar e punir* que, na interpretação de Gutting, é uma espécie de prosseguimento d’*As palavras e as coisas*, um resumo de sua crítica às ciências humanas, enfatizando, mais do que nos trabalhos anteriores, prossegue, “os mecanismos sociais e institucionais do poder”. A partir daqui, diz Gutting, integrando a lista *A vontade de saber*, Foucault mostrará como corpos de conhecimento das ciências humanas estão intrinsecamente ligados a mecanismos de dominação e controle, ou “técnicas de controle social” – sua constituição mesma enquanto conhecimento depende essencialmente de mecanismos de poder (cf. GUTTING,

nenhum papel na época clássica, precedente à moderna; (ii) mostra o esforço da filosofia da modernidade de desenvolver um conceito coerente de homem e sua falha neste projeto; (iii) visitando como “as ciências humanas buscaram atingir um conhecimento do homem” e como este conhecimento é baseado em disciplinas que colocam por terra este conceito.

O inconsciente terá aqui, destarte, duas acepções: uma enquanto objetivo arqueológico, no exame de uma dimensão que escapa à “consciência” dos saberes, e outra enquanto proposta de superação desses saberes através do inconsciente estruturado como uma linguagem, possibilitado por Lacan. Diríamos, seguindo essa linha, o inconsciente, de certo modo, tem lugar na totalidade de *d’As palavras e as coisas*: até o capítulo X com a primeira acepção e, no capítulo X, com a segunda.

Canguilhem aponta que boa parte do descontentamento com a obra que ora nos debruçamos deve-se precisamente à sua tematização do Homem, cuja essência e existência são fundamento para muitas filosofias. Diz Canguilhem, já em 1967, que as muitas resenhas e críticas negativas acerca *d’As palavras e as coisas* tinham em comum a consideração do subtítulo do livro – *Uma arqueologia das ciências humanas* – “contornando [esse] bloco significativo” do subtítulo completo, e abordando o termo *arqueologia* isoladamente<sup>273</sup>, “para desafiá-lo e substituí-lo” por “geologia”<sup>274</sup>. Foucault tomaria emprestado, ainda de acordo com Canguilhem, muito do vocabulário da geologia (diríamos que, na subtese, por exemplo ao se referir ao texto de Kant, o termo surge para tentar situar o estabelecimento do texto da *Antropologia*<sup>275</sup>). Mas há algo além disso, que fugiu às críticas da época. Foucault diz no prefácio da obra de 1966: “estou restaurando ao nosso solo silencioso e ingenuamente imóvel suas rupturas, sua instabilidade, suas falhas; e esse é o mesmo chão que mais uma vez se inquieta aos seus pés”<sup>276</sup>, ao que Canguilhem afirma:

Mas não é menos verdadeiro que o que Foucault está tentando trazer de volta à luz não é um análogo de um estrato da crosta terrestre que foi ocultado da vista por um fenômeno natural de ruptura e colapso, mas antes, “o desnível

---

1989, p. 10). Na esteira de Gutting, para Elden (2015), a questão do poder é suplementar à do saber, sendo trabalhadas ambas lado a lado, na abordagem genealógica, mas o método continua sendo o arqueológico.

<sup>273</sup> Acerca dessa comparação por parte de Sartre, Foucault afirmará em entrevista, depois de elogiar o engajamento do filósofo existencialista, que ele por causa desse engajamento e brilhante produção, não leu o livro que criticara. FOUCAULT *apud* MIRANDA, 2013, p. 248. (MIRANDA, H. de C. Michel Foucault e a antropologia: *Les mots et les choses* e o elogio à etnologia. Revista de Filosofia, **Aurora**, Curitiba, v. 25, n. 37, p. 245-269, jul./dez. 2013.).

<sup>274</sup> CANGUILHEM *apud* GUTTING, 2016, pp. 103-105. Provavelmente, Canguilhem refere-se a Robert Kanters, que é trazido por Sartre, em entrevista de 1966, para afirmar justamente que se trata de geologia e não de arqueologia o que se dá n’*As palavras e as coisas*, numa “negação da história”. Esforço que se destaca enquanto “tendência dominante” do cenário intelectual francês de então. Cf.: SARTRE *apud* MIRANDA, 2013, p. 248.

<sup>275</sup> Cf.: FOUCAULT, 2011, p. 20.

<sup>276</sup> FOUCAULT *apud* CANGUILHEM *apud* GUTTING, 2016, p. 105.

mais profundo da cultura ocidental”, isto é, um “limiar” (...). Não obstante o uso do termo *habitat* pela geografia e pela ecologia, o homem habita uma cultura não um planeta (...). Representar Foucault como uma espécie de geólogo equivale a dizer que ele naturaliza a cultura afastando-a da história<sup>277</sup>.

D’Allonnes, filósofo e historiador marxista, seguindo a crítica de Sartre, de acordo com o que nos traz Miranda, dirá que Foucault erra no livro de 1966 ao negar as transformações e privilegiar a estrutura<sup>278</sup>. D’Allonnes afirmará ainda que o livro se ocupa de uma historiografia e não se preocupa com a historicidade<sup>279</sup>. Canguilhem rebate esse tipo de crítica dos chamados por ele “defensores da história”, argumentando que, para Foucault, a história é o modo de ser de tudo o que nos é dado na experiência.

Segundo Maniglier<sup>280</sup>, a chave para o livro de 1966<sup>281</sup>, lançado no auge do estruturalismo na França<sup>282</sup>, é a pergunta ingênua sobre a relação entre fazer de nós mesmos objeto da ciência e o modo como as coisas são ordenadas. A hipótese de Foucault é: “a forma de autoconhecimento que chamamos de ‘ciências humanas’ é uma consequência do deslocamento e reestruturação da forma como conhecemos as relações entre as coisas”. Entendendo-se por ciências humanas saberes unidos pela noção de “ciências sociais”, que produzem conhecimento acerca de fenômenos humanos como cultura, linguagem e sociedade<sup>283</sup>. Desse modo, a arqueologia, segundo ele, consiste em mostrar como um determinado objeto tido como “atemporal, substancial, inevitável e inquestionável” tem condições precisas de possibilidade de emergência histórica.

<sup>277</sup> CANGUILHEM *apud* GUTTING, 2016, p. 105.

<sup>278</sup> Crítica vinda, na verdade, de Sartre originalmente estendida, segundo Defert, também a Althusser (DEFERT *apud* FALZON, O’LEARY; SAWICKI (org.), 2013, p. 34).

<sup>279</sup> Cf.: MIRANDA, 2013, p. 249.

<sup>280</sup> *The order of things in* FALZON; O’LEARY; SAWICKI (ed.), 2013.

<sup>281</sup> Foucault participa de uma transmissão radiofônica na época trazida com o título *Outros espaços*. O texto será trazido novamente, em 1967 (cf.: DEFERT *apud* FALZON, O’LEARY; SAWICKI, 2013, p. 36). O conceito-chave é *heterotopia*, cujo cerne, grosso modo, é o estudo dos saberes que criam espaços de exclusão, de circunscrição dos marginais da razão. Esforço que ele já havia realizado na *História da loucura*, de acordo com Gordon (*apud* FALZON, O’LEARY; SAWICKI, 2013, p. 89).

<sup>282</sup> Segundo Grace (*apud* FALZON; O’LEARY; SAWICKI (ed.), 2013), Eribon (1993: 156 – 168; 1994: 163 – 183 [referências dela]) afirma que Foucault não consegue traçar uma linha precisa que demarcaria o que o diferencia do estruturalismo – quanto a Foucault e psicanálise, Eribon circunscreve a crítica foucaultiana nos termos de uma desconstrução do homem de desejo (Allen, 2018, p. 172), o que deixa a desejar pois deixa passar uma série de aspectos que aqui intencionamos trazer. Pode-se facilmente rastrear nos ditos e escritos as diversas ocasiões, principalmente em 1970 e 1980, nas quais Foucault afirma que não é estruturalista. As declarações mudaram, pois, na década de 1960, quando lhe é imputada a filiação ao estruturalismo, ele endossa de bom grado. Exceto quando essa filiação é-lhe imputada por Sartre (cf.: *Foucault responde a Sartre* (1968) in D&E, vol. VII). O debate é extenso e, baseando-nos nestas declarações díspares, como é comum em outras problemáticas de sua obra, pouco pode ser trazido de contribuições baseando-se apenas nas entrevistas.

<sup>283</sup> Engrossam as fileiras das ciências humanas: sociologia, psicologia e “a ciências da literatura e mitologia”, nascidas no final do séc. XIX. Entretanto, o escopo das ciências humanas não inclui linguística, economia, etnologia e psicanálise (cf.: MANIGLIER *apud* FALZON, O’LEARY; SAWICKI, 2013, p. 120, nota nº 2).

Por exemplo, apenas no final do séc. XVIII é que o homem será objeto de interesse para outros seres humanos enquanto uma dupla substância ontológica – concomitantemente das ciências humanas e da filosofia. Destarte, o objetivo da arqueologia é duplo, segundo Maniglier: (i) minar as bases de conceitos pseudo-eternos e (ii) mostrar que, por sua temporalidade mesma, esses conceitos – por exemplo, trazendo para Foucault: homem, loucura<sup>284</sup> e prisão – podem morrer. Nesse prisma, *As palavras e as coisas* é também uma tentativa de superar o conceito de Homem, presente, por exemplo, no dilema kantiano enquanto fundamento necessário da filosofia e objeto legítimo do conhecimento científico – conceito que guia o trabalho filosófico desde então.

De acordo com Foucault, é sabido que a filosofia moderna confere dois papéis ao Homem. Enquanto fundamento de todas as positivities e enquanto algo presente no “elemento das coisas empíricas”. O que o *a priori* histórico do séc. XIX assegurará é o segundo papel, fazendo-o aparecer enquanto objeto do corpo discursivo, aos cuidados das ciências humanas. As chamadas ciências humanas não herdariam um problema previamente delineado, como que um espaço vazio, no qual seus métodos científicos e positivos vêm a ocupar seu papel, desbravando o homem empírico ou a “natureza humana”<sup>285</sup>.

Teremos Homem, então, constituído não como uma coisa, mas como uma questão, sendo a chave para o entendimento do projeto do livro a correlação entre o ordenamento das coisas e a emergência da questão do Homem. Há uma relação entre os diferentes modos como as coisas foram ordenadas e o surgimento das ciências humanas em fins do séc. XVIII. Maniglier chama atenção para a redutibilidade hoje vigente de considerar o Homem enquanto um objeto do conhecimento científico dentre outros. A proeminência do Homem na tradição filosófica não se deve ao fato inédito até o séc. XVIII dele ser considerado como duplo, que faz ciência e que é objeto da mesma. Maniglier lembra que a concepção do Homem enquanto duplo não é nova, entretanto, nesses termos, o tratamento epistemológico que divide internamente o Homem toma o espaço dos duplos metafísicos que o concebem como uma adição de duas

---

<sup>284</sup> Ou, ainda, a culminância da loucura em Lacan e o abandono da pretensão de cura: “todo mundo é louco, isto é, delirante” (MILLER, 2011, p. 10). Se nos detivermos no exame de Foucault à loucura, pode ser analogamente entrevisto o destino de modificação conceitual do homem: a partir das mudanças dos solos teóricos que permitiram que a loucura passasse de uma quase indiferença na Renascença para ser na modernidade uma patologia que está em todos nós e em estado de latência. A inquietação de Foucault passa inevitavelmente pela questão: o que possibilitou as modificações nos tratamentos da loucura e nas considerações do problema da existência humana, no decorrer da história dos saberes e o que querem esses saberes ao reivindicar determinado objeto para si?

<sup>285</sup> FOUCAULT, 2000, pp. 475-476.

substâncias. Neste sentido, a antropologia de Kant<sup>286</sup> inaugura a problemática que Foucault problematiza.

Nosso pensador produz, em 1961, depois de um hiato de quatro anos, até onde nos foi dado saber, – sendo seus últimos textos, de 1957 – um texto além de sua já mencionada tese: a tradução da *Antropologia de um ponto de vista pragmático*, de Kant com um comentário de notas claramente nietzscheanas, como apontou Hyppolite no quando de sua submissão aos juízes da comissão julgadora<sup>287</sup>.

Elaborada ao longo de 25 anos, a *Antropologia de um ponto de vista pragmático* de Kant, aparece em 1798<sup>288</sup>. Oferecendo, então, uma maneira de contornar o chamado por ele ímpeto constitutivo que se expressa na *vontade própria*, sempre disposta a uma liberdade incondicionada. Liberdade esta cuja latência, aponta Sardinha, está expressa num abuso de poder, sempre prestes a ser exercido em relação a si e aos seus semelhantes: tal como o gado é amansado, compara Kant, a força da animalidade deve ser enfraquecida<sup>289</sup>.

Defendendo, assim, o que afirma ser a constituição ontológica do homem – a *humanidade* e a tendência natural à *animalidade*, sempre presente e mais potente que a primeira, sendo a animalidade o “caráter primeiro e fundamental do gênero humano”<sup>290</sup>.

O comentário de Foucault à *Antropologia* serve-nos mais em relação às ciências humanas que em relação à loucura. Destarte, três aspectos que direcionam a um questionamento: pelo viés pragmático, não adentrando Kant no campo fisiológico, acerca do que a natureza faz do homem, a antropologia deve ocupar-se do que o homem faz ou pode ou deve fazer de si mesmo, enquanto “ser livremente ativo”. Segundo Pimenta, “o foco é nas técnicas pelas quais o homem vem a ser o que é no mundo – e quando Kant fala em ‘mundo’ e

---

<sup>286</sup> Não muito distante da metafísica tradicional, Kant situa no Homem dois aspectos, sensível e inteligível através das inclinações para o bem e para o mal, sendo a inclinação primeira uma disposição inata. O que desemboca – por linhas que não adentraremos – na defesa de uma educação que visa ao desenvolvimento do bem a partir do mal. Segundo Sardinha, “deste ponto de vista, se foi preciso matar o Homem, foi porque não se podia mais compreendê-lo a partir da divisão entre o bem e o mal e que se impunha pensar para lá desta fronteira. Cf.: SARDINHA, 2008, p. 55.

<sup>287</sup> Éribon (*apud* TERRA, 1997) atesta que Hyppolite e Gandillac no quando do exame à tradução (tese complementar) apontaram, além de Nietzsche, que a tradução deveria ser revisada, indicando que houvesse no texto apresentado uma separação em duas partes: a tradução e uma edição crítica do texto kantiano. Como já dissemos, o texto só veio a publicação na França em 2008.

<sup>288</sup> Segundo Pimenta (2007, p. 128), a *Antropologia* não é um livro propriamente, mas, preferivelmente, uma reunião de apontamentos revisados pelo próprio Kant e publicados no ano em que ele se retira de suas funções de docente na Universidade de Königsberg. É fruto de um curso de mesmo nome ministrado por 25 anos. Período que cobre o surgimento da *Crítica da razão pura* e o estabelecimento de seu sistema filosófico. Acerca dessa obra, ainda segundo Pimenta, Foucault em sua tradução e comentário à *Antropologia*, recomenda que seja lida em conjunto com o *corpus* kantiano.

<sup>289</sup> Cf.: KANT *apud* SARDINHA, 2008, p. 51.

<sup>290</sup> SARDINHA, 2008, p. 52.

em ‘conhecimento do mundo’ o que está em jogo é a investigação transcendental das práticas do homem em sociedade”<sup>291</sup>. O que entrevê os três aspectos precedentes é o questionamento, que antes aparece antes no final da *Crítica da razão pura*, na ética, na *Lógica* kantianas e agora na antropologia<sup>292</sup>: *o que é o homem?*<sup>293</sup> Questão esta que inaugura o que Foucault chamará no livro de 1966, nos trilhos de Nietzsche e Heidegger<sup>294</sup>, de modernidade<sup>295</sup>.

O filósofo de Königsberg desenvolve duas problemáticas sobre o ser do homem. A primeira, que interessará a Foucault, é inédita. Trabalhada como uma mudança radical no modo de percepção do objeto, referindo-se ao modo de tematização do homem enquanto sujeito transcendental e objeto do conhecimento; a segunda, na linha do que se havia teorizado sobre o “fenômeno” humano, sobretudo na metafísica anterior a Kant, concebendo-o substancialmente enquanto um duplo de animalidade e humanidade.

Contudo, o surgimento do homem enquanto objeto não é um ponto pacífico. Encontrar o homem ao lado da vida, da linguagem e do trabalho enquanto inexistentes nas investigações dos sécs. XVII e XVIII é, sem dúvida, uma afirmação forte. As chamadas ciências humanas surgem quando o Homem se mostra como o que é necessário pensar e o que se deve saber. A primeira parte uma sorte de produto das três perguntas da *Lógica* Kantiana (que posso saber? que devo pensar? que me é permitido esperar?), que abrem caminho à pergunta *Was ist der Mensch?*, questões abordadas por Foucault no capítulo anterior, acerca do problema do sono antropológico das ciências humanas.

Foucault pede que o olhar se volte ao *a priori histórico*, para as condições de emergência, como bem sintetiza Candiottto<sup>296</sup>, deste objeto Homem. O surgimento do Homem é um acontecimento na ordem do saber, não se tratando de mera opinião, como assevera Foucault.

Com isso nosso filósofo não quer deixar de lado os gatilhos para o surgimento desta ou daquela ciência humana, tais como a psicologia. Esta, de acordo com o trazido por ele,

<sup>291</sup> KANT *apud* PIMENTA, 2007, p. 129.

<sup>292</sup> Cf.: PIMENTA, 2008, p. 241.

<sup>293</sup> Como bem aponta a interpretação de Sardinha (2008, p. 54), o homem nasce na antropologia kantiana como intersecção de três aspectos da violência: “a da animalidade no homem (violência primeira), a do extravasamento de cada um sobre os seus próximos (violência sempre possível), enfim a da educação pela disciplina (violência necessária)”.

<sup>294</sup> Cf.: SARDINHA, 2008, p. 57.

<sup>295</sup> Não há de se tratar, portanto, aqui, de analisar o homem enquanto produto das disciplinas – o que tomará, de certo modo, a produção de Foucault da década seguinte. Mas há de tratar a presente seção da originalidade da questão mesma acerca do que é o homem, tal como levantada por Kant e as implicações dessa originalidade.

<sup>296</sup> CANDIOTTO, 2006, p. 67.

difícilmente surgiria sem a imposição das novas normas industriais aos indivíduos no decorrer do séc. XIX ou ainda da emergência da reflexão sociológica, por ocasião do advento da Revolução e as implicações de eventos assim para o equilíbrio social. Desse modo, suas condições de possibilidade e sua emergência se dão pelo acontecimento mesmo de o Homem, pela primeira vez em sua história, a despeito de teorias que tematizam o homem social ou o homem individual, ter-se tornado objeto de ciência. Diz Foucault:

O campo epistemológico que percorreram as ciências humanas não foi prescrito de antemão: nenhuma filosofia, nenhuma opção política ou moral, nenhuma ciência empírica, qualquer que fosse, nenhuma observação do corpo humano, nenhuma análise da sensação, da imaginação ou das paixões, jamais encontrou nos séculos XVII e XVIII, alguma coisa como o homem; pois o homem não existia (...) <sup>297</sup>.

Enquanto um duplo empírico-transcendental no âmbito do saber, o homem é condição de possibilidade do aparecimento das ciências humanas <sup>298</sup>, caracterizadas não pela bruta tematização do homem, mas pela representação que faz dos objetos das ciências empíricas <sup>299</sup>. Aparecimento possível graças a intersecção do ser do homem, tendo de um lado a experiência (enquanto um ser vivo, voltado para o trabalho, e falante), e, de outro, fora da experiência, enquanto sua condição de possibilidade. Segundo Han-Pile <sup>300</sup>, “uma vez que a experiência é possível apenas pela mediação entre o corpo, formas e normas sociais e a linguagem”.

Uma vez “de pé” essa figura, veremos como o conceito de inconsciente entrevê seu desaparecimento.

---

<sup>297</sup> FOUCAULT, 2000, pp. 476-477.

<sup>298</sup> MIRANDA, 2013, p. 252.

<sup>299</sup> Ibid. p. 259.

<sup>300</sup> HAN-PILE, Béatrice. Phenomenology and anthropology in Foucault’s “introduction to Binswanger’s *Dream and existence*”: a mirror image of the *Order of things*?. **History and Theory**, Theme Issue 54 (December 2016), pp. 7-22.  
a mirror image of the order of things?

### 3.5 OS INCONSCIENTES E A ARQUEOLOGIA: OS POTENCIAIS DAS CONTRACIÊNCIAS<sup>301</sup>

- Elkabbach: *Então, como você define seu trabalho?*

- Foucault: *Meu trabalho? Sabe, é um trabalho muito limitado. Muito esquematicamente é o seguinte: tentar encontrar na história da ciência, dos conhecimentos e do saber humano alguma coisa que seria como seu inconsciente*<sup>302</sup>.

Numa conferência nos Estados Unidos, em 1910, Freud preleciona suas *Cinco lições sobre psicanálise*, cujo cerne é mostrar a especificidade do novo saber e a possibilidade de um saber teórico que segue ao largo do saber médico. Reminiscências, conversão histórica, repressão, sexualidade e inconsciente são abordados, mesmo que breve e introdutoriamente para demarcar teoricamente a psicanálise diante da psicologia, medicina e outros tratamentos clínicos. Nos detenhemos brevemente em relação a noção de inconsciente oferecida nessa conferência.

O inconsciente trata-se de uma instância cuja ligação com instâncias conscientes pode passar despercebida. O indivíduo não tem acesso direto ao seu conteúdo, mas, não obstante, acompanha cada um dos seus atos ordinários. Desta arte, o processo de repressão é assim narrado:

Imaginem que nesta sala e neste auditório, cujo silêncio e cuja atenção eu não saberia louvar suficientemente, se acha, no entanto, um indivíduo comportando-se de modo inconveniente, perturbando-nos com risotas, conversas e batidas de pé, desviando-me a atenção de minha incumbência. Declaro não poder continuar assim a exposição; diante disso alguns homens vigorosos dentre os presentes se levantam, e após ligeira luta põem o indivíduo fora da porta. Ele está agora ‘reprimido’ e posso continuar minha exposição. Para que, porém, se não repita o incômodo se o elemento perturbador tentar penetrar novamente na sala, os cavaleiros que me satisfizeram a vontade levam as respectivas cadeiras para perto da porta e, consumada a repressão, se postam como ‘resistências’. Se traduzirmos agora os dois lugares, sala e

<sup>301</sup> Pretendemos, na pesquisa do doutorado aprofundar essa questão, aqui brevemente trazida, quase que na forma de um adendo às contribuições de 1966. Foucault afirma em, pelo menos, duas passagens que seu objetivo é sondar o que chama de inconsciente cultural. A primeira vez, na década de 1960, na dita fase “arqueológica” e, outra, na década de 1970, na “genealógica”. Será investigada ulteriormente a possibilidade mesma de um inconsciente foucaultiano, ou seja, o de ler as obras e entrevistas dos dois momentos e traçar uma definição, à luz de Lacan, pois cremos lá estar aparentado; para isso buscaremos as definições de inconsciente em Freud e Lacan, de modo a determinar com acuracidade as dívidas teóricas de nosso filósofo ou, investigar o modo como ele torce as duas noções que ele conhecia bem, para delas fazer instrumento de análise. Se a psicanálise em 1966 é instrumento de crítica, como disso atesta Alain-Miller (1989), a noção de inconsciente figuraria enquanto um aspecto dessa ferramenta.

<sup>302</sup> 1968: *Foucault responde a Sartre*. D&E, vol. VII, p.172. Na mesma entrevista, Foucault, depois de ter sido perguntado sobre o estruturalismo, sugere jocosamente que a pergunta seja dirigida a Sartre, que certa feita afirmou formarem um grupo coerente: Lévi-Strauss, Althusser, Dumézil, Derrida, Lacan e Foucault.

vestíbulo, para a psique, como ‘consciente’ e ‘inconsciente’, os senhores terão uma imagem mais ou menos perfeita do processo de repressão<sup>303</sup>.

O inconsciente, portanto, nessa analogia da repressão<sup>304</sup>, é a dimensão psíquica não submissa, indócil, que pode passar toda a existência do indivíduo operando sem tornar-se conhecida pelo próprio indivíduo. Esta dimensão determinante evidencia o que Freud chama “luta ativa”, entre si, de dois “agrupamentos psíquicos”.

Durante o sono as defesas do inconsciente, que dificultam o acesso ao seu “conteúdo”, ficam menos ativas, revelando desejos<sup>305</sup> e características régias das condutas do indivíduo – de seu modo de organização da realidade ao modo de relação consigo e com os outros<sup>306</sup>. Assim sendo, trata-se também de uma instância comportamental determinante.

Além do mais, é sabido das pretensões de Freud em fundar o inconsciente na biologia, para imputar-lhe um estatuto sólido, enraizado no prestígio dessa ciência. Enunciadas essas características, gostaríamos de abordar, na presente seção, o “indivíduo” atrás da porta ou o sono antropológico das ciências humanas – que pretende ser a *talking cure*, por meio da qual, o inconsciente das ciências humanas dá-se, laboriosamente, a ser conhecido. E, partindo disso, explorar os papéis da etnologia e da psicanálise – saberes ausentes do bloco significativo e plural das ciências humanas –, no último capítulo d’*As palavras e as coisas*<sup>307</sup>. Análise, segundo a qual as estruturas régias das ciências humanas são evidenciadas nessa tentativa pela via arqueológica de desbiologizar o inconsciente, explorando-o principalmente a partir da ressignificação lacaniana do termo, enquanto estruturado como uma linguagem.

O desaparecimento do Homem estaria condicionado à união entre psicanálise e etnologia. Foucault, em 1966, especulava os saltos que daria a etnologia caso estudasse os “processos inconscientes” que caracterizariam uma “determinada cultura”. Isso minaria, de acordo com o desejo do nosso filósofo, não apenas a figura do Homem, mas seu correlato na filosofia expresso no *ego*.

<sup>303</sup> FREUD, Sigmund. **Obras completas**, vol. 11, p. 18.

<sup>304</sup> Na primeira aula do curso *Em defesa da sociedade*, Foucault nos mostra como opera a arqueologia e a genealogia. Fazendo uma analogia nos termos da anedota de Freud temos: os homens estabelecidos que seguram a porta e o indivíduo que achincalha são, respectivamente, os saberes estabelecidos e os saberes indóceis, sempre a desafiar a estrutura e integridade – ainda que “performática”, em termos coloquiais – dos saberes instituídos. Os esforços de Foucault vão na direção da remoção da porta entre os dois públicos (consciente e inconsciente, na anedota freudiana), de forma que os dois tipos de saber sejam formalmente apresentados.

<sup>305</sup> A relação entre sonho e desejo surge no final do séc. XIX. Cf.: FOUCAULT, 2003, p. 130.

<sup>306</sup> Cf. FREUD, Sigmund. *Cinco lições de psicanálise in Obras completas*, vol. 11, p. 24.

<sup>307</sup> FOUCAULT, 2000, p. 526.

Entrevistado em 1966, Lacan faz uma afirmação acerca de Foucault que nos diz algumas características das apropriações dos potenciais do inconsciente pelos dois. “Em relação a Foucault, ele segue o que faço e eu amo seu trabalho, mas eu não o vejo muito preocupado com a posição de Freud”<sup>308</sup>, diz Lacan nesta ocasião.

A afirmação de Lacan, de acordo com o que alguns estudiosos e defensores da ortodoxia freudiana argumentam, estende-se também a ele. A mesma não preocupação com a posição freudiana estaria presente nas linhas do psicanalista francês. Nesse sentido, os desenvolvimentos acerca do inconsciente estrutural não estariam de acordo com o texto freudiano. Por exemplo, Laplanche (ex-aluno e crítico de Lacan) problematiza uma descaracterização do texto freudiano através de sua imbricação com a filosofia. Junção que, na avaliação dele, e de Roustang, seria perniciosa aos olhos de Freud<sup>309</sup>.

Isso nos traz um aspecto acerca da recepção de Freud, na cena intelectual francesa influenciada pela etnologia lévi-straussiana, como bem aponta Grace. Segundo ela, o cerne do que será desenvolvido nessa atmosfera (leia-se por Foucault e Lévi-Strauss e, de certo modo, por Lacan) é o inconsciente saindo das barreiras do “sujeito” e sendo utilizado de forma plural para uma crítica da cultura e da formação (e “comportamento”) dos saberes<sup>310</sup>.

O problema da apropriação do inconsciente por Foucault<sup>311</sup> é, segundo Grace, um problema difícil: Foucault endossa o “bebê” inconsciente, mas joga fora a água sexual do banho<sup>312</sup>. Diante disso, quais, então, seriam as formas segundo as quais Foucault se apropriaria do inconsciente freudiano de modo que o conceito seja uma chave de leitura fundamental para sua arqueologia?

Para que compreendamos esta apropriação, temos que entender o esforço de Foucault em reunir elementos da etnologia e a psicanálise, cruzando-se ambas, segundo ele, enquanto “duas linhas diferentemente orientadas”. No caso da etnologia, em vez de definir-se pelo estudo das sociedades sem história, deveria buscar “deliberadamente seu objeto do lado dos processos

<sup>308</sup> <http://www.valas.fr/Sartre-contre-Lacan-bataille-absurde.182>. Devemos esta referência ao artigo de Grace no *Companion a Foucault* (FALZON; O’LEARY; SAWICKI (org.), 2013).

<sup>309</sup> Cf.: LAPLANCHE, 1992;1972 *apud* Grace *apud* FALZON; O’LEARY; SAWICKI (org.), 2013, p. 232).

<sup>310</sup> Grace afirma que cada um dos três mencionados assassinou incontornavelmente, de algum modo, o pai – Freud (cf.: Grace *apud* FALZON; O’LEARY; SAWICKI (org.), 2013, p. 234).

<sup>311</sup> Uma especificidade de Lacan e Foucault, segundo Grace é levar o inconsciente para áreas não “sonhadas por Freud” (GRACE *apud* FALZON; O’LEARY; SAWICKI (org.), 2013, p. 231). Diante disso, aqui não será trazida uma reflexão na direção de uma perquirição preocupada se Lacan ou Foucault são freudianos. Mas será problematizado o fato de ambos tomarem o conceito como ponto de partida ou ferramenta para fazer suas análises singulares, de forma diversa.

<sup>312</sup> Cf. GRACE *apud* FALZON; O’LEARY; SAWICKI (org.), 2013, p. 227.

inconscientes que caracterizam o sistema de uma dada cultura”; colocaria, assim, a historicidade onde exatamente se desenrolou a psicanálise. Prossegue ele:

Definiria como sistema dos inconscientes culturais o conjunto das estruturas formais que tornam significantes os discursos míticos, dão as regras que regem as necessidades sua coerência e imprescindibilidade, fundam, não na natureza, não nas puras funções biológicas, as normas de vida<sup>313</sup>.

Foucault, a contragosto de suas análises retrospectivas futuras, em entrevista coloca o inconsciente como estrutural. Diferente da acepção de Jung, de um inconsciente cultural e da noção freudiana de inconsciente individual, Foucault instrumentaliza-se com uma noção peculiar do termo (obscura para nós e para Grace, uma das poucas que trata do tema). O inconsciente foucaultiano estaria em vigor “na linguagem, no pensamento formal e em certas estruturas sociais”, que se estende à “estrutura inconsciente da linguagem, da obra literária e do conhecimento”. Foucault dá-se conta disso ao analisar a história dos conhecimentos, percebendo que havia neles uma dimensão – certas necessidades e regularidades – que lhes escapava, que agia sobre eles sem que eles se dessem conta, e que não está presente no consciente dos indivíduos, arrematando com a afirmação: “há um inconsciente nas ciências”<sup>314</sup>.

A noção, de acordo com Grace, seria devedora da recepção estrutural do conceito freudiano, presente em Lévi-Strauss e Barthes, por exemplo, onde haveria uma certa noção de *inconsciente social*. Para Roustang, também dissidente lacaniano, foi a ideia de enxertar no inconsciente a antropologia estrutural e a linguística de Lévi-Strauss que seduziu Lacan. O que, na prática significa uma alteração irrevogável na posição freudiana<sup>315</sup>. Para Roustang e Laplanche, a mistura da linguística com a psicanálise seria uma apropriação indevida de Freud. O problema apontado por eles, como um efeito não desejado, sumariza a posição do inconsciente estruturalista enquanto análise cultural para além do indivíduo.

Perante a inadequação em explicar o discurso humano, pautando-o pelas intenções do sujeito, as ideias do inconsciente e da linguagem enquanto estrutura ajudam a responder a esse problema, aplicando a ideia do inconsciente estruturado como uma linguagem em relação à história. Grace vê uma oportunidade que Foucault imputa a Lacan: a ampliação dos horizontes do inconsciente freudiano, circunscrito ao feudo dos domínios do incesto, para, nas palavras de

<sup>313</sup> FOUCAULT, 2000, pp. 526-527.

<sup>314</sup> Cf.: 1968: *Foucault responde a Sartre in D&E*, vol. VII. Devo esta referência e as linhas sobre os dissidentes lacanianos, defensores de uma ortodoxia freudiana, ao artigo de Grace.

<sup>315</sup> ROUSTANG *apud* GRACE *apud* FALZON; O’LEARY; SAWICKI (org.), 2013.

Grace, “famílias de ideias diferentes”<sup>316</sup>. Quando Foucault coloca juntos em “sistematicidade”, segundo Grace, “formas de discurso, conceitos, instituições e práticas” como inconscientes – não seria o inconsciente freudiano, mas seria inconsciente do mesmo jeito –, mas não no sentido freudiano, é a forma de Foucault distorcer a posição estruturalista, afastando-se dela<sup>317</sup>.

Ou seja, diante do exposto, Foucault, de certa forma, se antecipa à união epistêmica entre psicanálise e etnologia – pois, não está claro se o Homem é desfeito nas obras subsequentes. Ele mesmo opera uma fusão das duas e utiliza o resultado na forma de um *inconsciente arqueológico* para o tratamento da história. Nesse sentido, a psicanálise se torna, através, digamos, do bebê bastardo do inconsciente, instrumento de crítica ao estabelecimento dos saberes sobre o Homem.

Finalmente, a psicanálise, torcida e apresentada irreconhecível às visões mais ortodoxas, graças ao modo de pesquisa arqueológico, sofre no discurso foucaultiano uma diferença significativa, longe das ambivalências usualmente imputadas à essa relação. Contudo, trata-se de apenas uma “paragem”. No devir das obras posteriores a 66, ela será novamente objeto de um jogo crítico permanente onde aparecer.

---

<sup>316</sup> GRACE *apud* FALZON; O’LEARY; SAWICKI (org.), 2013, p. 233.

<sup>317</sup> Os termos desse afastamento do estruturalismo podem ser conferidos no *Foucault e os freudianos* in FALZON; O’LEARY; SAWICKI (org.), 2013, pp. 226-242.

#### 4 CONCLUSÃO

Utilizando da conferência proferida ante a *Sociedade francesa de filosofia*<sup>318</sup>, Gutting pretende mostrar o contraste entre Kant e Foucault em suas concepções de filosofia. Se, por um lado, o intuito de Kant é desenvolvido brevemente como o estabelecimento dos limites do conhecimento – ou até onde pode ir a razão –, bem como na descrição das estruturas apriorísticas transcendentais do entendimento, que possibilitam o conhecimento, por outro, o chamado “projeto de crítica histórica” de Foucault tem a tarefa de descobrir as estruturas de limitação do pensamento. Seus termos de uma *crítica da razão*, desse modo, são muito distantes dos kantianos. A coragem do Iluminismo está no uso que o homem faz da própria razão, de acordo com Kant; razão esta, a única autorizada a tutelar sobre cada um de seus portadores nas questões relacionadas ao que pode ser conhecido, o que precisa ser feito e o que pode ser esperado<sup>319</sup>.

Segundo Foucault, na aludida conferência, a questão de Kant em nosso tempo mudou: trata-se agora de desnudar as estruturas apontadas como necessárias, universais e obrigatórias, mostrando a singularidade, a contingência e produto de limitações arbitrárias das estruturas que nos açambarcam, de modo que as investigações se pautem por uma prática crítica que “tome a forma de uma possível transgressão”<sup>320</sup>.

Diante dessa espécie de antifilosofia que boa parte dos grandes filósofos clamam a si, esperamos ter estabelecido com elementos suficientes nossa leitura do recorte proposto da obra de Foucault. O maior desafio foi o de trabalhar com textos que fogem do propósito de um *corpus* teórico, rigoroso, e sem um debate consolidado. No contraste com Kant e a elaboração de sua *Antropologia*, Foucault não passaria cerca de 30 anos preparando um texto, mas, baseando-se no que houve com sua história da sexualidade e na sua relação com a própria obra, nosso autor está longe de ter permanecido o mesmo durante a produção do que hoje se chama *corpus foucaultiano*.

Estivemos diante de uma obra – apesar de o próprio “autor” não acreditar nisso de uma “obra” – que vai se transformando, transformando o autor e transformando o leitor desde a ligeira sedução fenomenológica à crítica da constituição da loucura enquanto alienação mental

---

<sup>318</sup> Kant ocupa lugar central na conferência de 1978, *O que é a crítica?* Foucault faz de trampolim o artigo de Kant *O que é o Iluminismo?* para falar de condutas e contracondutas, estas como o cerne do que chamou *atitude crítica*. O ponto central do artigo de Kant é afirmar que o homem, depois de muito tempo tutelado e com “preguiça” de usar o próprio entendimento, seja pelo padre ou pelo médico, agora é convidado a utilizar do próprio entendimento para as mais diversas questões de sua vida.

<sup>319</sup> GUTTING, 1989, pp. 3-4.

<sup>320</sup> FOUCAULT *apud* SCHMIDT, 1996, p. 383.

e patologia. Foi visto no decorrer do texto que as temáticas e interesses de Foucault são múltiplos e que o papel da psicanálise, à exceção de 1966 e 1976, quando ela aparece no texto, é sempre secundário, de lugar circunscrito e coadjuvante.

Foi necessário insistirmos na questão das problemáticas mais do que gostaríamos, por tratar-se de uma questão hermenêutica de primeira ordem. De fato, diante do conflito entre eixos apresentados usualmente pelos comentadores, das análises retrospectivas pelo próprio Foucault, a posição de Birman, Machado e Nalli nos pareceu mais plausível. Estávamos diante de algo que não se vê comumente em filosofia: um pensador que não leva uma ideia ou conceito do início até o fim de sua obra, ou preocupado apenas com um objeto de pesquisa.

Vê-se, diante do analisado, que não tivemos elementos suficientes para imputar um eixo como a verdade *ou* o sujeito *ou* o poder ao recorte-objeto de inquirição. Do contrário: se quiséssemos colocar a inquirição foucaultiana em termos de história crítica da verdade, certamente agruparíamos comentários críticos a diversos *extratos textuais* dos diversos textos da bibliografia ora trazida. Os textos de 50 tocam na questão da verdade e, secundariamente, do sujeito, é evidente. Tanto na preocupação fundacional com a psicologia, na excelência da dasein-análise sobre a psicanálise, ou sobre a construção histórica da verdade da loucura (onde, pela primeira vez, pode-se ver na obra de Foucault, ele trabalhar o produto do entrecruzamento de práticas sociais e dos saberes que criam realidades sociais); ou na análise dos motivos do enclausuramento na Época Clássica, parametrizada *também* na relação entre homem e verdade (ou o louco e homem verdadeiro).

Contudo, de nenhum dos chamados *eixos principais* por boa parte dos comentadores exaure o *core* dos trabalhos examinados. A fase, se é que podemos à luz dos textos chamar assim, entre 50 e 61 é a que mais traz referências à psicanálise. Dizemos com Chaves que as referências à psicologia e à psicanálise vão se desvanecendo ao longo do devir textual foucaultiano, tornando-se quase perdidas de tão cifradas ou referentes às quase que filigranas das posições psicanalistas. Em 50, há um exame às contribuições de Freud – Foucault utiliza-se de diversos textos de diversos períodos da bibliografia do psicanalista – sempre comparadas aos saberes vigentes e criticadas no palco da problemática predominante; Foucault lá imputa à necessidade de se pensar a doença mental à luz das práticas econômicas do capitalismo; e adianta uma tese marcante, diríamos, de seu trabalho, que consiste em afirmar que o conhecimento cria formas sociais (mas que isso lhe foge ao controle, pois as formas que se almeja encarnar nem sempre saem como o previsto).

Com diversas referências bibliográficas Foucault, como foi visto, transgride o escopo de seu “cercado” e visita, entre outros, Freud e Binswanger, não para demonstrar a impossibilidade da psicologia, da *daseinanálise* ou da psicanálise (enquanto corpus teórico ou enquanto discursos ou instituições). Numa espécie de ensaio psicologista, suas linhas da década de 1950 tratam mais do levantamento do estatuto desses saberes e em quais pontos a psicanálise ou a *daseinanálise* pode suprir as deficiências teóricas e preconceitos epistêmicos da psicologia – o que entraria, a nosso ver, em convergência, por exemplo, com o destinado às *contraciências*, n’*As palavras e as coisas*. Ou seja, o movimento é o mesmo e a tematização da psicanálise no escopo analisado será sempre no sentido de uma apropriação crítica.

Pretendemos ter trazido elementos mínimos para corroborar com a leitura em forma de problemáticas além de requisitos mínimos que sustentem entre os textos de 50 a 66, a permanência de uma consideração crítica à psicanálise nas formas de erros, acertos e apropriações, à luz de uma problemática determinada.

Tanto a questão da significação, nas inquirições do jovem Foucault à *daseinanálise*, como a questão do estatuto da psicologia são preocupações recorrentes em sua produção de 1950 – com a psicanálise freudiana sempre à baila nas discussões do período. Nisso, Whitebook está parcialmente correto, em nossa leitura, ao defender uma preocupação com uma espécie de reforma da psicologia “de dentro”, nos textos de 1950<sup>321</sup>. Preocupação que estaria ausente, acreditamos, nas investigações à *daseinanálise*, tendo validade aos outros três textos do período – mais evidentemente num texto chamado *A pesquisa científica e psicologia*, de 1957, que traz a psicanálise para refletir sobre a situação da psicologia naquele quando.

Não encontramos, na vigência da pesquisa, um estilo de crítica à psicanálise como a do *Livro negro da psicanálise* ou *O psicanalismo* ou, ainda, nos moldes da recente biografia de Freud, que utiliza aspectos pessoais da vida do psicanalista para uma “refutação”<sup>322</sup>. Essas aparições oscilam entre instrumento de crítica, paralela e diferentemente a da chamada Escola de Frankfurt, e objeto da crítica.

Foi visto que, se seguirmos a ideia do inconsciente estrutural, o que Foucault faz é uma “torção”, em seus próprios termos, do inconsciente freudiano, banhando-o nas águas posteriormente malditas do estruturalismo.

<sup>321</sup> Cf.: WHITEBOOK *apud* GUTTING (org.), 2005; 2016.

<sup>322</sup> CREWS, Frederick. **Freud**: the making of an illusion. Metropolitan Books: Nova York, 2017. 768 p.

Da crítica ao naturalismo biologista freudiano por Binswanger, passando pelos preconceitos herdados acriticamente da psicologia à insubordinação da psicanálise à psicologia, na França, à retomada parcial da tradição trágica da loucura e continuação do discurso psiquiátrico (tradição crítica) e à apropriação do conceito de inconsciente: vimos as linhas à psicanálise ganharem cada vez mais robustez até, digamos, ser absorvida pela arqueologia de 1966 e vertida em ferramenta de análise social que, de certa forma, prossegue na dita fase genealógica.

Vimos que, de insustentável em sua hermenêutica onírica diante da *dasein*análise, em sua primeira aparição, a psicanálise percorre uma verdadeira odisseia dentro das problemáticas; e que suas aparições não cessam, mas ganham outros contornos e abordagens de acordo com o problema-objeto de cada problemática.

De toda forma, esperamos ter exposto criticamente a peculiaridade do tratamento à psicanálise. Longe de termos proposto uma abolição de outras formas de leitura, fizemos o possível para mostrar que a leitura proposta pudesse figurar entre as demais, sem nenhum demérito às vigentes. Os inéditos de Foucault não param de chegar e não pretendemos *jamaiz* ter a palavra hermenêutica final – assim como acreditamos não ter Machado essa pretensão, de onde a visão do texto partiu.

Por fim, o presente texto, como se viu, não se encontra concluído. Pretendemos, em outras oportunidades, principalmente, percorrer a leitura foucaultiana do inconsciente, aqui não suficientemente trabalhada, além das reconstruções problemáticas que nos interessa.

## REFERÊNCIAS

### Obras de Michel Foucault

FOUCAULT, MICHEL. **Abnormal**. Tradução: Graham Burchell. Londres: Verso, 2003.

\_\_\_\_\_. **About the beginning of the hermeneutics of self**. Lectures at Dartmouth College, 1980. Tradução: Graham Burchell. The University of Chicago press: Chicago, 2013.

\_\_\_\_\_. **Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento**. *In*: Ditos & Escritos II. Tradução: Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013b.

\_\_\_\_\_. **Arte, Epistemologia, Filosofia e História da Medicina**. *In*: Ditos & Escritos VII. Tradução: Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011b.

\_\_\_\_\_. **A Hermenêutica do Sujeito**. Tradução: Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2011a.

\_\_\_\_\_. **As Palavras e as Coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. Tradução: Salma Thannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

\_\_\_\_\_. **Do governo dos vivos**. Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: wmfMartins Fontes, 2014c.

\_\_\_\_\_. **Em Defesa da Sociedade**. Tradução: Maria E. de A. Prado Galvão. São Paulo: wmfMartins Fontes, 2010.

\_\_\_\_\_. **Estratégia, Poder-Saber**. *In*: Ditos & Escritos IV. Tradução: Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012g.

\_\_\_\_\_. **Ethics, Subjectivity and Truth**. Tradução: Robert Hurley *et al.* Nova York: The New Press of New York, 1997.

\_\_\_\_\_. **Ética, Sexualidade, Política**. *In*: Ditos & Escritos V. Tradução: Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013c.

\_\_\_\_\_. (Org.) **Eu, Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão: Um caso de parricídio do séc. XIX**. Tradução: Denize Lezan de Almeida. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2012h.

\_\_\_\_\_. **Genealogia da Ética, Subjetividade e Sexualidade.** *In:* Ditos & Escritos IX. Tradução: Abner Chiqueiri. Rio de Janeiro: Forense Universitária: 2014a.

\_\_\_\_\_. **História da loucura:** na Idade clássica. Tradução: José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978.

\_\_\_\_\_. **História da Sexualidade I: A Vontade de Saber.** Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. São Paulo: Edições Graal, 2012a.

\_\_\_\_\_. **História da Sexualidade II: O Uso dos Prazeres.** Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2012b.

\_\_\_\_\_. **História da Sexualidade III: O Cuidado de Si.** Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do Poder.** Tradução: Vários. São Paulo: Edições Graal, 2012d.

\_\_\_\_\_. **O Poder Psiquiátrico.** Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2012c.

\_\_\_\_\_. **Os Anormais.** Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

\_\_\_\_\_. **O Nascimento da Clínica.** Tradução: Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013d.

\_\_\_\_\_. **Power.** Tradução: Robert Hurley *et al.* Nova York: The new press, 2000.

\_\_\_\_\_. **Problematizações do Sujeito: Psicologia Psiquiatria e Psicanálise.** *In:* Ditos & Escritos I. Tradução: Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011c.

\_\_\_\_\_. **Repensar a Política.** *In:* Ditos & Escritos VI. Tradução: Ana Lúcia Paranhos Pessoa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011e.

\_\_\_\_\_. **Resumo dos Cursos do Collège de France (1970-1982).** Tradução: Andréa Daher. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

\_\_\_\_\_. **Security, Territory, Population.** Tradução: Graham Burchell. Nova York: Picador, 2007a.

\_\_\_\_\_. **Segurança, Penalidade e Prisão.** In: Ditos & Escritos VIII. Tradução: Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

\_\_\_\_\_. **The Birth Of Biopolitics.** Tradução: Graham Burchell. Nova York: Picador, 2008.

\_\_\_\_\_. **The Government of Self and Others.** Tradução: Graham Burchell. Nova York: Picador, 2011f.

\_\_\_\_\_. **The Politics of truth.** Tradução: Lysa Hochroth e Catherine Porter. Cambridge: MIT Press, 2007b.

\_\_\_\_\_. **Verdade e Subjectividade.** Revista de Comunicação e linguagem. nº 19. Lisboa: Edições Cosmos, 1993. pp. 203-223.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e Punir: O nascimento da prisão. Ver tradução e afins no exemplar de casa.**

\_\_\_\_\_. **Wrong-Doing, Truth-Telling: The Function of Avowal in Justice.** Tradução: Stephen W. Sawyer. Chicago: University Of Chicago Press, 2014b.

### **Literatura auxiliar**

ADVERSE, Helton. Para uma Crítica da Razão Política: Foucault e a Governamentalidade. Revista *Estudos Filosóficos* nº 4 /2010. São João del-Rey, MG. Disponível em:

[www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistaestudosfilosoficos/art1-rev4.pdf](http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistaestudosfilosoficos/art1-rev4.pdf). Acesso em: 10.08.2016.

AGUIAR, FERNANDO; CAMARGO, LUÍS F. ESPÍNDOLA. Foucault e Lacan: o sujeito o saber e a verdade. Rev. Filos., *Aurora*, Curitiba, v. 21, n. 29, p. 531-544, jul./dez. 2009.

Disponível em: <http://www2.pucpr.br/reol/index.php/RF?dd1=3448&dd99=pdf>. Acesso: 17.08.2015.

ALLEN, Amy. Foucault, psychoanalysis, and critique. *Angelaki*, n. 23, vol. 2. pp. 170-186. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/0969725X.2018.1451570>. Acesso em 10.07.2018.

ALLOUCH, JEAN. **A psicanálise é um exercício espiritual?** Resposta a Michel Foucault. Tradução: Maria Rita Salzano Moraes e Paulo Sérgio de Souza Jr. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

BACHELARD, Gaston. **O direito de sonhar.** Tradução de José Américo Motta Pessanha *et al.* Rio de Janeiro: Editora Bertrand, 1994.

BASAURE, Mauro. **Foucault y el Psicoanálisis**: Gramática de un malentendido. Santiago: Editorial Cuartoproprio, 2011.

BIRMAN, Joel. **Entre cuidado e saber de si**: sobre Foucault e a psicanálise. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

\_\_\_\_\_.; HOFFMANN, Christian. **Lacan e Foucault**: conjunções, disjunções e impasses. São Paulo: Instituto Lagange/Université Paris-Diderot, 2017.

CANDIOTTO, César. Foucault: uma história crítica da verdade. **Trans/Form/Ação**, São Paulo, n. 29, vol. 2, pp. 65-78, 2006.

\_\_\_\_\_. CANDIOTTO, César. **Foucault e a crítica da verdade**. Belo Horizonte: Autêntica Editora; Curitiba: Champagnat, 2013.

CHAVES, Ernani. *Entre o elogio e a crítica*. In: **Revista Cult**, São Paulo: n. 4, abr. 2009, v. 134, pp. 48-51.

\_\_\_\_\_. *Foucault e a psicanálise*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988.

CLARK, Michael P. **Jacques Lacan** (Volume I) (RLE: Lacan): An Annotated Bibliography. Routledge: Nova York, 2014.

CREWS, Frederick. **Freud**: the making of an illusion. Metropolitan Books: Nova York, 2017.

DREYFUS, HUMBERT L.; RABINOW, PAUL. **Foucault: Uma Trajetória Filosófica**. Tradução: Vera Portocarrero e Gilda Gomes Carneiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

FORRESTER, John. **The seductions of psychoanalysis**: Freud, Lacan and Derrida. Cambridge: Cambridge University press, 1990.

\_\_\_\_\_.; CAMERON, Laura. **Freud in Cambridge**. Cambridge: Cambridge University press, 2017.

FREUD, SIGMUND. **A interpretação dos sonhos**. Tradução: Renato Zwick. L&PMPOCKET: Porto Alegre, 2017.

\_\_\_\_\_. **Os Pensadores**. Tradução Durval Marcondes e J. Barbosa Correa. São Paulo: Abril, 1978.

GROS, FRÉDÉRIC (Org.). **Foucault: a coragem da verdade**. Tradução: Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editoria, 2013.

GUARESCHI, NEUZA M. DE FÁTIMA; HÜNING, SIMONE MARIA (org). **Foucault e a psicologia**. Porto Alegre: EDPUCRS, 2014.

HADOT, PIERRE. **Exercícios espirituais e filosofia antiga**. Tradução: Flávio Fontenelle Loque e Lorraine Oliveira. São Paulo: ERealizações, 2014.

HAN-PILE, Béatrice. Phenomenology and anthropology in Foucault's "Introduction to Binswanger's Dream and existence": a mirror image of The order of things? **History and Theory**, Theme Issue 54 (December 2016), pp. 7-22.

LACAN, Jacques. **Outros escritos**. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

\_\_\_\_\_. **O seminário livro XII: Problemas cruciais para a psicanálise**. Tradução: Vários. Recife: Centro de estudos freudianos do Recife (publicação para circulação interna), 2006.

LOPARIC, Zeljko. Binswanger, leitor de Heidegger: um equívoco produtivo? **Natureza Humana**. Vol. 4, n. 2, pp. 383-413., jul./dez. 2002.

MACHADO, Roberto. **Foucault, a ciência e o saber**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

MCGUSHIN, EDWARD F. **Foucault's Askesis: an introduction to the philosophical life**. Illinois: Northwestern University Press, 2007.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Tradução: Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

MIRANDA, Heraldo de Cristo. Michel Foucault e a antropologia: *Les mots et les choses* e o elogio à etnologia. Revista de Filosofia, **Aurora**, Curitiba, v. 25, n. 37, p. 245-269, jul./dez. 2013.

NALLI, Marcos A. Gomes. Arqueologia e Epistemologia. **Perspectiva filosófica**. Recife, v. 9, n. 18, jul./dez., 2002.

\_\_\_\_\_. **Foucault e a fenomenologia**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

\_\_\_\_\_. Possibilidades e limites da cura nos textos protoarqueológico de Michel Foucault. **Trans/Form/Ação**, Marília, v. 34, n. 2, p. 135-172, 2011.

NOTO, Carolina S. *A psicanálise para Foucault: Ontologia ou hermenêutica?* **Trans/Form/Ação**, Marília, v. 39, n. 1, p. 57-76, Jan./Mar., 2016;

\_\_\_\_\_. O déficit ontológico da psicanálise: Foucault leitor de Hyppolite. **Doispontos**, Curitiba, São Carlos, v. 14, n. 1, p. 145-157, abril de 2017.

PEREIRA, Mário Eduardo Costa. Sobre os fundamentos da psicoterapia de base analítico-existencial, segundo Ludwig Binswanger. **Revista Latino-americana de Psicopatologia Fundamental**. Vol. IV, n. 1, pp. 137-142. p. 141. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rlpf/v4n1/1415-4714-rlpf-4-1-0137.pdf>. Acesso em: 17.07.2018.

PIZA, Suze. A época das imagens de homem Foucault leitor da Antropologia de Kant. **Revista Natureza Humana**, São Paulo, v. 17, n. 1, 2015, pp. 108-143.

REVEL, JUDITH. **Dicionário Foucault**. Tradução: Anderson Alexandre da Silva. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

RIBAS, Thiago Fortes. Arqueologia, verdade e loucura: considerações sobre o pensamento de Foucault entre 1952-1962. **Dissertação de mestrado**. Curitiba, 2011.

RUDINESCO, ELISABETH *et al.* **Foucault: leituras da história da loucura**. Tradução: Maria Ignes Duque Estrada. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

\_\_\_\_\_. **História da psicanálise na França: A batalha dos cem anos**, Volume I: 1885-1939. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1989. p. 101

SARDINHA, Diogo. A humanidade na animalidade Kant e a antropologia do bem e do mal. **Philosophica**, Lisboa, v. 31, 2008, pp. 51-64.

SCHMIDT, James (ed.). **What is Enlightenment? Eighteenth-Century Answers and Twentieth-Century Questions**. Berkeley and Los Angeles: University of California press, 1996.

SILVEIRA, Filipa C. Sujeito e homem na crítica de Michel Foucault à antropologia. **Tese (Doutorado)**, Universidade Federal de São Carlos, 2015.

SORIA, Ana Carolina Soliva. Freud, Binswanger e a concepção de *homo natura*. **Revista Dois Pontos**:. Curitiba, São Paulo, vol. 13, n. 3, pp. 125-141, dezembro de 2016

VENTURA, Rodrigo Cardoso. **Estética da existência**: Foucault e Psicanálise. Cogito v.9 n.9 Salvador 2008. *Disponível em*:  
[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-94792008000100014](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-94792008000100014).  
Acesso: 10.08.2015.

YASBEK, André C. “É preciso ser justo com Freud”: Michel Foucault e os desdobramentos de *História(s) da loucura*. **Princípios**. Natal, v. 22, n. 38 Maio/Ago. 2015, pp. 171-202.

\_\_\_\_\_. O louco e o sonhador: Jacques Derrida leitor de História da loucura, de Michel Foucault (notas sobre uma polêmica). **Revista Trágica: estudos de filosofia da imanência**, Rio de Janeiro, v.9 n. 2, 2016, pp. 21-40.

ŽIŽEK, Slavoj. **Como ler Lacan?** Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.